



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

IARA MÁIKELE PEREIRA DA SILVA

**O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA
NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: Análise Na E.M.E.F
Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba – Pará**

ITAITUBA - PA
2020

IARA MÁIKELE PEREIRA DA SILVA

**O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA
NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: Análise Na E.M.E.F
Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba - Pará**

Monografia de Graduação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia apresentada à Faculdade de Itaituba para obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Mestra Caren Alessandra Kluska

ITAITUBA - PA
2020

SILVA, Iara Máikele Pereira da.

O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: Análise Na E.M.E.F Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba/Pará – Iara Máikele Pereira da Silva. Itaituba: CLPP da FAI, 2020.

110 Fls.

Orientadora: Prof.^a Caren Alessandra Kluska, Ma.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2020.

1. Língua Inglesa. 2. Ensino Aprendizagem. I. KLUSKA, Caren Alessandra. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2020.

IARA MAIKELE PEREIRA DA SILVA

**O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA
NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: Análise Na E.M.E.F
Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba – Pará**

Monografia de Graduação do Curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia apresentada à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Mestra Caren Alessandra
Kluska

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: _____.
Prof^a Ma. Caren Alessandra Kluska

Avaliador: _____ Nota: _____.
Prof^o Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva

Avaliadora: _____ Nota: _____.
Prof^a Ma Raquel Peres Rocha

Resultado: _____ Média: _____.

Itaituba – PA, 17 de Abril de 2020.

A Deus que é a razão do meu viver, concedendo-me saúde e inspiração para que esta obra pudesse ser concluída. À minha família, em especial a minha avó (in memorian), quem mais sonhou para ver este momento, minha mãe, meu pai, ao meu namorado Glaycon Vieira e minha irmã que sem hesitação me apoiaram e me incentivaram continuamente.

Podemos inferir o espírito de uma nação em grande parte através de sua língua, que é um tipo de monumento para o qual cada indivíduo, no decorrer dos séculos, contribui com uma pedra.

(Ralph Waldo Emerson, 1845)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus da minha vida, o amado da minha alma, que é fiel e justo, e me alcança com sua infinita graça e misericórdia, ao qual me deu energia e garra para não desistir e continuar até o fim capacitando-me a cada dia mais em prol do seu reino, a Ele seja dada honra, glória e louvor.

Aos meus pais, Ivenilse Azevedo Pereira e Dorailton Oliveira Barbosa e minha irmã Iêda Maythele Pereira Barbosa pelo amor, cuidado, incentivo e investimento em mim quanto ao meu crescimento profissional e pessoal, que em nenhum momento deixaram de sonhar comigo, mas ensinando-me a conservar os princípios e valores desta vida e aos demais familiares meu avô João Pereira, meus pais de coração Ozenir Vieira e Valdecir Barbosa, meus tios Joakson Azevedo e Edvalda Oliveira.

Ao meu querido Glaycon Vieira Souza que acreditou em mim desde o início e tem sido meu confidente, amigo e amado namorado, que me apoiou e me auxiliou, me incentivando a prosseguir em todos os dias que tem estado do meu lado, quem me ensinou a olhar a vida com mais sensatez e amadurecer com as lições vividas.

Agradeço ainda a todos os integrantes do Projeto Amar e aos demais amigos que Jesus me deu nas pessoas de Gabriel Max, Valdelice Souza, Fabiana Almeida, Joarlison Vieira, Adriane Barros, Natiele Almeida, David Chaves, André Barros, Fábio Ribeiro, Milena de Lima, Maiara de Lima, Weillermann Cedrick, Emmanuelle Teixeira, Sanderson Chaves, meus irmãos na fé que ousaram acreditar em mim e sempre me apoiaram nos momentos mais difíceis da minha vida.

Aos bons amigos de classe da Faculdade de Itaituba que tive o prazer de conhecer nessa jornada acadêmica, em especial Naiane Rocha, Simayan do Nascimento, Larice Nunes e Cleubimar Santos, que me inspiram a ser melhor.

A professora Caren Alessandra Kluska, que de maneira atenciosa e prestativa me orientou durante a elaboração desse trabalho, pela paciência que teve comigo que confiou em minha pessoa dando forças para prosseguir.

Aos meus chefes Hugo Márcio e Vanja Marra e aos demais colegas de trabalho da empresa Acari Materiais de Construções, por me apoiarem na conclusão dessa jornada, acreditando no meu potencial.

A todos os colaboradores dessa pesquisa, professores e alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso.

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo a análise de dados referente ao processo de ensino aprendizagem da Língua Inglesa nas escolas públicas, através dos seguintes questionamentos: Quais metodologias são utilizadas nas aulas de Língua Inglesa? Quais os principais desafios enfrentados no processo de ensino aprendizagem da Língua Inglesa nos anos finais do ensino fundamental? Quais os fatores que favorecem o processo de ensino aprendizagem da Língua Inglesa na escola? Para que pudesse reconhecer as práticas pedagógicas e desafios enfrentados em geral, ao verificar através de dados históricos como foi inserida a Língua Inglesa como disciplina nas escolas públicas brasileiras e sua trajetória até os dias atuais; ao identificar as metodologias utilizadas na sala de aula para facilitação no processo de ensino aprendizagem; e apontar os desafios enfrentados pelo professor no ensino da Língua Inglesa com olhos para as práticas de ensino em sala de aula. Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado um estudo bibliográfico e pesquisa de campo, na qual teve como sujeito da pesquisa duas professoras e sessenta e três alunos de turmas de 6º a 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba-PA, onde os professores responderam a um questionário com 09 perguntas e os alunos a um questionário com 11 perguntas abertas e fechadas. Compreendeu-se então que há certas falhas nesse processo, porém há muitos fatores que o favorecem, levando o aluno a se tornar crítico e reflexivo sobre as influências exercidas a partir do aprender em inglês. A partir desta análise, considerou-se que é necessário, portanto envolver o aluno a partir de atividades que o permitam utilizarem a língua em sala de aula e fora dela, através de músicas, saudações e cumprimentos, filmes, conversações, dinâmicas, atividades que dinamizem e despertem no aluno o interesse em aprender, permitindo ainda o trabalhar de forma específica quanto às dificuldades de cada aluno. Desta forma, o professor precisa estar em conexão com as teorias de aprendizagem e teorias de linguagem que contribuem para os estudos das abordagens que direcionam quais os métodos e técnicas a serem desenvolvidas nas práticas de ensino e assim cooperarem para que haja melhorias no processo ensino e aprendizagem da língua inglesa.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Língua Inglesa. Escolas Públicas.

ABSTRACT

This research aimed to analyze data on the process of teaching and learning English in public schools, through the following questions: what methodologies are used in English language classes? What are the main challenges faced in the process of teaching and learning the English language in the final years of elementary school? What are the factors that favor the process of teaching and learning English at school? In order to recognize the pedagogical practices and challenges faced in general, to verify through historical data how the English language was inserted as a discipline in Brazilian public schools and its trajectory to the present day; By identifying the methodologies used in the classroom to facilitate the teaching-learning process; And point out the challenges faced by the teacher in the teaching of the English language with eyes to teaching practices in the classroom. For the development of the research was used a bibliographic study and field research, which had as research subject two teachers and sixty-three students from classes of 6th to 9th year of Elementary School Municipal Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso in Itaituba-PA, where teachers answered a questionnaire with 09 questions and students to a questionnaire with 11 open and closed questions. It was then understood that there are certain flaws in this process, but there are many factors that favor it, leading the student to become critical and reflective about the influences exerted from learning in English. From this analysis, it was considered that it is necessary, therefore, to involve the student from activities that allow them to use the language in the classroom and outside it, through songs, greetings and cumcumin, movies, conversations, dynamics, activities that dynamize and awaken the interest in learning, also allowing the work specifically on the difficulties of each student. Thus, the teacher needs to be in connection with learning theories and language theories that contribute to the studies of approaches that direct which methods and techniques to be developed in teaching practices and thus cooperate so that there are improvements in the teaching and learning process of the English language.

Keywords: Teaching. Learning. English Language. Public Schools.

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

LE – Língua Estrangeira

LI – Língua Inglesa

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCN – Parâmetro Curricular Nacional

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Como você classificaria seu interesse na aprendizagem de uma Língua Estrangeira (Língua Inglesa), além da sua língua materna (Língua Portuguesa)? Justificativas.	77
Tabela 2: De que formas se utilizam a Língua Inglesa fora da sala de aula?	82
Tabela 3: Existem 3 (três) eixos que direcionam o ensino da Língua Inglesa, Oralidade (Conversação), Leitura e Escrita, quais deles chamam mais a sua atenção para aprender a Língua Inglesa? Justificativas..	86
Tabela 4: Você considera o livro didático/apostila suficiente para aprender a Língua Inglesa? Justificativas.	89
Tabela 5: Quais são as dificuldades que você tem em aprender a Língua Inglesa? .	90
Tabela 6: O que deveria ser feito para melhorar o ensino de Língua Inglesa na sua escola?	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Que impacto teve a obrigatoriedade do ensino da língua inglesa a partir do 6º ano com a LDB De Nº 13.415 De 16 De Fevereiro De 2017?	68
Quadro 2 – Você acredita que somente o livro didático ou apostila selecionada é necessário para se abordar os pontos observados pela BNCC?	69
Quadro 3 – Quais as metodologias utilizadas por você em sala de aula, durante as aulas de Língua Inglesa?	70
Quadro 4 – Em quais atividades os alunos demonstram mais interesse pelo aprendizado da Língua Inglesa?	71
Quadro 5 – Com que frequência, você utiliza recursos didáticos além do livro didático ou apostila? Qual (is)?	72
Quadro 6 – Como se dá a avaliação dos alunos no decorrer do bimestre?	73
Quadro 7 – Você já realizou alguma formação além da graduação em relação a sua atuação na Língua Inglesa? Se sim, qual (is)?.....	73
Quadro 8 – Em sua opinião, para ministrar aulas da disciplina de Língua Inglesa, é necessário ser fluente ou falante da língua?	74
Quadro 9 – Quais os desafios enfrentados e o que deveria ser feito para melhorar a qualidade do ensino da mesma na sua escola?.....	75
Quadro 10 – Se sim, você acredita que aprendeu mais lá do que na escola ao qual você estuda?	80

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Alunos Entrevistados Por Turma..	66
Gráfico 2 – Faixa Etária dos Alunos Entrevistados..	67
Gráfico 3 – Como você classificaria seu interesse na aprendizagem de uma Língua Estrangeira (Língua Inglesa), além da sua língua materna (Língua Portuguesa)? ...	76
Gráfico 4 – Sobre o ensino da Língua Inglesa na sua escola, você considera?	78
Gráfico 5 – Você faz ou fez algum curso de inglês em instituição específica de ensino de idiomas?	79
Gráfico 6 – Com que frequência você utiliza a Língua Inglesa fora da sala de aula?	81
Gráfico 7 – Com que frequência acontece momentos de interação na sala de aula, com conteúdos específicos da Língua Inglesa (Músicas, Filmes, Conversação)? Alunos P ¹	83
Gráfico 8 – Com que frequência acontece momentos de interação na sala de aula, com conteúdos específicos da Língua Inglesa (Músicas, Filmes, Conversação)? Alunos P ²	83
Gráfico 9 – Sobre sua participação em relação a seminários, eventos da escola, realização de atividades em livros didáticos ou apostilas ou provas referente à Língua Inglesa, você consegue realizar todas com facilidade? Alunos de P ¹	84
Gráfico 10 – Sobre sua participação em relação a seminários, eventos da escola, realização de atividades em livros didáticos ou apostilas ou provas referente à Língua Inglesa, você consegue realizar todas com facilidade? Alunos de P ²	85
Gráfico 11 – Existem 3 (três) eixos que direcionam o ensino da Língua Inglesa, Oralidade (Conversação), Leitura e Escrita, quais deles chamam mais a sua atenção para aprender a Língua Inglesa?	86
Gráfico 12 – Quais os recursos você utiliza para tradução de palavras, textos, frases sugeridos em atividades pelo professor (a) na sala de aula? Alunos P ¹	87
Gráfico 13 – Quais os recursos você utiliza para tradução de palavras, textos, frases sugeridos em atividades pelo professor (a) na sala de aula? Alunos P ²	88
Gráfico 14 – Você considera o livro didático/apostila suficiente para aprender a Língua Inglesa? Justifique.....	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. ABORDAGEM HISTÓRICA SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA	16
1.1 CONCEPÇÃO DA LÍNGUA INGLESA	16
1.1.1 Inglês Antigo (Old English)	19
1.1.2 Inglês Médio (Middle English)	20
1.1.3 Inglês Moderno (Modern English)	21
1.2 O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS	24
1.3 INSERÇÃO DA LÍNGUA INGLESA COMO DISCIPLINA OBRIGATÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS BRASILEIRAS	28
1.4 O PAPEL DA LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS BRASILEIRAS	32
2. O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA LINGUA INGLESA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	36
2.1 OS ALUNOS MATRICULADOS E AS METODOLOGIAS	36
2.2 OS PROFESSORES E A DIDÁTICA ADOTADA NA SALA DE AULA	44
2.3 DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS DE ENSINO	48
2.4 RECURSOS METODOLÓGICOS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA	55
3. PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA LINGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE NA E.M.E.F BRIGADEIRO HAROLDO COIMBRA VELOSO, ITAITUBA – PARÁ	61
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	61
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	63
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	65
3.4 ANÁLISE DA PESQUISA COM OS ENVOLVIDOS	67
3.4.1 Percepções dos Professores sobre o Processo de Ensino Aprendizagem da Língua Inglesa	68
3.4.2 Percepções dos Alunos sobre o Processo de Ensino Aprendizagem da Língua Inglesa	76
3.5 SUGESTÕES DE MELHORIAS	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO PROFESSORES	102
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO ALUNOS	104
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PROFESSORES	106
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO ALUNOS.....	108

INTRODUÇÃO

O Ensino da Língua Inglesa como disciplina de Língua Estrangeira nas escolas públicas brasileiras tem evidenciado grande relevância em uma sociedade em constante evolução e globalizada, tornando-se prática essencial para a vida do cidadão brasileiro. Ao compreender o contexto do processo de ensino aprendizagem da Língua Inglesa nos anos finais do Ensino Fundamental bem como suas práticas cotidianas no decorrer deste processo e ainda sua importância para a formação dos alunos nas escolas públicas, observa-se então como o ser humano está movido a se conectar cada vez mais com o mundo que o cerca, utilizando esta língua como uma ferramenta para construir novos relacionamentos, ideais e até mesmo revolucionar toda uma geração.

Desta forma foram elaborados os objetivos deste trabalho, sendo o objetivo geral: reconhecer as práticas pedagógicas e desafios enfrentados nos anos finais do Ensino Fundamental quanto ao processo de ensino aprendizagem da Língua Inglesa, e para tal propósito, seguiram-se os passos dos objetivos específicos de verificar através de dados históricos como foi inserida a Língua Inglesa como disciplina nas escolas públicas brasileiras e sua trajetória até os dias atuais; identificar as metodologias utilizadas na sala de aula para facilitação no processo de ensino aprendizagem; apontar os desafios enfrentados pelo professor no ensino da Língua Inglesa com olhos para as práticas de ensino em sala de aula.

Neste sentido diversas pesquisas e estudos têm sido feitos relacionados aos desafios enfrentados pela aplicação da Língua Inglesa como disciplina no cotidiano dos alunos em escolas públicas, ao levar em consideração as necessidades de melhorias em virtude dos aspectos estruturais das escolas e ainda a disponibilização de materiais didáticos adequados para que os alunos que frequentam escolas públicas tenham a mesma oportunidade de aprendizagem desse idioma, tanto quanto alunos de escolas particulares. Sendo necessário olhar de maneira ampla para se entender o ensino da língua inglesa como língua estrangeira como obrigatória a partir de novas leis vigentes na grade curricular das escolas públicas, do alunado aos professores, do ambiente escolar às metodologias utilizadas em sala de aula e ainda dos recursos disponíveis para ofertar uma educação de qualidade.

Há diversos fatores que podem influenciar a realidade de tais indivíduos, portanto a inquietação que motivou a investigação foi como ocorre este processo de

ensino aprendizagem e como a falta de incentivo aos profissionais responsáveis por repassar esse conhecimento, capacitação específica para os mesmos, condições de contratação e salário baixo, falta de recursos didáticos pedagógicos e tecnológicos para a aplicação de uma aula mais dinâmica, turmas grandes e heterogêneas, pouca relevância por parte dos alunos e até mesmo da escola quanto ao processo de ensino aprendizagem da língua inglesa e seu desenvolvimento que contribuem de maneira negativa dificultando a aplicação das metodologias, técnicas e estratégias utilizadas em sala de aula. Mediante o exposto foram propostas as seguintes questões de pesquisa, direcionadoras deste estudo: Quais metodologias são utilizadas nas aulas de Língua Inglesa ao alunado das escolas públicas? Quais os principais desafios enfrentados no processo de ensino aprendizagem da Língua Inglesa nos anos finais do ensino fundamental? Quais os fatores que favorecem o processo de ensino aprendizagem da Língua Inglesa na escola?

Diante disso, foram considerados como base para os respectivos resultados os dados fornecidos pelos professores e alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, participantes da pesquisa. Como base teórica deste trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográficas em livros, artigos e sites especializados no ensino de língua inglesa, a fim de confrontar teoria e prática. Aplicou-se ainda uma pesquisa de campo para a qual foram selecionados os participantes a partir do critério do envolvimento no processo de ensino aprendizagem da Língua Inglesa na E.M.E.F Haroldo Coimbra Brigadeiro Veloso em Itaituba – Pará, através de aplicação de questionários, a partir de uma abordagem predominantemente qualitativa descritiva e análise de dados.

Seguindo esta ideia, seguiram-se os objetivos propostos para esta monografia resultando na seguinte estrutura de trabalho: a divisão de três capítulos seguidos de seus respectivos tópicos e subtópicos. O primeiro apresenta uma breve fundamentação teórica em que são discutidas a concepção histórica da língua inglesa no Brasil, assim como sua trajetória nas escolas públicas brasileiras. O segundo capítulo traz descrições dos principais sujeitos da pesquisa (professores e alunos) envolvendo o processo de ensino aprendizagem da língua inglesa assim como metodologias, práticas de ensino e recursos metodológicos e o último capítulo refere-se à descrição da pesquisa de campo e análise de resultados obtidos no trajeto da investigação, seguido pelas considerações finais do trabalho.

1. ABORDAGEM HISTÓRICA SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

1.1 CONCEPÇÃO DA LÍNGUA INGLESA

Para uma abordagem mais detalhada em relação à concepção da Língua Inglesa, é necessário compreender o conceito de Língua em sua estrutura e forma, ao qual nesta perspectiva Santanna, Spaziani e Góes (2014, p. 11) consideram que “a língua, fato social representada principalmente pela linguagem oral, evidencia seu diacronismo a partir dos duelos entre povos dominantes e dominados”, que durante o processo de evolução histórica a língua foi encontrando seu espaço, nas guerras travadas pelos povos que dantes existiam, através da junção de diversos dialetos caracterizando os povos a definir uma identidade cultural específica para os mesmos.

Segundo Colet (2019, p.20) “a língua, como prática social, está intimamente conectada ao pensamento linguístico dos sujeitos falantes como linguagem existente num conjunto de contextos existentes”, portanto a língua se adequa conforme a cultura dos falantes e os contextos ao qual convivem, ressaltando suas características sociais e estabelecendo a relação de ideias compartilhadas a partir da linguagem que a língua transforma envolvendo pensamentos, fala e comunicação.

A linguagem é um recurso de comunicação que caracteriza o homem, e traduz sua evolução desde sua forma primitiva (pictórica) até a capacidade de ler e escrever. [...] a utilização da linguagem envolve não apenas a linguagem verbal, mas linguagens musical, visual e corporal, mobilizadas integralmente na vida social, construindo, saberes múltiplos que permitem ao homem atuar efetivamente. (COLET, 2019, p. 20).

De certo, que a partir dessa definição de linguagem, pode-se então adentrar com mais ênfase concernente ao processo de construção da língua inglesa e do seu ensino entre os povos primitivos até os povos contemporâneos para então chegar ao ápice da relevância do ensino da Língua Inglesa para a formação de cidadãos críticos e que tipo de influência é exercido sobre os seus falantes nativos ou falantes como segunda língua adquirida, demarcando seus interesses e tradições. A evolução da língua como citado acima pela autora contempla as formas como cada povo se desenvolve, seja através dos superiores (dominantes) como através dos

inferiores (dominados), neste contexto, a estrutura da língua inglesa começa a criar raízes para então se tornar uma língua franca e universal.

Crystal (2011, p. 30) questiona “até onde temos que voltar para encontrar as origens do inglês global?” compreendendo a importância de se entender tal narrativa, para então ressaltar em seguida que “em certo sentido, a linguagem sempre esteve em movimento. Assim que chegou à Inglaterra, vinda do norte da Europa, no Século V, começou a espalhar-se pelas Ilhas Britânicas” (CRYSTAL, 2011, p. 30) e esse espalhar se deu de início pela invasão dos Anglos e Saxões as terras britânicas que trouxeram consigo traços da cultura germânica, misturando-se com os traços da cultura romana e das linguagens já presentes antes de sua chegada as terras europeias construindo novos traços da língua inglesa, por serem consideradas umas das três maiores nações Germânicas do norte, a considerar a nação dos Jutos, que pouco tiveram influência sobre o que a língua inglesa representa hoje, portanto o autor citado acima enfatiza que “o inglês é um membro do ramo ocidental da família germânica de línguas e é a mais próxima em estrutura do frísio, embora quase nada se saiba sobre os antigos frísios e seu papel nas invasões da Grã-Bretanha.” (CRYSTAL, 2019, p.6).

Em contraste com o surgimento da língua inglesa Crystal (2019, p. 8) denota que “antes das invasões Anglo-Saxônicas, a língua ou língua falada pelos habitantes nativos das ilhas britânicas pertencia à família Celta, introduzida por um povo que tinha vindo para as ilhas em meados do primeiro milênio A.C”. E para encerrar esse ciclo os Anglos e Saxões juntaram forças estabelecendo territorialidade, para guerrear contra outros povos que buscavam conquistar as terras europeias, e por muito tempo saíram vitoriosos, exercendo grande influência em uma nova linguagem que destacava sua cultura, tradição, identidade mesclando palavras do latim, celtas, germânicas e posteriormente francesas.

A luta continuou por várias décadas, mas a imposição do poder Anglo-Saxão nunca esteve em dúvida. Durante um período de cerca de cem anos, outros grupos de imigrantes continuaram a chegar, e os assentamentos Anglo-Saxões se espalharam para todas as áreas, exceto as terras altas do Oeste e Norte. No final do Século V, a fundação foi estabelecida para o surgimento da Língua Inglesa. (CRYSTAL, 2019, p. 7).

A Língua Inglesa começa a passos lentos criar forma, até mesmo na origem etimológica da palavra “Inglês”, pois conforme Crystal (2019, p. 7) “o nome da língua

encontrada em textos do Old Elgish (Velho Inglês) são referidos como “*Englisc*” (a ortografia ‘sc’ que representa o som ‘sh’). Referências ao nome do país como ‘*Englaland = Terra dos Anglos*’” confirmando a vitoriosa conquista dos Anglo-saxões sobre as terras Britânicas, prevalecendo os traços linguísticos sobre a nova língua a ser formada em dialetos em sua maioria germânicos, limitando o dialeto dos celtas a poucas palavras hoje encontradas na Língua Inglesa, exercendo superioridade sobre os povos anteriores e posteriores que viriam tentar tomar as terras dos mesmos, prevalecendo até os dias atuais.

A língua inglesa teve grande inserção no mundo desde o século XIX, e foi se transformando em um idioma de comunicação internacional, potencializando ainda mais a comunicação global em áreas como a educação, os negócios e as mídias – sobretudo por meio da internet. (NORTE, 2013, p. 11).

Em contribuição a narrativa histórica da origem da língua inglesa, Campos (2006, p. 9) declara que “os vestígios mais primitivos da origem do idioma inglês remontam para o período de migração de algumas tribos germânicas do século V, embora não existam registros de que a língua falada nessa época tenha sobrevivido”. Devido a isto, compreende-se que foram necessárias muitas mudanças na trajetória da construção da língua inglesa como uma língua franca. Sabe-se que alguns estudos revelam diversas fases da origem do idioma em si. A autora citada acima ainda descreve como algumas dessas fases e seus respectivos períodos, o “Old English (Velho Inglês ou Anglo Saxão) – séculos V ao XII, Middle English (Médio Inglês) – séculos XII ao XV e Modern English (Inglês Moderno) – século XV aos dias de hoje” (CAMPOS, 2006, p. 9).

Cada fase se distingue não somente pelas diferentes épocas ao qual existiram ou ainda existem, mas como também pela estrutura gramatical aplicada, pela inserção de vocabulários de palavras de outros idiomas, culturas e povos distintos que influenciaram o contexto da construção da Língua Inglesa, desde a colonização e a civilização das massas até os dias atuais, onde a mídia e o avanço da tecnologia se sobrepõem diante os acontecimentos que movimentam o mundo. Em complemento Pires (2002, p. 23) compreende que “a formação da língua inglesa é o resultado da invasão e colonização das Ilhas Britânicas por diferentes povos com línguas diferentes” afirmando tais narrativas mencionadas anteriormente.

1.1.1 Inglês Antigo (Old English)

Crystal (2019) considera que o Inglês Antigo, ou em sua forma original *Old English*, é caracterizado como os primeiros traços evidentes da língua inglesa, com seu alfabeto rúnico onde cada símbolo passou a se remeter a determinada pronúncia posteriormente, formando assim palavras que os povos daquela época utilizavam para comunicar-se em vários contextos do seu cotidiano. Tendo em vista que muito se relaciona esta primeira fase da língua inglesa a história dos Anglo-Saxões, a suas tradições e origens. Sobre a temática, o autor compreende também em um breve resumo que:

O nome Anglo-Saxão passou a referir-se no século XVI a todos os aspectos do período inicial do povo, cultura e língua. É ainda a maneira usual de falar sobre o povo e a história cultural; mas desde o século XIX, quando a história das línguas passou a ser estudada em detalhe, o Inglês Antigo (Old English) tem sido o nome preferido para a língua. Este nome enfatiza o contínuo desenvolvimento do Inglês, desde os tempos dos Anglo-Saxões até os dias de hoje, e é o uso do livro atual. Alguns autores, no entanto, ainda usam o termo Anglo-Saxão para a língua, a escolha deste nome reflete a sua visão de que a natureza da língua neste período inicial é muito diferente do que é mais tarde a ser encontrado sob o título de Inglês. (CRYSTAL, 2019, p. 8).

Confirmando assim a intrínseca ligação dos povos Anglo-Saxônicos com a origem da língua inglesa, sendo esta, por sua vez, primordial da formação da base a estruturar o vocabulário inglês, nas quais algumas das palavras existentes neste primeiro período permanecem vivas na comunicação de falantes nativos ou falantes como segunda língua adquirida até as fases seguintes. Durante este processo de formação e construção da Língua Inglesa, alguns aspectos passaram a serem estudados para melhor definição do que representou para o que se pode compreender da mesma nos dias atuais, tais aspectos foram o Corpus Linguístico, a Literatura, as Cartas, os Sons ou Pronúncias, a Gramática, o Vocabulário e os Dialeto presentes no período do Inglês Antigo. (CRYSTAL, 2019).

Cabe destacar ainda a presença e influência do Latim através do cristianismo em que através de relatos históricos é ressaltado que “seria um exagero considerável sugerir que Santo Agostinho trouxe o Cristianismo para a Grã-Bretanha. Esta religião já tinha chegado através da invasão romana, e no século IV tinha sido realmente dado status oficial no Império Romano.” (CRYSTAL, 2019, p. 10) e muitos acreditam sem conhecer os fatos que a presença do Latim já era

extremamente marcante, as quais suas características linguísticas já pertenciam aos dialetos dos habitantes antes das invasões dos povos germânicos, emoldurando uma língua diferente das que já estavam habituados. E ainda efeitos do Nórdico que trouxeram traços da cultura dos Vikings, sendo considerada como “a segunda grande invasão linguística [...] como resultado dos ataques Vikings na Grã-Bretanha, que começaram em 787 D.C e continuaram em intervalos por cerca de 200 anos”, (CRYSTAL, 2019, p. 25) nos quais tais intervalos foram suficientes para deixar suas marcas na Língua Inglesa.

1.1.2 Inglês Médio (Middle English)

Na perspectiva de Crystal (2019, p. 30) o período do Inglês Médio caracteriza-se pela “decadência gradual das tradições e práticas literárias anglo-saxônicas, sobrepondo-se com a emergência repentina do letramento francês e latino, dá a maior parte deste período um caráter esquivo e desfocado”, analisando que devido as invasões francesas entre os séculos XII e XV, houve certo questionamento quanto à sobrevivência da Língua Inglesa, ao compreender que a Língua Celta não resistiu à chegada dos Anglo-Saxões, poderia também esta não sobreviver a chegada da língua francesa como evidenciado acima.

Eventualmente, “o Inglês Médio desenvolveu-se a partir do Inglês Antigo (uma visão comumente aceita). O Inglês Antigo passou por muitas mudanças gramaticais fundamentais, incorporou muito do vocabulário Nórdico (ao longo de dois séculos)” (EMONDS; FAARLUND, 2014, p.44), contribuindo de maneira evidente e substancial à origem do “Middle English” (Inglês Médio) e destacando tais peculiaridades na época de vigência da língua em formação em relação aos seus dialetos, sua literatura, suas pronúncias, sons, suas cartas, sua comunicação entre os povos que prevaleceram mesmo com a Conquista Normanda dos franceses, trazendo consigo seus aspectos e identidade culturais à língua inglesa, que dantes como citara o autor acima possuía influência direta dos Nórdicos que há alguns séculos já se situavam nas terras britânicas.

Todos os principais fatos e acontecimentos históricos que mais exerceram influência concernente à existência e origem da Língua Inglesa surgem essencialmente na Inglaterra, e por este motivo devido as diversas invasões as terras britânicas, nessa época eram acompanhados o desenvolvimento e elevado

status adquiridos quanto a política e a economia da Grã-Bretanha, levando as áreas mais formais a se desenvolverem através da Língua Francesa. Por conseguinte há tantas palavras da Língua Francesa no vocabulário e no cotidiano dos falantes nativos de Língua Inglesa, e ainda como definem Emonds e Faarlund (2014, p. 25) “a transição do Inglês Médio para o Moderno coincidiu com um período de grande expansão nacional, enquanto a transição do Inglês Antigo para o Inglês Médio ocorreu durante o oposto, um período de privação e derrota nacional.”. Diante desta afirmação a língua inglesa esteve em seus momentos de fragilidade, mas ao conseguir superar tais desafios, foi capaz de se fortalecer no meio existente.

Portanto, segundo Crystal (2019, p. 41) “no início do Século XV, a Ortografia Inglesa era uma mistura de dois sistemas, o Inglês Antigo (Old English) e o Francês” no qual passaram a serem traços da conquista de espaço da Língua Inglesa em meio a conflitos políticos e econômicos, já que mesmo diante das invasões francesas poucos eram os habitantes falantes nativos da língua francesa, prevalecendo assim a Língua Inglesa desde a classe dos mais pobres e desafortunados as classes mais altas da época, disseminando então o fim de um período de consolidação do Inglês Médio e caminhando um passo a mais para um novo rumo do mesmo, trazendo até os dias atuais suas características que o conceituam como língua franca.

O período do Inglês Médio (Middle English) é particularmente interessante porque mostra de onde vieram várias características importantes da gramática inglesa moderna. Ele também fornece uma perspectiva útil para os argumentos atuais sobre o uso do Inglês, como uma série de questões que são condenadas como desleixos do Século XXI estão bem em evidência desde os primeiros tempos. (CRYSTAL, 2019, p. 45).

A partir desta ampla visão sobre as peculiaridades da Língua Inglesa, Crystal (2019) compreende que é necessário fazer uma breve retrospectiva do que a mesma significou no passado diante de traços culturais permanentes na atualidade e referente as questões abordadas nos âmbitos político, econômico, social, cultural e religioso no que se pode definir quanto ao processo de desenvolvimento de cada povo estritamente na formação quanto a identidade de cada indivíduo como cidadão crítico e participante ativo da sociedade ao qual faz parte.

1.1.3 Inglês Moderno (Modern English)

O Inglês Moderno ou “Modern English” subdivide-se em duas fases, o Início e a Consolidação conforme estudos realizados pelo autor David Crystal (2019) para a produção de uma das obras pela Universidade de Cambridge (Cambridge University) na Inglaterra, Enciclopédia da Língua Inglesa (Encyclopedia of the English Language), abordando pontos fundamentais da trajetória da Língua Inglesa, e em específico no que se refere ao Inglês Moderno é destacado desta maneira, já que o mesmo perdura desde o século XV até os dias atuais, compreendendo sua significativa relevância na sociedade.

Não há dúvida de que um período inicial do Inglês Moderno (Modern English) precisa ser reconhecido na história do Inglês. O salto do Inglês Médio (Middle English) para o Inglês Moderno (Modern English) seria muito grande sem ele. Entre o tempo de Chaucer e o tempo de Johnson, cerca de 1400 a 1800, a linguagem continua a mudar de maneiras bastante perceptíveis, e há muitos pontos de diferença com o uso moderno. (CRYSTAL, 2019, p. 56).

Um período compreendido pela criação da primeira impressora, como declara Crystal (2019, p. 56) indicando que “é o advento da impressão em si que muitos consideram ser o fator chave, e esta seção começa em 1476, quando Willian Caxton montou sua imprensa em Westminster”, e este advento traz a língua inglesa uma nova forma e estrutura frente a sua consolidação, os primeiros textos impressos, a maneira como agora a escrita impressa se identifica e chama a atenção tanto de falantes nativos, como de outros povos, propagando através das notícias a sua relevância e o processo histórico ao qual a fizeram chegar a tal patamar.

Ainda neste primeiro momento do Inglês Moderno, a Língua Inglesa vai conquistando espaço em um período lembrado como o período das grandes navegações e “descobertas” do novo mundo compreendendo a exploração de terras longínquas e conquistas de novos territórios, a imprensa tornou-se aliada fundamental para propagar a língua inglesa nas principais metrópoles existentes e nos territórios que passaram a existir a partir de então, desde sua estrutura gramatical, ao vocabulário, sistemas de escrita e ainda seu estilo através dos textos compartilhados pela mídia impressa.

Dos muitos eventos deste período altamente agitado, aqueles com os maiores efeitos diretos sobre a língua são a introdução e disseminação da Imprensa, o Renascimento, a Reforma Protestante, os Recenseamentos, a Revolução Industrial, Exploração e Colonização e a Revolução Americana. (MILLWARDS; HAYES, 2011, p. 193).

Cada evento histórico citado acima pelos autores Millwards e Hayes (2011) exerceu forte influência quanto à nova fase de consolidação e universalização da Língua Inglesa. O renascimento trouxe consigo o interesse em traduzir escritos disponíveis somente no Latim e no Grego até então, mas este retorno à cultura clássica enriqueceu não apenas os dados históricos, mas ainda a evolução da Língua Inglesa, através da acessibilidade as pessoas das classes mais pobres terem acesso a texto que antes não entendiam por não terem condições de estudar. Enquanto que na Reforma Protestante, a tradução oficial e autorizada da Bíblia Sagrada na versão King James Version (KJV), consideradas como um dos resultados da separação entre protestantes e membros da Igreja Católica, confirmando que todos deveriam ter acesso as escrituras sagradas, consequentemente foi disponibilizado uma tradução mais popular, para que o máximo de pessoas pudesse ter acesso à mensagem divina.

Dentre estes fatores influentes, percebe-se ainda no decorrer desta fase de consolidação a influência de William Shakespeare a partir de suas obras literárias, ao qual enfatiza Crystal (2019, p. 62) que “‘Influência’ não se refere aqui à forma como essas obras usam a linguagem de uma forma bela ou memorável. [...] a presente seção não se preocupa principalmente com questões de excelência estética ou de mutabilidade”, sendo assim a influência aqui parte do princípio de que o Inglês veio a se tornar e tem se tornado, em aspectos minuciosos e não somente externos, mas ainda em suas características culturais, sociais, econômicas e por não dizer científicas e tecnológicas, já que com a Revolução Industrial se tornou uma ferramenta de grande valia para a manifestação de descobertas científicas, colocando em ênfase cientistas renomados em evidência diante aos novos avanços de tecnologias.

Portanto, diante de seu crescimento e sua importância no mundo cada vez mais globalizado, “[...] a língua inglesa passou a ser o elo nas informações relacionadas com as constantes descobertas e evolução da tecnologia; tanto no campo científico como nos círculos sociais do mundo civilizado” (PIRES, 2002, p. 25) ganhando espaço como língua franca se tornando uma língua universal e necessária não somente em seus países de origens, mas entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, tornando-se, portanto, uma das principais ferramentas para negociações, intercâmbios, acordos e principalmente no que se refere aos avanços da educação e a tecnologia. Harmer acentua que “embora o inglês não seja o idioma

com o maior número de falantes nativos ou ‘primeiro’ idioma dos falantes, ele se tornou uma língua franca.” (2003, p.1).

A língua inglesa por muito tempo foi, e ainda é em alguns casos, tratada como: a língua internacional, e por isso é vista como sendo padronizada (homogênea), [...] Essa perspectiva faz com que se alimente de forma mais acentuada a crença de que para se falar bem o inglês, o aluno deve falar e porque não agir como o nativo da língua padrão. (KALVA; FERREIRA, 2011 p. 717).

Conforme exposição das autoras acima citadas, a predominância da língua inglesa, não influencia apenas a maneira como um povo se comunica, mas ainda influenciam seus costumes, tradições, crenças e valores interligados a cultura de um povo, contribuindo para a “homogeneização” ou “padronização” da língua, não sendo suficiente o falar, mas o viver a cultura que a língua inglesa traz consigo. Messias e Norte (2013, p. 22) em pesquisas realizadas sobre o referido assunto destacam que “o primeiro manual para o ensino do inglês como língua estrangeira que se tem notícia foi escrito por Willian Caxton, por volta de 1483, para satisfazer as necessidades comerciais da época”, sendo assim desde então se compreende que o ensino vem para atender não somente necessidade de relações pessoais, mas econômicas, sociais, educacionais e científicas.

Ao considerar a Língua Inglesa como percussor do conhecimento e das relações internacionais, analisa-se a contextualização histórica e seu crescimento muito recente e repentino, porém há muito que se descobrir, diante das situações em que a língua inglesa se encontra. Como ressalta Pires (2002, p. 30) “o Inglês é o ‘latim do século XX’, fadado a continuar a ser, num mundo cada vez mais internacionalizado, o veículo transportador de conhecimento tecnológico, científico e cultural.”. E mesmo no presente século XXI, é notável a crescente manifestação da Língua Inglesa nos pontos vitais da sociedade afirmando o que especialistas do século passado já previam, tendo em vista sua relevância para o Brasil e o mundo.

1.2 O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Para se compreender como surgiram os primeiros movimentos relacionados a inclusão de uma língua estrangeira na grade curricular das escolas do Brasil, é necessário entender o que é o ensino de línguas e qual a sua justificativa social para ser implementado o estudo de uma língua não oficial do país. De acordo com o

Parâmetro Curricular Nacional (PCN) de Língua Estrangeira (LE), no 3º e 4º Ciclo do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998, p. 20) “a inclusão de uma área no currículo deve ser determinada, entre outros fatores, pela função que desempenha na sociedade. [...] isso requer uma reflexão sobre o seu uso efetivo pela população” a considerar que este uso não se encontre apenas através da oralidade, mas de leitura de textos técnicos que impulsionem o leitor a organizar as ideias através da crítica construtiva e seja conduzido a uma relevante participação ativa como cidadão em sua integridade. Eventualmente, “o uso de uma língua estrangeira parece estar, em geral, mais vinculado à leitura de literatura técnica ou de lazer” (BRASIL, 1998, p.20).

Na perspectiva de Messias e Norte (2013, p. 21) diante do trajeto histórico referente ao ensino de línguas estrangeiras, o mesmo “remonta há muitos anos, e a primeira prova de sua existência data aproximadamente do ano 3000 a.C., quando os acadianos aprenderam o sistema de escrita dos sumérios”, demonstrando significativamente de como para que um povo tenha domínio sobre o outro, é necessário também dominar a sua linguagem para que possa expandir aos povos conquistados, sua cultura, sua economia, tradições e costumes deixando sua marca através dos tempos.

No século XIX, podemos identificar três etapas em relação ao ensino de Língua estrangeira. Na primeira, acontece uma lenta incorporação das Línguas estrangeiras no currículo das escolas secundárias; na segunda (por volta dos anos 1850), surge o ensino utilitário que foi decorrente da aproximação das nações europeias, em um contexto em que as pessoas sentiam interesses e necessidades práticas para aprenderem línguas. (MESSIAS; NORTE, 2013, p. 22).

Diante das três etapas apresentadas pelos autores citados, o ensino de línguas acompanhou então o desenvolvimento das línguas que vinham surgindo no decorrer do processo histórico de povos distintos, que demonstraram forte influência no crescimento e expansão de culturas ao redor do mundo, e como uma ferramenta essencial. Consequentemente, as escolas foram adicionando em suas grades curriculares o ensino das mesmas, conforme legislação específica referente à educação prestada por elas, sendo um processo lento e gradativo, já que a consolidação do Inglês Moderno (Modern English) se deu a partir do século XIX, com traços definitivos utilizados atualmente, considerando que foi um dos principais motivos para inserção de LE nas escolas, apresentando a sociedade em vigor a

possibilidade de aprender as características de uma nova linguagem diferente da sua, escolhendo a LE que melhor se adequa ao tempo e espaço social dos alunos envolvendo-os conforme o ambiente em que vivem.

Para Santana, Spazianni e Goes (2014, p. 13) “o ensino de língua se inicia no Brasil com o Método Gramática-Tradução, a partir de 1808, por causa da chegada da família real ao nosso país”, método este que analisava cada detalhe gramatical em sua totalidade, analisava a sua estrutura e palavras no seu sentido literal e ao pé da letra, compreendendo apenas a sua forma escrita e não a objetividade de sua oralidade e comunicação prevista, tornando-se de difícil entendimento quando se tentava compreender a real mensagem por trás da escrita no processo de tradução, demonstrando valorização da leitura e dos textos literários.

Aprender uma Língua Estrangeira (LE) é uma das maneiras de ampliar as possibilidades de visão de mundo, de conhecer diferentes culturas, e de estabelecer relações e conexões internacionais. A LE permite o acesso autônomo do indivíduo à ciência, tecnologia, economia, política, educação e cultura de outros povos. É, também, um instrumento de ascensão profissional, intelectual e social. (NORTE, 2013, p.11).

No Brasil, em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de nº 9.394 de 20 de novembro de 1996, o ensino da língua inglesa foi inserido na grade curricular das escolas públicas, sendo que segundo a lei tornava-se obrigatório pelo menos o ensino de uma língua estrangeira, abrindo espaço para a inserção da mesma, assegurando a aplicação obrigatória do ensino de uma língua estrangeira. Por conseguinte Teixeira e Silva (2017, p. 165) destacam que “as escolas públicas passaram a oferecer aos alunos o ensino da Língua Inglesa, porém a qualidade do ensino ainda não é suficiente para que os estudantes saiam bilíngues após quatro anos de ensino fundamental e três anos de ensino médio” ao qual é uma realidade que nos cerca e tem desmotivado muitos alunos a aprenderem a se comunicar no idioma sem ir para um curso de idioma extraclasse.

Mesmo a Língua Inglesa ganhando destaque, frente ao ensino de LE nas escolas brasileiras, para inserção de uma LE era necessário cumprir alguns critérios conforme o PCN de LE (BRASIL, 1998, p. 22) “pelo menos três fatores devem ser considerados, fatores históricos, fatores relativos às comunidades locais, fatores relativos à tradição”, estes fatores analisam a estrutura da língua em sua totalidade e complexidade, não somente para uso através da oralidade, mas pela compreensão

crítica que envolve tais características. Sejam estas características históricas que compreendem o papel da LE no seu contexto histórico, tanto local, como global, quanto ainda suas características das comunidades locais que se encontram presentes no meio em que vivem, possuindo relação direta com povos de outras culturas e outras línguas, seja familiar ou possuindo algum grau de parentesco, seja por imigração ou por aqueles que dantes habitavam em terras brasileiras como os povos indígenas. Concernente aos fatores que envolvem a tradição observam-se então as relações já dantes existentes entre brasileiros e estrangeiros desenvolvendo uma relação em favor de trocas, negociações e desenvolvimento do país.

Deve-se considerar também o papel do espanhol, cuja importância cresce em função do aumento das trocas econômicas entre as nações que integram o Mercado das Nações do Cone Sul (Mercosul). Esse é um fenômeno típico da história recente do Brasil, que, apesar da proximidade geográfica com países de fala espanhola, se mantinha impermeável à penetração do espanhol. (BRASIL, 1998, p. 22).

É nítido que o ensino de LE nas escolas brasileiras abriu um leque de possibilidades para estabelecer relações com outros países, possibilitando a criação de intercâmbios que auxiliam na capacitação do professor de LE, para que o mesmo esteja apto a lecionar não somente com teoria, mas com as experiências e ainda aos próprios alunos que puderam se conectar com a cultura de outros países, através de músicas, filmes, séries, notícias entre outros assuntos de interesse do mesmo. A Língua Inglesa e Espanhola foram umas das principais LE's escolhidas para fazer parte da grade curricular, cabendo à escola escolher a qual melhor se encaixava nos padrões conforme orientações da LDB.

Diante deste processo o ensino de LE vai promover aos alunos e professores a interação com a língua materna dos mesmos, permitindo-os realizar comparações entre ambas e desenvolver um senso crítico quanto à forma que se destaca e na construção de significados da língua em seus aspectos através da influência no contexto em que vivem. Conforme é ressaltado no PCN de LE, a partir desse encontro de língua materna e língua estrangeira, entende-se que existe um processo de aquisição da Língua em sua natureza sócio interacional e para que isso "[...] seja possível, as pessoas utilizam três tipos de conhecimento: conhecimento sistêmico, conhecimento de mundo e conhecimento da organização dos textos." (BRASIL,

1998, p. 29), esses conhecimentos passam a estabelecer condições em que os participantes deste processo de aprendizagem de uma LE precisam para poder construir tais significados.

Poucas questões no campo do Ensino de Inglês como Língua Estrangeira (LE) receberam tanta atenção quanto à questão de como ensinar gramática. Como componente central da linguagem, a gramática tem sido naturalmente uma preocupação central de teóricos e profissionais, e a história do Inglês como LE é marcada por um longo debate sobre quais modelos de gramática podem melhor informar descrições da linguagem para fins pedagógicos e quais os prováveis tipos de abordagens metodológicas que podem aprimorar a competência gramatical dos alunos. (PACKET, 2013, p. 249).

A abordagem supracitada pelo autor condiz especificamente com esses três tipos de conhecimentos como condicionantes para uma aprendizagem eficaz, sendo que o estudo da estrutura gramatical de uma LE está ligado ao conhecimento sistêmico, em suas características morfológicas, semânticas, fonéticas, léxicas e fonológicas, denotando a dificuldade contínua quanto a resposta do “porquê” é necessário compreender a história por trás do ensino de uma LE e como se deve aprimorar tal competência relativa a gramática a partir de sua língua materna, desenvolvendo uma visão de mundo ampla e em conformidade com a sua realidade.

Por fim, o ensino de LE nas escolas brasileiras, sejam elas públicas ou privadas mostrou-se relevante concernente às mudanças ocorridas no ano de 2017, quando a Legislação referente à Educação Brasileira, estabeleceu uma dessas línguas estrangeiras a ser ministradas nas salas de aulas como obrigatória, a Língua Inglesa, modificando os critérios estabelecidos anteriormente, porém jamais desvalorizando as outras LE's, todavia compreendendo a real importância de se ter em sua grade curricular uma língua que como mencionado em tópicos anteriores passou a ser universalizada e entendida como Língua Franca.

1.3 INSERÇÃO DA LÍNGUA INGLESA COMO DISCIPLINA OBRIGATÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

O crescente surgimento da Língua Inglesa no decorrer dos séculos despertou interesse de outros povos e culturas adeptos a outro idioma em seu cotidiano, portanto como “resultado de dois fatores: a expansão do poder colonial britânico, que atingiu seu pico no final do século XIX, e a emergência dos Estados Unidos da

América (EUA) como a principal potência econômica do século XX” (CRYSTAL, 2019, p. 112), a língua inglesa passou a se tornar a segunda língua oficial de muitos países desenvolvidos e posteriormente subdesenvolvidos, para que haja participação ativa dos cidadãos até mesmo em assuntos globais que envolvem seu povo e nação.

Portanto, no Brasil a LDB de nº 9.394 de 20 de novembro de 1996 que antes estabelecia a obrigatoriedade de apenas uma LE na grade curricular das escolas brasileiras de acordo com critérios estabelecidos, sofreu alterações através da lei de nº 13.415 de 16 de Fevereiro de 2017, tornando o ensino de Língua Inglesa (LI) obrigatório como disciplina na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a partir do 6º ao 9º Ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio (BRASIL, 2017), possibilitando um aprendizado unificado e maior enfoque das secretarias de educação em relação aos recursos didáticos e pedagógicos pré-estabelecidos para a realização de uma aula eficaz e dinâmica, levando o aluno a formar uma opinião própria e crítica frente as oportunidades que surgirão para desenvolver sua formação como cidadão brasileiro que pela leitura, oralidade e escrita compreende as informações compartilhadas pela utilização da Língua Inglesa.

Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias. (BRASIL, 2017, p. 241).

Desde então o ensino da língua inglesa vem traçando seu próprio caminho e ao mesmo tempo tem-se percebido a relevância e a necessidade do mesmo diante dos fatos sociais na formação de um indivíduo crítico e autônomo, capaz de observar e formar uma opinião própria quanto à sociedade e a si mesmo, não só no âmbito nacional, mas internacional. Pois, como destaca Colet (2019, p. 37) “indivíduos que se posicionam como questionadores munem-se de ferramentas para produzirem suas próprias leituras”. E a partir dessas leituras o mesmo passa a ter voz ativa no processo de construção de desenvolvimento da comunidade ao qual faz parte, contribuindo diretamente para os avanços na comunicação com outras culturas e tradições.

[...] o tratamento dado ao componente na BNCC prioriza o foco da função social e política do inglês e, nesse sentido, passa a tratá-la em seu status de língua franca. O conceito não é novo e tem sido recontextualizado por teóricos do campo em estudos recentes que analisam os usos da língua inglesa no mundo contemporâneo. Nessa proposta, a língua inglesa não é mais aquela do “estrangeiro”, oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa. (BRASIL, 2017, 241).

Portanto, a partir desta percepção, compreendeu-se a necessidade de incluir o ensino de LI em todas as escolas brasileiras, de maneira obrigatória, já que uma língua franca vai além da cultura do seu país de origem, é uma língua que transcende e possibilita a outros povos utilizarem-na como instrumento de conexões com o mundo em geral, disponibilizando as populações de classe mais baixa a oportunidade de adquirirem uma visão de mundo mais ampla e a possibilidade de ir além quanto aos acontecimentos sociais e culturais de sua própria comunidade, pois “o tratamento do inglês como língua franca o desvincula da noção de pertencimento a um determinado território e, conseqüentemente, a culturas típicas de comunidades específicas, legitimando os usos da língua inglesa em seus contextos locais”. (BRASIL, 2017, p. 242).

Como exemplo a existência de algumas esferas governamentais que têm buscado caminhos que solidificam a inserção do ensino da língua inglesa com qualidade nas escolas públicas, tanto quanto nas particulares para oferecer a população brasileira oportunidades de acompanhar os passos de outros países desenvolvidos e em desenvolvimento, já que devido à defasagem da educação pública brasileira e a falta de recursos necessários por muito tempo tem se mostrado inapta a suprir com os objetivos propostos tanto na LDB, PCN e BNCC, no qual necessitam de um olhar mais centrado para que se possam encontrar vias que modifiquem este quadro. Desta maneira, podem-se compreender essas esferas governamentais da seguinte forma:

O ensino do inglês no Brasil é regulamentado por diversas instâncias dentro de um modelo altamente descentralizado. São duas as principais instâncias decisórias que articulam as normas para a Educação Básica brasileira: a esfera federal, por meio da Constituição Federal, da Lei de Diretrizes e Bases, e dos Parâmetros Curriculares Nacionais; e as esferas estaduais e municipais, por meio das diretrizes das secretarias de Educação dos Estados e municípios. (BRASIL, 2015, p. 7).

Todavia, cabem a estas esferas governamentais oferecerem estruturas físicas – recursos metodológicos, Tecnologias de Comunicação Informatizadas (TIC's), materiais didáticos concernentes à realidade do alunado e ainda estruturas humanas – capacitação de professores quanto à formação continuada, oportunidades e valorização deste ensino por todos do âmbito educacional. Pois mesmo que tenha se tornado obrigatório; há muito no que se trabalhar para que haja eficácia diante das novas orientações para montar o currículo da disciplina da língua inglesa em todos os seus eixos temáticos, embora frequentando uma escola pública o aluno está no seu devido direito de ter acesso a uma estrutura de qualidade da mesma maneira disponibilizada por uma escola privada.

A estrutura de ensino apontada pela nova BNCC regulamentada em 2017 compreende então o ensino de LI através dos eixos organizadores a serem trabalhados neste processo de ensino-aprendizagem, além daqueles já dantes estabelecidos como oralidade, leitura e escrita, onde são necessárias ainda a análise dos eixos de conhecimentos linguísticos e dimensão intercultural. Cada um estabelece sua maneira de ser trabalhado conforme ressaltado na BNCC (BRASIL, 2017), como exemplo, conteúdos envolvendo a oralidade necessitam compreender o uso oral da língua inglesa entre falantes nativos e aqueles que adquiriram a língua inglesa como segunda língua, compartilhando suas características, na comunicação face a face para negociações, criando rede de relacionamentos.

Já no que se refere à leitura em LI, é previsto a interação do aluno com o texto de forma a compreendê-lo através de técnicas de leitura e ainda a identificação de problemas destacados no texto, ainda como sua estrutura textual e seu gênero. Quanto ao aspecto escrita, analisa-se a desenvoltura do aluno quanto a produção textual, em conformidade com a estrutura gramatical da LI, sendo este o produtor textual, expressando-se através da LI, uma opinião crítica quanto aos temas abordados, ao qual o professor será o mediador e orientador no processo “planejamento-produção-revisão”. (BRASIL, 2017, p. 244).

Nesta nova estrutura, o ensino de LI a partir de seu conceito como língua franca precisa ser estabelecido ainda através dos conhecimentos linguísticos na perspectiva do próprio aluno sobre o funcionamento sistêmico da língua inglesa, envolvendo os eixos descritos acima, oralidade, leitura e escrita, através do léxico e da gramática, conectivos que complementam o conhecimento sobre a língua inglesa em sua totalidade. E como eixo organizador complementar é necessário entender a

dimensão intercultural e englobar aspectos no âmbito cultural, educacional, político, social, econômico e linguístico que estão em constante processo de transformação, e muitas dessas transformações precisam se adequar a metodologia de ensino como consequência da inserção do ensino de LI como obrigatório nas escolas brasileiras.

Essas diretrizes implementadas quanto à obrigatoriedade do ensino de LI do 6º ao 9º ano, trouxeram uma nova perspectiva para os alunos e professores das escolas brasileiras de ensino fundamental e ainda para o sistema educacional em sua forma geral, condicionando a promoção e o levantamento de recursos precisos para que este ensino atinja seu real objetivo, levar a população brasileira a um novo patamar concernente a sua formação analisando não somente o que acontece em seu país, mas fora dele.

1.4 O PAPEL DA LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS BRASILEIRAS

O ensino do inglês nas escolas públicas tornou-se uma ferramenta essencial para o desenvolvimento de uma sociedade globalizada, porém percebem-se ainda os grandes desafios a serem superados para que tal meta seja alcançada. A desvalorização do ensino tem ocorrido com frequência, tanto por parte dos alunos que acabam sendo desmotivados a aprenderem tal idioma e suas estruturas linguísticas, como por parte dos professores e da própria escola que em sua maioria não se encontra bem estruturada para oferecer uma boa qualidade de ensino.

Inicialmente conforme abordado pelo PCN de LE, o papel de se inserir uma LE nas grades curriculares compreendia que “[...] a aprendizagem de Língua Estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas. [...]” (BRASIL, 1998, p.37). Consistia e ainda consiste como uma ferramenta de proporção cultural, educacional, política e social, mesmo após as mudanças destacando a Língua Inglesa como disciplina obrigatória, sendo esta uma de suas principais funções, ir além de somente uma língua a se aprender para se expressar por lazer a adquirir uma visão ampla e crítica como cidadão em sua integralidade, desenvolvendo aspectos sociais e profissionais do aluno que a utilizará no futuro como via de acesso a novas oportunidades que lhe surgirão.

A interdisciplinaridade por ser um encontro entre as disciplinas lecionadas no Ensino Fundamental caracteriza bem a desenvoltura do ensino de LI e traz consigo significativamente o conceito e o objetivo da Língua Inglesa, que se trata de estabelecer conexões através de conhecimento já adquiridos pelo aluno em sua língua materna. Pois “mesmo que no Brasil as disciplinas são dispostas separadamente pelas matrizes curriculares dos cursos de Educação Básica, o trabalho pedagógico não deve e não pode acontecer fragmentado, de forma isolada, as disciplinas precisam dialogar” (COLET, 2019, p.41) e esta disposição compreende a ligação entre características próprias culturais daqueles que estão em desenvolvimento em relação ao ensino aprendizagem contribuindo para a instituição de ensino brasileira que a passos lentos tem progredido.

Tem sido preocupação frequente de estudiosos da linguagem, notadamente no que se refere à situação de dominação do inglês como segunda língua e mesmo como Língua Estrangeira. A posição do inglês nos campos dos negócios, da cultura popular e das relações acadêmicas internacionais coloca-o como a língua do poder econômico e dos interesses de classes, constituindo-se em possível ameaça para outras línguas e em guardião de posições de prestígio na sociedade. (BRASIL, 1998, p.38).

No PCN (Parâmetros Curricular Nacional) de Língua Estrangeira (LE), se pontua o levantamento de que o ensino da língua inglesa no âmbito escolar brasileiro é compreendido como uma ferramenta de conexão, entre diferentes culturas, um encontro com novas perspectivas e visões sobre o mundo, e mesmo com as falhas em oferecer um ensino de boa qualidade, muitos jovens e adolescentes têm se aventurado em conhecer mais dessa língua que tanto atrai olhares, seja através de músicas, filmes, séries, documentários, cursos online, onde se percebem que mesmo com pouca estrutura, muitos cidadãos brasileiros, não importando a classe social, têm se empenhado em acompanhar este avanço e globalização da Língua Inglesa em todas as esferas que atuam como relacionamentos pessoais, economia, política, escolas, faculdades e universidades.

Ao considerar a partir desta perspectiva que o perfil de “alunos matriculados nas escolas públicas são aqueles que têm menores condições financeiras e que assim dependem do ensino público para obterem uma formação adequada e de qualidade” (TEIXEIRA; SILVA, 2017, p. 166), é exercida uma cobrança ainda maior no ensino público brasileiro quanto à capacitação dos mesmos para preencher vagas de empregos que exijam em seu currículo tais requisitos, porém devido a falta

de infraestrutura física e humana, a maior parte das escolas públicas não conseguem alcançar o resultado esperado quanto a aprendizagem da língua no âmbito escolar e frequente do cidadão de média ou baixa renda.

É fundamental, que os alunos reconheçam a função da língua inglesa nas escolas, porém é necessário que seja desenvolvido um programa dentro das escolas públicas que tenha como objetivo ajudar o aluno a reconhecer a importância de se estudar a língua inglesa e que diferenças esse conhecimento trará em sua vida profissional futura [...]. (TEIXEIRA; SILVA, 2017, p. 170).

Esta relevância quanto à função e importância da LI precisa ser reconhecida por todos que fazem parte do processo educacional, sejam alunos e professores que estão diretamente ligados a este processo, como a direção da escola em parceria com os órgãos de esferas governamentais. Para isso, ambos precisam concentrar-se de que o resultado futuro é no que se deve refletir em relação às atitudes de hoje, e o aluno é uma parte fundamental para o desenvolvimento do ensino de LI como língua a ser estudada nas escolas públicas, com o objetivo de conceder aos alunos uma visão diferente sobre si e sobre o mundo.

Segundo Castilho, Castilho e Santos (2014, p.2) “a escola pública atende um público de classe baixa e média que não tem condições financeiras para custear um curso de inglês extraclasse, por esse motivo os alunos das escolas públicas deveriam aprender a língua inglesa em sala de aula”, porém a realidade é completamente diferente do que se espera. A busca de melhoria do processo de ensino aprendizagem do ensino de Inglês deve-se ater a questões sociais, com o objetivo de gerar igualdade e oportunidades para os alunos presentes na escola pública sem necessitar pagar por um curso de inglês extracurricular, e ainda questões econômicas, promovendo o desenvolvimento do país. Na padronização de currículos e no suporte dos planejamentos das aulas de inglês, ao qual em sua concepção torna-se de grande auxílio para os professores que são mediadores deste ensino do Inglês como segunda língua.

O ensino de Inglês nas escolas públicas a partir de sua nova concepção na LDB nº 13.415/17 como disciplina obrigatória, passa a exercer um papel sobremaneira essencial, causando impacto na vida de professores e alunos que dantes já se encontravam desmotivados, devido há alguns fatores históricos ocorridos que demonstram notoriamente o seu fracasso e a falta de recursos

didáticos e metodológicos por parte do professor, e desinteresse por parte do aluno. Neste ponto de vista, Castilho, Castilho e Santos (2014, p. 3) consideram sobre a língua inglesa:

[...] uma disciplina que durante a ditadura foi banalizada e retirada da grade curricular no ensino público, só retomando a grade curricular com a Lei 9.394/96 desta forma recuperando seu espaço entre as disciplinas obrigatórias, mesmo assim o despreparo para lidar com tal disciplina fez com que a mesma se tornasse um fracasso dentre as escolas. (CASTILHO; CASTILHO E SANTOS, 2014, p. 3).

Dado o exposto ao entender a relevância do ensino de língua inglesa, compreende-se a real necessidade de se buscar melhorias no processo de ensino aprendizagem quanto à área, principalmente nos anos finais do ensino fundamental, pois no que se difere do ensino em escolas particulares, o alunado das escolas públicas só tem acesso ao ensino de língua inglesa a partir do 6º ano, que por sua vez tem se mostrado defasado em virtude da falta de recursos e auxílio ao professor de tal disciplina que disponibilizam de uma aula mais dinâmica e prazerosa, motivando o aluno a compreender e desenvolver um senso crítico sobre o desenvolvimento desta língua e qual o papel da mesma no seu cotidiano.

2. O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA LINGUA INGLESA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1 OS ALUNOS MATRICULADOS E AS METODOLOGIAS

Para entender os alunos e as metodologias utilizadas no processo de ensino aprendizagem da LI, é necessário primariamente conceituá-los para então definir quais são as principais metodologias utilizadas para o desenvolvimento eficaz do aluno atendendo todas as exigências previstas na BNCC e órgãos regulamentadores da Educação Brasileira, em específico ao ensino da Língua Inglesa como disciplina na grade curricular dos anos finais do ensino fundamental. Sendo assim, “a aprendizagem e ensino se interligam e constituem um processo complexo que abrange um número infinito de variáveis. Quando se ensina, é necessário questionar quem é o aprendiz, quais são as suas habilidades e seus objetivos.” (BÜHRER, 2005, p. 29).

A faixa etária dos alunos de 6º ao 9º ano do ensino fundamental corresponde entre 11 a 17 anos de idade, representando então o período da pré-adolescência e adolescência com novas descobertas não só de si, mas do mundo que o cerca. Por este motivo, é notório que o aprendiz ou o aluno se envolva nas atividades estabelecidas a partir da metodologia escolhida e seja orientado pelo professor a adquirir novos conhecimentos linguísticos como uma indicação de sua formação íntegra, na aquisição da Língua Inglesa (LI) como segunda língua, compreendendo suas habilidades e perspectivas que surgem nesta fase de desenvolvimento físico, social, psicológico e emocional como ser humano.

Segundo abordagens no Caderno de Reflexões do Ministério da Educação, Dayrell, Nogueira e Miranda (BRASIL, 2011, p. 16) definem a juventude da seguinte forma, “ser jovem, portanto, é uma fase da vida que se constitui em referência a um estado próprio e diferenciado da infância e da adultez. Não é possível encontrar ‘juventude’ em estado ‘puro’”, tornando-se um período complexo para aqueles que estão estudando os anos finais do ensino fundamental, a cada instante a mente do adolescente ou do jovem pode alternar quanto aos seus interesses e motivações para estar estudando.

Cabe, portanto ao professor ser criterioso, considerando estes principais aspectos quanto às abordagens, métodos e técnicas a serem utilizados em sala de

aula, e para isto é necessário conhecer o seu aluno e entender quais as facilidades e dificuldades de cada um, suas habilidades e desenvolvimentos, para que o aluno possa superar a si mesmo e acreditar nas suas próprias potencialidades e na capacidade de adquirir uma nova língua além da materna, ao qual ainda está em desenvolvimento. Podendo este ser um dos desafios para o aprendizado de uma nova língua, já que a Língua Portuguesa é mais complexa em sua estrutura gramatical, léxica, sintática e semântica.

A partir deste ponto de vista, percebe-se o aluno como uma das peças fundamentais para que o ensino se concretize, pois sem o aluno, não há a quem ensinar. Portanto, cabe ao professor, que é o mediador, trabalhar em metodologias adequadas visando à aquisição de conhecimento a partir de uma aula ministrada pelo mesmo. Para uma melhor análise e então chegar à definição das metodologias utilizadas, torna-se necessário conceituar as teorias de aprendizagem e linguagem, assim como as abordagens criadas a partir das mesmas, conforme destaca ainda Mourão (2012, p. 32) “ao falarmos de ensino de LE abre-se um leque de possibilidades que precisam ser filtradas, selecionadas e agrupadas de forma a se tornarem um bloco consistente capaz de atingir as metas definidas pela abordagem escolhida.”.

Seguindo este conceito, o autor citado acima ainda denota que “começando pela abordagem, entendemos que ela compreende um conjunto de crenças, ideologias e princípios que direcionarão suas possíveis metodologias” (MOURÃO, 2012, p. 24) e desta maneira algumas concepções teóricas têm sido colocadas como base para estruturação de novas metodologias.

As concepções teóricas que têm orientado os processos de ensinar e aprender Língua Estrangeira têm se pautado no desenvolvimento da psicologia da aprendizagem e de teorias linguísticas específicas, as quais, influenciadas pela psicologia, explicitaram o fenômeno da aprendizagem linguística. (BRASIL, 1998, p. 55)

Algumas dessas concepções abordadas pelo PCN de LE são as teorias “behaviorista, cognitivista e a sociointeracional” (BRASIL, 1998, p. 55), as mesmas retratam a maneira mais adequada no processo de ensino aprendizagem relacionando-se as abordagens, métodos e técnicas criadas para o ensino de Línguas Estrangeiras, enfatizando o ensino de LI. Portanto, tais teorias são a base para a formulação dessas metodologias que ao serem criadas consideram a eficácia

do ensino de línguas para que o aluno possa se desenvolver quanto ao conteúdo aplicado de maneira positiva e quando houver erros a partir do que já se ressalta em cada metodologia específica, a correção dos erros, visando que o mesmo está sujeito a erros no processo de ensino e aprendizagem.

Nesta perspectiva o Behaviorismo, é uma teoria derivada do comportamentalismo de John B. Watson e por Ivan Petrovich Pavlov que posteriormente foi transformada em uma teoria Behaviorista a partir dos pensamentos de Frederic Skinner, considerado um nome de destaque para propagação da mesma, e assim conforme Mourão (2012, p. 35) comenta, “[...] essa teoria, ou conjunto de teorias, sustenta que a aprendizagem ocorre como uma mudança de comportamento”, e esse comportamento se dá como resposta a determinado estímulo, podendo esta resposta ser positiva caso venha assimilar a atividade proposta ou negativa quando não ocorre a assimilação do conteúdo explicitado.

[...] após ser apresentado aos elementos iniciais da língua-alvo, o aprendiz é estimulado a demonstrar o que aprendeu; após a expressão do aprendiz (resposta), geralmente através da fala, ele é recompensado positivamente (um elogio, por exemplo) caso tenha bom desempenho, ou é ‘punido’ (uma correção ou crítica imediata, por exemplo) caso tenha cometido erros. (MOURÃO, 2012, p. 37).

Em contrapartida, surge a teoria cognitivista idealizada inicialmente por Jean Piaget ao qual diferentemente de Skinner que conforme relatado acima compreendia o aprendizado do indivíduo a partir do comportamento como consequência de uma ação externa, “[...] as teorias cognitivistas passam a buscar na mente humana explicações para o comportamento” (MOURÃO, 2012 p. 38), o reflexo das ações que compreende seus ideais para o resultado de um aprendizado que envolve o desenvolvimento cognitivo como ponto chave para um aprendizado eficaz. O autor acima citado ainda ressalta que “[...] os processos mentais, internos e cognitivos terão papel crucial e indispensável para o desenvolvimento do comportamento/aprendizagem” (MOURÃO, 2012, p. 39), sendo este fragmento a base da teoria cognitivista, para que o aluno alcance resultados positivos no processo de ensino e aprendizagem, e mesmo que venha cometer erros no decorrer deste processo é considerado como parte de seu desenvolvimento em relação ao ensino de LI.

Em síntese, diante do que se é conceituado no cognitivismo, referente ao aprendizado de LE, “ao ser exposto à língua estrangeira, o aluno, com base no que sabe sobre as regras de sua língua materna, elabora hipóteses sobre a nova língua e as testa no ato comunicativo em sala de aula ou fora dela” (BRASIL, 1998, p. 56), a comunicação a partir de então se torna o ponto chave para o notório desenvolvimento do aluno, no qual por esse motivo é considerada uma das teorias que ainda precisam se adequar ao contexto do aluno, pois pouco se tem a oportunidade de praticar no âmbito em que vive, e sem a motivação certa e as atividades que incentivem o mesmo a se expressar livremente conforme aquilo que já conhece como exemplo a estrutura, seus pontos mais importantes como gramática, palavras utilizadas no dia a dia que se tornaram comuns para o vocabulário dos brasileiros, sendo necessário criar pontos de ligação que aproximem o aluno para que se possam atingir as metas a serem alcançadas na grade curricular da escola quanto ao ensino de LI.

No PCN de LE em relação à teoria cognitivista e suas funções é afirmado que “uma contribuição importante do enfoque cognitivista foi chamar a atenção para a questão dos diferentes estilos individuais de aprendizagem que as pessoas possuem, ou seja, nem todos os alunos aprendem da mesma forma” (BRASIL, 1998, p. 57). Sendo, portanto capaz de ampliar os olhares quanto à aplicação de diferentes métodos a partir desta visão, pois ao compreender que cada aluno tem níveis diferentes de aprendizado e especificidades que podem impedir a absorção de uma nova língua para o seu cotidiano, passa-se a deixar de lado esta perspectiva generalizada, ao qual não importando se um ou dois não conseguem aprender, não se mudam as estratégias e técnicas se todos os demais estiverem compreendendo os assuntos da disciplina.

Sobre a definição da teoria sóciointeracional, a mesma surge a partir da teoria cognitivista, com o teórico Lev Vigotsky, porém com olhares para outros aspectos influenciadores no processo de ensino e aprendizagem do aluno quanto à aquisição da LI, considerados como fatores externos, ligados a cultura e a sociedade em que o mesmo está presente. Como afirma Mourão (2012, p. 42) sobre essa teoria da aprendizagem, ressaltando que “enquanto Piaget se preocupa mais com os processos internos e mentais correntes durante a aprendizagem, Vigotsky se detém na influência que o meio externo exerce na promoção da aprendizagem.”.

Desta maneira, o aluno passa a se envolver e aprender a Língua a partir do conhecimento de mundo em compartilhamento com os indivíduos que estão presentes no âmbito escolar que o mesmo, como colegas de classe e professores, já que “[...] o foco que, na visão behaviorista, era colocado no professor e no ensino, e, na visão cognitivista, no aluno e na aprendizagem, passa a ser colocado na interação entre o professor e aluno e entre alunos, atualmente” (BRASIL, 1998, p. 57), a relação professor-aluno e aluno-aluno ganha destaque para que se alcance os resultados esperados no ensino de LI, sendo esta mais delicada e compreendida como essencial conforme esse pensamento teórico, pois como bem se sabe, o professor para se ter uma relação amistosa, precisa conhecer o seu aluno quanto as suas habilidades e os seus limites e o aluno reconhecer que o professor é o mediador do ensino, seu principal orientador quanto a realização das atividades aplicadas para aprendizado do mesmo, e sem medo se aproximar dos colegas de classe para em seu cotidiano ter com quem compartilhar os conhecimentos adquiridos e as experiências vividas.

Em um nível paralelo ao das teorias da aprendizagem colocamos também as teorias que tratam do processo de aprendizagem e aquisição da linguagem, pois elas teorizam e analisam os fundamentos e natureza da linguagem, os quais são essenciais para a construção das abordagens e métodos do ensino de línguas. (MOURÃO, 2012, p. 45).

Essas teorias da linguagem complementares as teorias da aprendizagem não poderiam deixar de ser mencionadas, principalmente por ter ligação direta com o ensino de LI no ensino fundamental. E conforme indica Mourão (2012), as teorias da linguagem apontam três visões sobre o ensino de LE, a visão estrutural, funcional e interacional. A começar pela definição de visão estrutural que “defende a ideia de que a língua é um sistema de elementos estruturalmente relacionados para a codificação de significado, funcional e interacional”. (MOURÃO, 2012, p. 45). Este, portanto é um dos pontos mais destacados já que toda língua possui uma estrutura específica e identidade própria, que pode orientar o professor quanto às estratégias a serem trabalhadas em sala de aula, para que o aluno seja capaz de assimilar e desenvolver-se no aprendizado de LI.

De acordo com Mourão (2012, p. 46) a visão funcional, “é entendida como um veículo para a expressão do significado funcional. A dimensão semântica e comunicativa é muito mais enfatizada que simplesmente os aspectos gramaticais da

língua”, denotam então sua utilidade pública permitindo que o aluno interaja com o mundo e as pessoas que o cercam, observando mais as falas cotidianas do que padrões e formalidades que estruturam a língua, possibilitando a informalidade e a conversação para proximidade do real e a quebra de paradigmas presentes, mostrando ao aluno os dois lados da “moeda”.

E por fim tem-se a visão interacional da língua em questão, e nesta perspectiva, “a linguagem é vista como veículo para a realização das relações interpessoais e para o desenvolvimento das transações sociais entre indivíduos. É como uma ferramenta para a criação e manutenção das relações sociais.”. (MOURÃO, 2012, p. 47). Esta, por sua vez, permitirá ao aluno o estabelecimento de relações interpessoais e sociais que o permitam se envolver em questões que o impulsionarão a ter uma atitude e opinião próprias construídas a partir de sua percepção quanto ao que lhe é proposto na relação com o outrem e seus conhecimentos linguísticos.

Percebe-se então que para se desenvolver abordagens e metodologias aplicáveis ao ensino e aprendizagem de alunos do ensino fundamental dos anos finais, é necessário conhecer seu desenvolvimento psicológico, emocional, social e físico, analisando características que por certo influenciarão direta ou indiretamente a maneira como o mesmo consegue absorver para si os conteúdos ministrados em sala de aula. A partir do levantamento de teóricos citados como Skinner, Piaget e Vigotsky anteriormente e conhecidos por seu interesse no desenvolvimento humano no que se refere à participação do indivíduo nesta fase de aprendizado e compreensão de sua formação como cidadão ativo, com opinião e crítica sobre aquilo que o cerca, utilizando a Língua Inglesa como uma ferramenta para ir além do seu contexto social, emocional e psicológico. Quanto às abordagens utilizadas, o PCN de LE, considera o seguinte:

As abordagens estão alicerçadas em princípios de natureza variada, [...]:

- sócio interacional da aprendizagem em sala de aula;
- cognitiva, em relação a como o conhecimento linguístico é construído por meio do envolvimento na negociação do significado, como também no que se refere aos pré-conhecimentos (língua materna e outros) que o aluno traz;
- afetiva, tendo em vista a experiência de vir a se constituir como ser discursivo em uma língua estrangeira;
- pedagógica, em relação ao fato de que o uso da linguagem é parte central do que o aluno tem de aprender. (BRASIL, 1998, p. 76).

Desta forma, sempre que se pensar na criação de metodologias, deve-se ter como ponto principal o aluno e quais as habilidades e dificuldades que precisarão ser trabalhadas com foco no que o aluno precisa. Diante disso, compreende-se que as teorias de linguagem caminham lado a lado com as teorias de aprendizagem, uma depende da outra para subsistir no ensino de LI, pois os aspectos linguísticos de uma língua em junção com as teorias de aprendizagem que apontam o desenvolvimento íntegro de um indivíduo (o aluno), guiado por um mediador (o professor) que demonstram o comportamento humano, a reação e como se é consolidado, é o ponto chave para se desenvolver um ensino com qualidade e interessante para o aluno.

Em complemento Santanna, Spaziani e Góes (2014, p. 17) trazem ainda que “os principais métodos que foram ensinados no Brasil vieram da Europa e dos Estados Unidos, pelo menos os mais preponderantes”. E mesmo que fosse possível comentar todas essas metodologias, é necessário focar apenas nestas principais, as quais são mais utilizadas no contexto escolar para melhor adequação ao nível de ensino oferecido pelas escolas brasileiras. Alguns dos Métodos utilizados no ensino de línguas nas escolas brasileiras são:

- O Método Tradução e Gramática – The Grammar-Translation Method
- O Método Direto – The Direct Method
- O Método de Leitura – The Reading Method
- O Método Audiolingual – The Audiolingual Method
- O Método Estrutural-Situacional – The Structural-Situational Method
- O Método Cognitivo – The Cognitive Code Method
- O Método Funcional – The Functional Method
- A Abordagem Comunicativa – Communicative Approach. (SANTANNA, SPAZIANI, GOES, 2014, p. 17).

Mourão (2012) também define essas metodologias variadas existentes aplicadas no ensino de línguas a partir das teorias de aprendizagem e linguagem acima mencionadas, como o Método da Gramática e Tradução (The Grammar-Translation Method), que já citado anteriormente é um dos métodos pioneiros e clássico para o ensino de LE, utilizado para a comunicação externa entre a família real que havia chegado ao Brasil após a independência do Brasil e as notícias do mundo exterior em constante evolução, ao qual apenas considerava as traduções literais das palavras sem precisar pôr em concordância com a Língua Portuguesa ou a pronúncia das mesmas, porém mesmo com essas falhas nítidas, alguns dos métodos foram originados a partir deste, compreendendo sua relevância, para cada

fase existente da língua inglesa, deixando resquícios após sua exclusão do ensino de Línguas.

O autor cita ainda como métodos geralmente utilizados no ensino de LI, o Método Direto (The Direct Method) – que coloca o aluno em relação direta com a LE ensinada sem precisar passar pela língua materna, focando na oralidade, já que a mesma é considerada uma ferramenta de muita valia para negociações e acordos, disponibilizando o aluno a participar a partir de situações fictícias.

Em relação ao Método de Leitura (The Reading Method), Santanna, Spaziani e Goes (2014, p. 46) compreendem que “[...] o desenvolvimento da habilidade de leitura em LE é o resultado do interesse em aprender sobre a cultura estudada”, já que este método está voltado enfaticamente à leitura, à estrutura gramatical, pois em sua justificativa os alunos não costumavam viajar para o exterior, sobrepondo-se ao Método Direto diante da realidade dos alunos que tinham contato mínimo para a prática da oralidade e tempo curto para estudo da mesma, focando-se na leitura na LE ensinada.

Ao abordar sobre Método Audiolingual (The Audiolingual Method) – que segue o mesmo padrão em relação à oralidade do Método Direto, mas foca na estrutura das frases construídas para prática no cotidiano, “os alunos devem primeiro ouvir, depois falar e, então ler para finalmente escrever na língua alvo” (MOURÃO, 2012, p. 62), nesta sequência, o aluno passa a desenvolver as habilidades esperadas no ensino de LI. No que se refere ao método Estrutural-Situacional (The Structural-Situational Method), o Método Cognitivo (The Cognitive Code Method), o Método Funcional (The Functional Method) e Abordagem Comunicativa (Communicative Approach), se destacam pelo enlace com a atualidade e a reestruturação conforme as necessidades para o ensino de LI, a serem abordadas mais detalhadamente em outro momento.

Com o passar do tempo as metodologias a partir dos fatos citados, vão se complementando, através de necessidades compreendidas no ambiente educacional, assim como se pode utilizar vários desses métodos em conjunto observando as peculiaridades dos alunos presentes em sala de aula, sejam por suas facilidades no aprender a LI, seja pelas suas dificuldades, pois cada metodologia objetiva encontrar meios e métodos que inspirem o aluno a buscar, a agir em favor de sua própria aprendizagem, não esperando somente pelo professor, mas tendo sua autonomia desenvolvida para que possa construir o seu futuro.

2.2 OS PROFESSORES E A DIDÁTICA ADOTADA NA SALA DE AULA

Assim como foi necessário compreender quem são os alunos, é de suma importância entender também quem é o professor e de que forma o mesmo contribui no processo de ensino aprendizagem de LI, diante desta colocação Harmer (2002, p. 3) propõe que “uma resposta simples à pergunta ‘O que faz um bom professor?’, portanto, é que os bons professores se importam mais com a aprendizagem de seus alunos do que com o seu ensino” e então são colocadas em pauta as didáticas desenvolvidas por ele, a esperar mais pela aprendizagem eficaz do seu aluno do que o destaque pelo ensino bem sucedido, propondo que quando se foca na aprendizagem, certamente na preparação do ensino foi priorizado o aprender do aluno.

Xavier (2016, p. 81) define o professor ou o educador em relação ao ato de ensinar como “o profissional que se dedica a atividade de, intencionalmente, criar condições de desenvolvimento de condutas desejáveis, seja do ponto de vista do indivíduo ou do agrupamento humano.”. Então, o professor por ser o mediador e orientador das práticas de ensino realizadas em sala de aula, precisa ser reconhecido como um dos pilares para a eficácia do processo de ensino aprendizagem da LI, desde a sua formação a sua atuação no âmbito educacional, pois a maneira como o mesmo busca desenvolver-se é um passo a mais quanto à contribuição na melhoria do ensino e, por conseguinte resulta a uma resposta positiva do aluno quanto ao seu aprendizado.

No decorrer da evolução histórica do ensino de LI, o professor específico de LI precisou passar por muitas adaptações que influenciaram direta ou indiretamente o ensino na sala de aula, sejam estas adaptações por questões legais e de cunho educacional ou ainda pela aceitação da sociedade quanto ao ensino de LI nas escolas brasileiras, e uma das mais importantes mudanças aconteceram com a promulgação da LDB em 1996 e ainda alterações na BNCC em 2017, quanto à inclusão do ensino de LI como disciplina obrigatória.

Conforme Xavier (2016, p. 27) “[...] a obrigatoriedade da inclusão da Língua Inglesa no currículo escolar não significa que ela seja ensinada com sucesso ou que o professor responsável por essa disciplina seja bem formado”, neste raciocínio percebe-se que no início apresentou certa dificuldade para implantação do ensino de LE, pois muitas licenciaturas ou magistérios conforme considerações da LDB de nº

9.394/96 não conseguiam atender a necessidade de formação específica para o professor de Língua Inglesa, diante disso foi necessário que o mesmo viesse a buscar formação específica além daquela que já possuía.

Nesta fase entende-se ainda a necessidade da superação de diversos fatores que precisavam ser modificados, como exemplo, as crenças que ainda permeiam até os dias atuais, de que não se consegue aprender uma LE em escolas públicas (XAVIER, 2016), pois mesmo sendo pilares para que o ensino de LI aconteça, o professor necessita de uma didática que esteja de acordo, a partir dos conhecimentos adquiridos, e ainda a provisão dos recursos didático-pedagógicos necessários.

Concernente à relevância em entender quem é o professor e sua atuação, Messias e Norte (2013, p. 60) também declaram que “é importante pensarmos que o professor é um profissional que, muitas vezes, por falta de oportunidade, tempo ou vontade, mergulha em uma prática sem reflexão”, e a partir deste ponto de vista, compreende-se como o professor passa a desenvolver a didática em sala de aula, já que é necessário pensar sobre como se ensina e porque ensinar determinado assunto, e esta falta de reflexão são consequências de uma formação incompleta quanto à abordagem linguística de LI, que acabam se tornando índices que acarretam a baixa qualidade do ensino. Mesmo que muitos desses fatores não estejam relacionados somente ao professor, como exemplo as variáveis internas, mas também as variáveis externas, que contribuem para essa falta de tempo, devido à sobrecarga de atividades realizadas pelo mesmo, e ainda a falta de vontade concernente à desmotivação a continuar se capacitando para o desenvolvimento de práticas que tragam consigo as teorias de aprendizagem e linguagem para o ensino de LI.

O professor de Língua Inglesa deve ter direito a uma formação continuada que abrange a sua área para que o mesmo tenha atendimento e orientação para se trabalhar tal disciplina em sala de aula sabendo de sua importância para a continuidade dos estudos dos professores buscando assim melhorias para o ensino público e desta forma evitando o fracasso da língua inglesa. (CASTILHO; CASTILHO E SANTOS, 2014, p. 8).

Conforme os autores citam acima, a falta de motivação para a formação continuada dos professores do ensino de inglês das escolas públicas, a ausência de recursos didático-pedagógicos, e ainda a superlotação de alunos nas turmas que os

mesmo ministram aulas têm sido considerado uns dos fatores que mais contribuem para o fracasso do ensino de inglês, muitos apenas ministram aula por possuir formação em Letras e Línguas Estrangeiras, sendo que muitas vezes a língua estrangeira a ser estudada pode não ter sido o inglês, o enfoque então acaba sendo outro.

É durante a formação dos professores, especificamente em sua licenciatura, que se começa a desenvolver a didática como prática de ensino reflexivo. Desta forma Messias e Norte (2013, p. 30) sugerem que “o professor deve promover um desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem que eleve o estudante à condição de sujeito do seu próprio discurso”, e por esta responsabilidade em mãos o professor precisa pensar nas metas a serem alcançadas pelos métodos escolhidos, centralizando o aluno, para que o mesmo se torne autônomo e vá além do conteúdo ministrado em sala de aula.

Lorenzi e Fiamoncini (2018, p. 11) conceituam que “a Didática é uma disciplina que une a teoria à prática”, que eventualmente trata-se de uma ferramenta de auxílio ao professor para escolher os melhores caminhos para um ensino de determinado assunto em determinada disciplina ministrada pelo mesmo, trazendo consigo os aspectos teóricos e os desenvolvendo na prática do cotidiano escolar os métodos e técnicas concernentes ao ensino de LI. A Didática, portanto, é o caminho que melhor se adequa ao ensino de determinada classe de alunos, indicando que é necessário pensar o ensino e refletir sobre as atividades realizadas a partir das abordagens, métodos e técnicas escolhidas.

Conforme afirma Xavier (2016, p. 83) sobre didática e seu papel influenciador na atuação dos professores, “a disciplina de didática desenvolvida atualmente nos cursos de formação de educadores apresenta uma característica marcante por seu conteúdo enfatizar uma preocupação de caráter estritamente prático”, portanto a didática se trata de “como fazer” e “saber fazer” em relação ao ensino voltando-se a prática pedagógica. Esta, por sua vez, acaba em se limitar somente aos limiares teóricos correspondentes, não entrando em consonância com a realidade vivida pelas escolas brasileiras, por isso é necessário desenvolver no professor esta visão ampla para aquilo que acontece no âmbito educacional, trabalhando em cima de métodos e técnicas capazes de “fazer acontecer” o ensino, assim como o aprendizado do aluno.

A didática apresenta como objeto de estudo o processo de ensino aprendizagem, processo complexo no qual está sempre presente o relacionamento humano. De acordo com essa abordagem humanista a relação interpessoal é o centro do processo de ensinar e aprender. Sendo assim, essa abordagem leva a uma perspectiva subjetiva, individualista e afetiva do processo de ensino e aprendizagem. (XAVIER, 2016, p. 81).

Neste ponto de vista, entre a didática, a realidade escolar e o relacionamento interpessoal deve haver uma unidade para que o ensino e o aprendizado fluam de maneira bem sucedida. O bom relacionamento professor-aluno deve ser evidenciado como ponto principal quando considerado o papel da didática desta forma, o desenvolvimento psicológico, emocional, social e ainda intelectual, também passam por adaptações e transformações no decorrer do processo de ensinar e aprender conforme citam os autores acima, possibilitando ao professor de LI encarar este processo não somente sobre seus conhecimentos linguísticos, mas ainda sobre as teorias que rodeiam tais práticas de ensino.

As metodologias utilizadas, os livros didáticos, muitas vezes não são suficientes para realizar uma aula em que todos ali presente venham aprender dificultando o processo de ensino aprendizagem. Na perspectiva de Machado (2011, p. 14) “o que as teorias nos dizem é que existem várias formas de se pensar o ensino e a aprendizagem e que estas mudam de acordo com a época e a sociedade”, portanto o que definirá a escolha do professor são seus objetivos e metas, levando em consideração o estilo de aprendizagem do alunado buscando de balancear e melhorar o ensino e a aprendizagem.

A didática nada mais é do que isto: a técnica que ajuda o professor a tomar a decisão acerca dos encaminhamentos que serão tomados para cada ocasião. Uma disciplina, uma atividade, uma prova... não são organizadas de maneira neutra. Sempre haverá impactos de caráter político e social na maneira como determinados assuntos são ensinados. (LORENZI; FIAMONCINI, 2018, p. 12).

Semelhantemente, estes são alguns dos fatores influenciados pela didática em sala de aula, já que é neste ambiente que a didática exerce maior influência, a considerar a formação inicial do professor e ainda sua formação continuada para aplicação da mesma para que se possam alcançar os objetivos previstos, que é o aprendizado de LI, para o professor de Língua Inglesa. Então, cabe a este ter ciência de que o seu desenvolvimento pessoal está interligado com seu desenvolvimento profissional, e suas relações sociais e políticas.

As autoras Lorenzi e Fiamoncini (2018) compreendem que devido aos avanços da tecnologia, muitos dos métodos precisam ser modificados já que o aluno em sua interação com a internet, quando possui interesse sobre determinado assunto seja voltado ao ensino de LI ou assuntos de outra disciplina, já consegue obter informações além das presentes no livro didático e/ou ministradas na sala de aula e que o professor precisa acompanhar corriqueiramente, para que se perceba a constante variável sobre o desenvolvimento dos alunos em questão.

Portanto, entende-se que a didática trabalhada precisa ser adaptada pelo professor, a partir dos desafios enfrentados que surgem na realidade escolar em sala de aula, capazes de influenciar positivamente ou negativamente no processo de ensino aprendizagem dos alunos e ainda pelos recursos didáticos pedagógicos disponibilizados, principalmente pela heterogeneidade de uma turma com indivíduos de diferentes características pessoais, econômicas, sociais, culturais, intelectuais, físicas, políticas, entre outras, que podem gerar divergências de um aluno para outro, e conseqüentemente avaliar as melhores técnicas a serem aplicadas, já que “juntamente à pedagogia, a didática visa analisar a realidade educativa para compreendê-la, e em seguida, aplicar as atividades mais coerentes para que a turma siga em sintonia e possa obter um resultado positivo em todos os aspectos.” (LORENZI; FIAMONCINI, 2018, p. 13).

2.3 DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS DE ENSINO

O desenvolvimento das práticas de ensino de LI compreende a realidade vivenciada no âmbito educacional, tanto pelo professor quanto pelo aluno, ao qual o professor passa a analisar se o aluno está conseguindo assimilar ou não aquilo que lhe é imposto através das atividades escolhidas pelo mesmo no decorrer do ano letivo e de que maneira o aluno tem respondido as práticas aplicadas em sala de aula, seja de forma positiva ou negativa. Conforme Portela (2013, p. 193) “as práticas formais de ensino estão, desde os seus primórdios diretamente ligadas às tecnologias de comunicação”, em outras palavras, é evidente que as novas práticas de ensino se adequam ao tempo e a época em que atuam e ainda com seu público alvo.

É muito importante que o professor conheça as teorias linguísticas atuais para que suas práticas de ensino sustentem um ensino dos mais variados conteúdos e que a maneira que os conteúdos sejam abordados cumpra com os objetivos propostos e necessários para a real aprendizagem e, ainda, despertem interesse dos alunos. (LORENZI; FIAMONCINI, 2018, p. 59).

Para tanto este processo passa a ser visto como uma via de mão de dupla, ao qual o professor pode aprender ao mesmo tempo em que ensina, pois está em constante formação e precisa se atualizar continuamente, e o aluno ensinar ao mesmo tempo em que aprende através do conhecimento empírico que o aluno já traz para dentro das atividades em sala de aula, conforme as respectivas teorias linguísticas e de aprendizagem conduzem esse caminho, ao utilizar-se de recursos didático-pedagógicos, métodos e técnicas para uma aprendizagem bem sucedida de ambas as partes, nos quais os órgãos regulamentadores da educação brasileira estabelecem.

Sobre a aplicação das práticas de ensino, devem-se considerar alguns fatores relevantes, como o intelecto, o emocional, o psicológico, o relacionamento social, o interesse em aprender uma língua diferente da sua, pois na visão de Brown (2006, p. 12) “aprender uma segunda língua é uma tarefa longa e complexa. Toda a pessoa é afetada enquanto você luta para ir além dos confins de sua primeira língua e entrar em uma nova língua, uma nova cultura, uma nova forma de pensar, sentir e agir”. E complementa ainda que por ser um processo longo e demorado, exige competências e habilidades do aluno e do professor de LI, para que ambos tenham compromisso total, se envolvam integralmente tanto na aprendizagem quanto no ensino, ao qual conseqüentemente trarão respostas físicas, intelectuais, emocionais e sociais, quanto à recepção e envio de mensagens na Língua Inglesa de maneira bem sucedida como segunda língua adquirida (BROWN, 2006).

Após observar tais características que envolvem o processo que envolve as práticas de ensino de LI, passa-se então a analisar os três principais eixos organizadores citados pela nova BNCC (BRASIL, 2017) para o ensino de LI e aqueles que são complementares, sendo eles, a oralidade, a leitura e a escrita (os principais); conhecimentos linguísticos e dimensão intercultural (complementares). Cabendo, portanto, explorar cada um de forma específica, abordando a realidade vivida em sala de aula no desenvolvimento das mesmas que influenciam o processo de ensino aprendizagem de LI como segunda língua. Em primeiro lugar,

analisaremos como as atividades que envolvem o eixo Oralidade acontecem e quais são as metas traçadas levando em consideração ao que a nova BNCC estabelece, descrevendo então que:

[...] as práticas de linguagem oral presenciais, com contato face a face – tais como debates, entrevistas, conversas/diálogos, entre outras –, constituem gêneros orais nas quais as características dos textos, dos falantes envolvidos e seus ‘modos particulares de falar a língua’, que, por vezes, marcam suas identidades, devem ser considerados. (BRASIL, 2017, p. 243).

A oralidade, portanto, desenvolve no aluno habilidades de conversação e expressão quanto ao assunto sugerido no decorrer das aulas, promovendo oportunidades de vencer a própria timidez em relação a socializar com outras pessoas, já que muitos alunos acabam ficando com receio de compartilhar o seu aprendizado fora da sala de aula, por não ter tanto contato nas atividades desenvolvidas no meio escolar. Os alunos, a partir dessas atividades de interação discursiva, compreensão oral e produção oral ainda se envolvem quanto a sua pronúncia, que pelo sotaque ‘abrasileirado’ acaba miscigenando-se a criar sua própria identidade. Como citado anteriormente, algumas das formas de atividades orais são apresentações, seminários, diálogos elaborados, workshops, entrevistas e/ou debates, que incentivem o aluno mostrando-lhe a estruturação de LI a partir do que já se conhece da Língua Materna, a Língua Portuguesa.

Considerado também, portanto um dos objetivos quanto à ênfase do desenvolvimento do aluno através das práticas de ensino de LI, analisam-se também as práticas de leitura, que por sua vez, permitem ao aluno conhecer um contexto além daquele ao qual vivencia, pois através da leitura é possível conhecer novos espaços e locais e a partir de então se aprofundar nas estruturas gramaticais, em seus mais variados gêneros textuais e ainda obter novas palavras quanto ao vocabulário de LI, incentivando o aluno, através dos textos escolhidos para levantamento de observação crítica e resumida utilizando técnicas de leitura.

As práticas de leitura em inglês promovem, por exemplo, o desenvolvimento de estratégias de reconhecimento textual (o uso de pistas verbais e não verbais para formulação de hipóteses e inferências) e de investigação sobre as formas pelas quais os contextos de produção favorecem processos de significação e reflexão crítica/problematização dos temas tratados. (BRASIL, 2017, p. 243).

A partir das práticas de leitura o aluno é levado a uma dimensão crítica dos textos apresentados para ensino de LI, utilizando gatilhos que o leve a compreender e instigar o texto em sua totalidade, como “*Scanning*” e “*Skimming*” consideradas como estratégias de leitura, independentes dos tipos e gêneros textuais, como exemplo destes tem-se os textos contidos em jornais, revistas, livros indicados para leitura livre, livros didáticos que podem ser utilizados em sala de aula como recursos metodológicos, dinamizando a leitura e possibilitando aos alunos uma perspectiva diferente sobre a LI através da construção do repertório lexical.

Nesta abordagem das práticas de leitura, Matos (2016) sugere ainda a inter-relação da pedagogia crítica de Paulo Freire às práticas de ensino de LE, considerando que o texto cedido para leitura deve-se ser contextualizado e relacionado à sociedade que o compõe, levantando argumentos sobre LE estudada em questão, em específico ao ensino de LI, envolvendo então o eixo de dimensão intercultural que busca conhecer os aspectos culturais e sua identidade que traz o estudo da língua em si.

A pedagogia crítica ressalta a importância de se abordar criticamente, em sala de aula, a relação entre língua, texto e a sociedade, uma vez que as estruturas de poder que estão relacionadas com o uso da linguagem, do diálogo, da comunicação, da cultura e da pedagogia não podem ser separadas. (MATOS, 2016, p. 35).

Em contribuição ao envolvimento da pedagogia crítica com o ensino de LI, Colet (2019, p. 37) afirma que “indivíduos que se posicionam como questionadores munem-se de ferramentas para produzirem suas próprias leituras”, logo a leitura permitirá ao aluno compreender o que lhe é imposto conforme sua própria visão de mundo e da sociedade, possibilitando a formação de pensamentos críticos sobre a realidade que o cerca, sejam estes aspectos sociais, geográficos, econômicos, educacionais, é disposto ao aluno compreender que é um indivíduo ativo, podendo sim questionar, ser curioso e instigar através dos conteúdos linguísticos, pois no que tange a aquisição de uma segunda língua, o aluno deve ser conduzido a um pensamento reflexivo independentemente de seu nível de conhecimento da língua dominado por ele, exige-se a formulação de críticas, dando ênfase a esta, mesmo que momentaneamente dentro da sala de aula no uso da língua materna. (COLET, 2019).

Sobre as práticas de ensino destacando o eixo organizador da Escrita, é onde se observa as estruturas gramaticais com mais ênfase, tendo em vista que a leitura e escrita caminharão lado a lado no processo de ensino e aprendizagem, já que se tem uma visão mais formal da LI, enquanto que na oralidade, pode-se identificar uma estrutura mais informal e/ou coloquial da língua, não deixando de lado a estruturação formal assim como na escrita através de estratégias de pré-escrita, onde o aluno é orientado diretamente pelo professor, escrita ao qual o mesmo desenvolve frases, parágrafos e textos completos adequando-se ao nível de conhecimento da língua do aluno e pós-escrita, ao qual será feita uma revisão pelo professor e possível correção (BRASIL, 2017). Desta maneira, sob o mesmo ponto de vista em relação à escrita a BNCC também ressalta que:

As práticas de produção de textos propostas no eixo Escrita consideram dois aspectos do ato de escrever. Por um lado, enfatizam sua natureza processual e colaborativa. [...] Por outro lado, o ato de escrever é também concebido como prática social e reitera a finalidade da escrita condizente com essa prática, oportunizando aos alunos agir com protagonismo. (BRASIL, 2017, p. 244).

Mediante o exposto sobre as práticas de ensino que envolve a escrita, compreende-se ainda que a partir deste conjunto de ideias, o aluno neste processo além de ser autor de seus próprios textos, como pequenos textos sobre sua própria vida, sobre sua escola, sua cidade e/ou seu país, nos quais para a produção observam-se ainda os acontecimentos sociais que se tornam fatores externos influenciadores do que se pretende mostrar ao leitor do texto a ser produzido em questão, considerando seu gênero e tipo textual, ao qual caberá ao professor analisa-lo e conceder as devidas orientações sobre as correções necessárias, pois como Lorenzi e Fiamoncini (2018, p. 116) declaram que “a produção escrita busca uma comunicação eficaz, através do uso de termos apropriados, expressões e estruturas gramaticais aplicadas corretamente.”.

Em relação às práticas que envolvem os conhecimentos linguísticos, “consolida-se pelas práticas de uso, análise e reflexão sobre a língua, sempre de modo contextualizado, articulado e a serviço das práticas de oralidade, leitura e escrita” (BRASIL, 2017, p. 245), e por estar a serviço dos três principais eixos, é considerada como complementar a eles, assim como a dimensão intercultural, o aluno a partir das atividades que envolvem esses eixos é guiado a conhecer “formas

e tempos verbais, estruturas frasais e conectores discursivos, entre outros” (BRASIL 2017, p. 245).

Levantam-se desta maneira a abordagem de assuntos concernentes a sua própria cultura e a cultura que a LI traz como marcas de sua própria identidade, ao explorar temas do contemporâneo como a sociedade de consumo que expressa o capitalismo tão vigente na atualidade; visões do outro/sociedade multicultural capaz de perceber que é necessário altruísmo até mesmo na aprendizagem de outra língua ao perceber a pluralidade de identidades presentes quanto à cultura de um indivíduo em particular; o mundo da tecnologia que encontra-se em constante evolução e nas últimas décadas tem sido o foco de muitas áreas de estudo envolvendo jovens e adolescentes que cada vez mais se mostram conectados ao seu uso através das novas formas de tecnologia que têm sido criadas; o mundo do trabalho que na perspectiva atual tem gerado muitos levantamentos críticos, pois a fluência em língua inglesa em si é esperada por muitas empresas públicas ou privadas para negociações com o exterior, de forma a ampliar a produção e gerar lucros não somente dentro de solo brasileiro, mas como fora dele; culturas, artes e sociedade em geral que se envolvem em um contexto de pluralidade mais ao mesmo tempo se unem para demonstrar a necessidade de expressão livre e manter seus valores, independente do tempo e do local. (BOTTO, 2013)

Nota-se então que são bem nítidas as orientações sobre as práticas de ensino de LI na BNCC para o professor, que ao início de cada ano letivo precisará se organizar para montar planos e estratégias que entrem em consenso com as metas traçadas, focadas não somente na oralidade, leitura e escrita, como conhecimentos linguísticos e dimensão intercultural interligando-se com a vivência do aluno (BRASIL, 2017). Envolvendo desta forma o multiletramento no ensino e aprendizagem da língua em questão, “concebendo a língua como construção social, o sujeito “interpreta”, “reinventa” os sentidos de modo situado, criando novas formas de identificar e expressar ideias, sentimentos e valores”. (BRASIL, 2017, p. 241). Conforme também declara Colet (2019, p. 39) que os “multiletramentos assimilam não apenas a compreensão e produção de textos verbal, oral e escrito, mas também o posicionamento relacionado às linguagens oral, escrita, visual, gráfica, musical, além de extrair significações.”.

As atividades linguageiras são parte integrante do aprendiz e torna-se desafiador, contextualizar o ensino de gêneros atrelados às capacidades de linguagem, no contexto da sala de aula. E, para isso, a prática pedagógica do professor precisa estar articulada com as capacidades, os conteúdos, os recursos e os meios que nortearão o processo de ensino e de aprendizagem. (COLET, 2019, p.28).

Quanto à avaliação no ensino de LI nas escolas públicas, conforme se pronuncia o PCN de LE “a avaliação é parte integrante e intrínseca ao processo educacional, indo muito além da visão tradicional, que focaliza o controle externo do aluno por meio de notas e conceitos” (BRASIL, 1998, p. 79), assim como nas demais disciplinas da grade curricular, a avaliação é necessária para verificar os resultados do processo de ensino e aprendizagem, assim também como perceber as dificuldades que o aluno demonstrará no decorrer das aulas, para que se possa trabalhar em cima delas com o objetivo de motivar o aluno a se envolver cada vez mais quanto a sua própria aprendizagem, pois ao identificar essas dificuldades o professor tem um norte quanto ao aprimoramento das práticas de ensino desenvolvidas em sala de aula, no que deve deixar de fazer, permanecer fazendo ou acrescentar as atividades que o mesmo tem em seus planos.

Concernente à avaliação específica do ensino de LI, observa-se a classificação quanto aos tipos de avaliação a serem exercidas, sendo elas formativas e somativas em relação ao aluno e a maneira como tem aprendido e ainda a auto avaliação em relação ao aluno, ao professor e suas práticas de ensino. A avaliação formativa é aquela que dá de forma contínua, direcionando as mudanças e ajuste quanto às metodologias e conteúdos abordados, enquanto que a avaliação somativa é aquela realizada, por meio de um teste, uma prova escrita, oral, que analisem uma área em específico ao final de cada bimestre do ano letivo. E na auto avaliação é dado a oportunidade do aluno se manifestar quanto as práticas de ensino e quanto as atitudes do professor neste processo dentro da sala de aula, ao qual o professor também poderá analisar quais foram seus erros e acertos. (BRASIL, 1998).

As principais dificuldades encontradas são indicativas de ambientes de alta vulnerabilidade social, onde se encontra violência dentro e fora da escola, excesso de alunos nas salas de aula, turmas desniveladas, falta de recursos didáticos, alunos com problemas básicos de leitura e escrita e a existência de funcionários com contratos de trabalho precários e insatisfação com seus salários. (BRASIL, 2015, p. 9).

Por conseguinte estes são alguns dos fatores responsáveis pela fragilidade e muitas vezes pelo fracasso do ensino do inglês na sala de aula das escolas públicas, impossibilitando que o professor atue adequadamente em prol de seus alunos para que possam aprender com qualidade, e na avaliação o professor deve levar em consideração todos estes fatores, pois mesmo tendo ciência das abordagens adequadas, muitos alunos não conseguem acompanhar o ensino de LI, mostrando resultados negativos na aprendizagem do mesmo.

2.4 RECURSOS METODOLÓGICOS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

Messias e Norte (2013, p. 19) conceituam que “as técnicas ou procedimentos são os recursos, as estratégias e as atividades utilizadas pelo professor, na sala de aula, para se atingir determinados fins”, que objetivam a aprendizagem do aluno, possibilitando ao professor facilidade para expor os conteúdos propostos conforme direcionado pelo PCN de LE e pela BNCC, abrindo espaço para materiais de cunho pedagógico auxiliares na construção do plano de aula, quanto ao ensino de LI.

É de conhecimento geral que são necessários estes recursos metodológicos específicos para cada disciplina e conteúdos a serem ministrados, estes estão dispostos de diversos tipos e formas por serem instrumentos que mediam e proporcionam a realização das práticas de ensino, estabelecendo como pilares a investigação, as atividades variadas, a contextualização e a perspectiva interdisciplinar (BRASIL, 1998). Possibilitando o desenvolvimento de uma aula mais dinâmica, a despertar no aluno um interesse maior quanto à aquisição de uma segunda língua, e diante desta variedade de recursos, encontram-se os recursos didáticos, pedagógicos, tecnológicos, midiáticos, visuais, musicais, entre outros.

[...] tais recursos podem ser usados na elaboração de tarefas pedagógicas, para deixar claro para o aluno a vinculação do que se faz em sala de aula com o mundo exterior (as pessoas estão no seu dia-a-dia envolvidas na construção social do significado; as possibilidades que existem fora da sala de aula de se continuar a aprender Língua Estrangeira. (BRASIL, 1998, p. 87).

Consequentemente, esta relação com a realidade externa do aluno é significativamente importante quanto à utilização dos recursos metodológicos, pois

desta forma o mesmo será impulsionado a desenvolver teoria e prática contextualizando o que se aprende em sala de aula ao que se vive fora dela, oportunizando a continuação do aprendizado pela experiência de se poder utilizar a LI em seu cotidiano. Em relação aos recursos didáticos Vilaça (2001 apud LORENZI; FIAMONCINI, 2018, p. 15) entende que “material didático é tudo o que auxilia no ensino de aprendizes de uma língua [...] este deve ser pensado de modo que o professor seja capaz de utilizá-lo da maneira mais adequada possível para facilitar o aprendizado” envolvendo todo o material disponível com conteúdo próprio da Língua Inglesa, que por sua vez acaba englobando livros didáticos, apostilas, sites, revistas, plataformas digitais, internet e tecnologias como computadores, sendo que tais recursos didáticos podem envolver todos os outros citados anteriormente, assim como os recursos pedagógicos, que compreendem a maneira como se ensinam os aspectos linguísticos, os aspectos culturais e sociais da LI.

Paralelamente aos demais recursos didáticos está a escolha do material que será utilizado como base para o ensino da língua inglesa. Esse material, utilizado pelo professor para nortear o ensino, deve ser muito bem escolhido para que se possam atingir os objetivos pretendidos. (LORENZI; FIAMONCINI, 2018, p. 15).

Como se nota a partir das perspectivas das autoras citadas acima, a escolha do material didático precisa ser criteriosa e estar de acordo com o público alvo ao qual será aplicado e os conteúdos que serão trabalhos em cima deste material, pois um erro pode causar influências negativas e desmotivar o aluno em sala de aula, levando-o a um desgaste físico e mental, e perdendo o interesse em aprender LI.

Garcia, Norte e Messias (2013, p. 278) identificam o computador como um recurso didático essencial e comentam que, “a visão mais atual, com a qual concordamos e da qual compartilhamos, consiste em apresentar o computador como um recurso didático flexível, utilizado pelo professor e pelos alunos, dentro ou fora da sala de aula para vários propósitos.”. Tal recurso tornou-se de extrema relevância, pelas múltiplas oportunidades que o mesmo oferece como o acesso a internet, plataformas digitais, construção de textos digitalizados, entre outras possibilidades, ao qual infelizmente devido a precária situação de algumas escolas públicas no Brasil, nem todos os alunos tem este acesso, pois por não possuírem renda necessária para ter um computador ou internet em casa, acabam por ficar a mercê da escola, e não tendo este recurso disponível nos laboratórios de informática

da instituição, o aluno é privado do mesmo, tendo em mãos apenas o livro como material didático.

Como oportunidade, o computador e a internet abordados anteriormente como recursos didáticos são também recursos tecnológicos que possibilitam o acesso às plataformas digitais educativas e interativas que mostram uma nova forma de aprender além da metodologia de apenas acompanhar o material físico em relação direta entre professor-aluno, envolvendo a prática de LI. Portela (2013, p. 197) ressalta que “a criação de plataformas digitais que funcionam como extensão do espaço de trabalho e interação da aula é um dos campos de intensa colaboração entre programadores informáticos e educadores”, visando a inovação no processo de ensino aprendizagem e adaptando-se a evolução tecnológica, para que se possa obter informações e utilizar esta tecnologia de maneira correta e a favor do próprio indivíduo em sua formação educacional.

A tecnologia transformou, transforma e ainda transformará a comunicação no mundo todo. A interação entre os indivíduos, mesmo estando em diferentes lugares, a disseminação da informação, rápida e eficaz, têm se tornado presentes na vida cotidiana das pessoas. Dentre todas as invenções tecnológicas até hoje criadas, a internet destaca-se devido à velocidade, à acessibilidade e, certamente, ao conforto oferecidos aos seus usuários. (LORENZI, FIAMONCINI, 2018, p. 61).

Pode-se afirmar que em razão do avanço da tecnologia e da presença ativa da internet, é necessário educar-se quanto ao seu uso, e a escola passa a ter um papel fundamental para a construção desta visão crítica e transformadora de si (o aluno) e do mundo (a sociedade), pois devido a criação de aplicativos e redes sociais, o aluno pode praticar aquilo que aprende em sala de aula, através da comunicação e da facilidade que os dispositivos eletrônicos dispõem.

De maneira geral e na construção do contexto histórico sobre ensino de LI, em relação aos recursos utilizados em sala de aula e seus respectivos fins, percebe-se que “a gramática é ensinada através de atividades com os livros didáticos; para o desenvolvimento da leitura são utilizados livros e revistas; a fala é exercitada através de clubes de conversação e discussões; e a escrita através de composições.” (MOURÃO, 2012, p.115). Pode-se analisar então que estas são as maneiras mais utilizadas dentro da sala de aula, mas é necessário que o professor vá além, e busque por outros recursos, que chamam a atenção, que motivam o aluno a ser curioso e aprender mais, na aplicação de recursos audiovisuais e midiáticos através

de televisores, rádios e aparelhos de som, como músicas, filmes, desenhos, documentários que proporcionem não somente o prazer em aprender, mas proporcionem a crítica e a reflexão.

Sob o mesmo ponto de vista Matos (2016, p. 44) afirma que o ensino de uma LE deve compreender também “coisas que perpassem a vida cotidiana do aprendiz, isto é, temas como ética, a pluralidade cultural, o meio ambiente, o consumo e a educação sexual, assuntos que pertençam ao discurso dos meios midiáticos.”. A relação entre teoria e prática mais uma vez é lembrada e neste quesito, analisa-se nesta visão os recursos didáticos impressos, como livros didáticos, que são escolhidos pelo professor no período determinado, relacionando os assuntos do livro ao contexto, social, geográfico e econômico do aluno que serão utilizados no decorrer de todo o ano letivo, assim como revistas, jornais, histórias em quadrinhos (HQs), que são utilizados periodicamente, mas que oferecem um grande diferencial no cotidiano escolar.

Os modos de utilização lúdica e social dos meios digitais, comuns para uma parte cada vez mais significativa de crianças, adolescentes e jovens do mundo pós-industrializado, não se transpõem automaticamente para o uso modular e formalizado necessário a uma aprendizagem gradual de processos e conceitos complexos em sala de aula. (PORTELA, 2013, p. 197).

Devido à aprendizagem de uma LE, o aluno precisa ser munido de meios que o auxiliem neste processo, e orientados quanto a utilização de dispositivos de tradução, sejam estes impressos como dicionários de Inglês-Português/Português-Inglês, vocabulários ao final do livro didático mostrando a tradução tanto de palavras isoladas ou como de frases e expressões comuns da LI, e ainda dispositivos de traduções virtuais, através dos tradutores em websites como a plataforma disponibilizada pelo Google e Bing sendo estes os mais conhecidos, como aplicativos de celulares que facilitam o acesso, mas que não devem ser os únicos meios de tradução, pois o aluno ao aprender deverá se transformar no próprio tradutor daquilo que se lê e escreve, principalmente de alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Segundo Antunes (1999), o ensino precisa estar disposto através de jogos e atividades diferenciadas para estimulação do ensino de uma LE para a sua aprendizagem, despertando estímulos no aluno que o faça atuar como sujeito ativo

neste processo de aquisição de uma nova língua, desta maneira o autor acentua que “a ideia de um ensino despertado pelo interesse do aluno acabou transformando o sentido do que se entende por material pedagógico e cada estudante, independentemente de sua idade, passou a ser um desafio” (ANTUNES, 1999, p. 36), devido às peculiaridades e características que diferem um do outro.

A partir dos jogos desenvolvidos através das múltiplas inteligências que sugerem que “existem formas diferentes de ser inteligente” (ARMSTRONG, 2003, p. 23), aos quais são as principais, a inteligência linguística, a inteligência lógico-matemática, a inteligência espacial, a inteligência corporal-cenestésica, a inteligência musical e as inteligências pessoais (interpessoal e intrapessoal), no qual se torna necessário dar enfoque na inteligência linguística, que atribui à facilidade do estudo das palavras e suas estruturas, leituras, conversações, compreendendo então que o ensino de LI deve ser voltado para estas atividades em específico, pois como o autor observa que mesmo em alguns indivíduos certos tipos de inteligência ser mais desenvolvidas que outras, não significam que o aluno não é capaz de aprimorar aquelas que menos se destacam, pois o ensino de LI aborda quase todas as inteligências citadas através da interdisciplinaridade (ARMSTRONG, 2003).

Mesmo que no Brasil as disciplinas são dispostas separadamente pelas matrizes curriculares dos cursos de Educação Básica, o trabalho pedagógico não deve e não pode acontecer fragmentado, de forma isolada, as disciplinas precisam dialogar, e essa possibilidade de ligação entre as áreas do saber denominamos interdisciplinaridade. (COLET, 2019, p. 41).

Antunes (1999) define que “a inteligência linguística ou verbal se manifesta pela facilidade em organizar palavras em um sentido de verdadeira ‘arquitetura’ com que poetas e escritores constroem imagens verbais” e a interdisciplinaridade permite o desenvolvimento desta área através da música, das poesias, dos debates, diálogos, jornais, teatro, dramatizações, gibis, imagens, bate-papo, jogos da força, jogos da memória, jogos de palavras e frases, mímicas, entre outros (ANTUNES, 1999), possibilitando ao professor uma gama de atividades que objetivam a fixação dos conteúdos a serem abordados durante todo o ano letivo, sejam em seu contexto gramatical, léxico, semântico, vocábulo e mesmo em comunicações, quebrando certos paradigmas de uma aula exaustiva e sem interação para a prática de LI.

Portanto, os recursos metodológicos servem como estratégias para uma aula mais didática e que reforcem o interesse do aluno, desenvolvendo competências e

habilidades do indivíduo, pois mesmo a LI sendo uma língua franca e globalizada, que transcende aspectos culturais além dos seus locais de origem, o aluno ainda está em processo de maturação quanto à aprendizagem da língua materna, ao qual é exigido maior enfoque, mesmo com tempo reduzido das aulas e superlotação de alunos com diferenciados níveis na aquisição de LI como segunda língua, da mesma maneira como em outras disciplinas dispostas na grade curricular, estabelecendo a união destas ao ensino de LI em concordância aos temas transversais, que perpassam por todo o cronograma de conteúdos das disciplinas escolares de 6º ao 9º Ano. (BRASIL, 2017).

3. PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE NA E.M.E.F BRIGADEIRO HAROLDO COIMBRA VELOSO, ITAITUBA – PARÁ

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Partindo do pressuposto da pesquisa como metodologia científica Gil (2008, p. 27) define a “pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”, tendo em vista tais objetivos, a pesquisa se fundamentou em autores com obras que destacam a pesquisa e o tema abordado.

O presente estudo foi realizado com base em referências bibliográficas, considerando que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p.50). Foram levantados materiais que tem como temática “O Processo de Ensino Aprendizagem na Língua Inglesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental”, através de autores como Crystal (2019), Colet (2019), Lorenzi e Fiamoncini (2018), Messias e Norte (2013) e Mourão (2012), assim também como órgãos regulamentadores da educação brasileira, como a Base Nacional Comum Curricular (2017) e o Parâmetro Curricular Nacional de Língua Estrangeira (1998) e outros autores complementares, que visam compreender como se desenvolvem as atividades, qual a relevância de estudar o Inglês como segunda língua quanto aos aspectos sociais, econômicos, culturais e históricos em mundo cada vez mais globalizado.

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. [...] uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. (GIL, 2002, p.42).

A partir do conceito de pesquisas descritivas na perspectiva de Gil (2002), considerou-se que a análise dos dados realizada no decorrer da pesquisa foi predominantemente qualitativa, apresentando dados e análises descritivas e quantitativas, centralizando-se no desenvolvimento dos alunos durante as aulas e dentro do ambiente escolar, observando ainda as práticas metodológicas abordadas

pelos professores da instituição, os recursos utilizados para uma aula mais dinâmica e atrativa, e como o ensino tem sido refletido na vida dos alunos de maneira ampla, não deixando escapar os detalhes e dados mais relevantes para essa pesquisa.

Quanto ao uso da abordagem qualitativa, Câmara (2013, p.2) ressalta que a mesma “permite, dentre outros, estabelecer fatores de determinado fenômeno, a partir da perspectiva analítica do real, por meio da população estudada, adequando-se como ferramenta para a construção de formulários quantitativos” compreendendo uma análise mais detalhada e ampliando o entendimento da maneira como o fenômeno a ser estudado afetam os sujeitos pesquisados em sua área de atuação. Como contribuição “a análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos.” (MORAES, 1999, p. 2), ao qual se tornou essencial como ferramenta para a concretização e a obtenção de resultados desta pesquisa.

Em conformidade as definições sobre a análise de conteúdo, Bardin (1977, p. 31) destaca que “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, sendo a mesma um leque de oportunidades para compreensão e entendimento dos questionamentos levantados concernentes a temática em destaque.

Numa abordagem qualitativa, construtiva ou heurística, esta construção, ao menos em parte, pode ocorrer ao longo do processo. Nesta abordagem, assim como as categorias poderão ir emergindo ao longo do estudo, também a orientação mais específica do trabalho, os objetivos no seu sentido mais preciso, poderão ir se delineando à medida que a investigação avança. (MORAES, 1999, p. 3).

De caráter exploratório, a pesquisa “tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p. 27) através da pesquisa de campo que consistiu no “aprofundamento das questões propostas. [...] estudando um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes” (GIL, 2008, p. 57) enfatizando o processo de ensino aprendizagem da língua inglesa nos sujeitos da pesquisa e no espaço escolhido para sua aplicação.

O estudo foi realizado em uma escola municipal de ensino fundamental do município de Itaituba - Pará, nos quais os sujeitos da pesquisa foram alunos de 6º ao

9º ano e professores do ensino de Língua Inglesa das respectivas turmas na própria escola escolhida. Os resultados da pesquisa consolidaram-se através de questionários elaborados e aplicados com perguntas abertas e fechadas, e posterior coleta de dados e análises das respostas, aos quais acompanhavam como anexo um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) possibilitando aos envolvidos quanto à temática, a participação ou não da pesquisa – no caso de menores de idade, o termo foi assinado pelos pais ou responsáveis do indivíduo, mediante aceitação em participar da pesquisa – sendo este método uma das maneiras a se conhecer a realidade dos entrevistados e do tema de maneira que alcançasse os resultados esperados ao fim da mesma.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

Conforme histórico fornecido pela instituição de ensino na qual foi realizada a pesquisa, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso recebeu este nome em homenagem ao corajoso Major Haroldo Veloso que descontente com a forma de governo de Juscelino Kubitschek (JK) iniciou a revolta de Jacareacanga no ano de 1956 e de Aragarças no ano de 1959. A escola está localizada na 7ª rua do bairro da Floresta e surgiu no ano de 1984, funcionando em um barracão comunitário, com duas salas de aulas em dois turnos manhã e tarde com total de 60 alunos, percebendo-se a necessidade de envolver as famílias do bairro e oferecendo as crianças, adolescentes e jovens a educação básica no qual está localizada e também aos bairros mais próximos, no qual tinha como responsável a professora Raimunda Batista (In memorian) e permanece com uma nova estrutura e sob novas gestões até os dias atuais.

No decorrer do contexto histórico da instituição houve diversas mudanças, não somente quanto à estrutura física, mas ainda quanto ao quadro organizacional das pessoas envolvidas em sua gestão e ensino, a começar pela inauguração da nova escola com 4 (quatro) salas de aula 01 (uma) secretaria e 01(um) banheiro no dia 1º de Maio de 1984, na administração do Exmº. Sr. Prefeito Francisco Xavier Lages de Mendonça (In memorian), ficando à frente das atividades como professora Responsável a Sra. Divina Ana dos Santos. A Primeira Diretora da Escola a professora Ana Maria Nonata Nascimento Cabral foi nomeada através de Portaria em dezembro de 1984, permanecendo no cargo até o ano de 1989, a

mesma atuou na escola como Supervisora Escolar. Da década de 1990 ao presente século, no ano de 2020, passaram várias pessoas de renome e que marcaram a história da educação no município de Itaituba e exerceram de grande valia suas funções como gestores educacionais da escola, como exemplo a Professora Socorro Bentes Leite (In Memoriam).

A escola é considerada como primordial para a integração da comunidade na formação educacional dos indivíduos pertencentes a ela, por muitos dos moradores e daqueles que já passaram por ela não somente quanto ao corpo técnico administrativo e organizacional, como também entre os docentes e discentes. Compreendendo em sua grade curricular aplicação quanto aos níveis de ensino propostos pela legislação brasileira, os anos iniciais, anos finais e EJA, percebem-se ainda mais esta importância quanto ao seu papel na sociedade passada e vigente, pois quando se procuram outras instituições de ensino no bairro na qual se localiza e nos bairros mais próximos, ela é a única que fornece as modalidades de ensino como EJA e anos finais, enquanto as demais instituições oferecem apenas a educação infantil e anos iniciais, possibilitando aos alunos darem continuidade aos seus estudos sem precisar deslocar-se para escolas mais distantes da sua casa.

A estrutura física da instituição após várias reformas e ampliações passou a atender um público maior daquele ao qual dantes atendia quando era apenas um barracão comunitário, para melhor desenvolvimento das práticas de ensino, munindo-se de 01 (uma) diretoria com espaço amplo para diretor e vice-diretor e 01 (um) armário a ser dividido entre ambos; 01 (uma) secretaria que permite a atividade da secretária e suas respectivas auxiliares com 01 (um) arquivo onde se guardam a documentação de alunos em caixas arquivo distribuídos por ano e temáticas específicas, como conclusão ou evasão; 01 (uma) sala de professores com armários individuais e computadores disponíveis para uso dos mesmos tendo em vista o aprimoramento quanto aos métodos escolhidos, com espaço amplo para o acontecimento de reuniões; 10 (dez) salas de aulas dispostas em dois pavilhões; 01(uma) biblioteca com livros dispostos para uso do professor e do aluno em sua prática escolar; 01 (uma) sala para o Atendimento Educacional Especializado (AEE); 01 (uma) sala de recurso funcional e 01 (um) laboratório de informática, para desenvolvimento de reforço com alunos dos anos iniciais; 01 (uma) cozinha e 01 (refeitório) com mesas e bancos para as refeições dos alunos mediante a merenda escolar; 01 (uma) cantina, onde é disposto a comerciantes venderem lanches da

preferência dos alunos; 01 (um) almoxarifado para estoque de alimentos e produtos diversos de limpeza; 01 (uma) quadra poliesportiva coberta para realização de atividades físicas dos alunos e ainda para uso da comunidade para realização de jogos e torneios esportivos; 02 (dois) banheiros para os alunos fazendo separação entre banheiros femininos e masculinos.

Neste ano de 2020 a escola conta com 540 alunos distribuídos nos turnos manhã e tarde, com turmas do 1º ao 9º ano do ensino fundamental e 3ª a 4ª etapas da EJA, sendo em média 300 alunos do 6º ao 9º ano, específicos para a realização da pesquisa. O seu quadro funcional é formado por 55 servidores divididos entre: corpo docente incluindo 37 professores, técnico administrativo e apoio. Tem como diretora: A Prof. Marlúcia Lopes Silva, formada em Licenciatura Plena e Pedagogia, como vice – diretor José Hidelbrando de Araújo, formado em Pedagogia, Pós Graduação em Gestão Escolar, Como secretária: Dairany Glayce Souza Barros, formada em Técnico em Secretaria Escolar, Pedagogia e Pós-graduação em Supervisão, Orientação e Gestão Escolar. Técnica Educacional Alecsandra Oliveira Leite, Pedagoga e Psicopedagoga e Mestre em Ciências da Educação.

Portanto conforme consta no Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP), a missão da escola é ter uma educação democrática e participativa, visando à formação integral do educando nas dimensões social, intelectual, moral, cívica, tornando unificada a cooperação de todos em prol de um único objetivo, a educação de qualidade. Primando por construir e concretizar um projeto político pedagógico que parta do princípio os tempos e espaços de aprendizagem que devem convergir para fortalecimento do processo de ensino-aprendizagem, voltados para a formação de cidadãos críticos e preparados para as adversidades inerentes à vida em sociedade.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

O estudo teve como sujeitos da pesquisa duas professoras e sessenta e três alunos da EMEF Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, que responderam um questionário com perguntas abertas de livre expressão e perguntas fechadas com sugestões em questões de múltipla escolha em relação à temática em questão. O critério adotado quanto à participação dos indivíduos foi o envolvimento direto no processo de ensino aprendizagem da língua inglesa, desta forma foram

selecionados alunos de 6º ao 9º ano e professores que lecionam essa disciplina dentro da instituição.

As duas professoras respondentes são ambas experientes na área da educação, com formação específica quanto ao campo educacional em que atuam, ou seja, em Letras. A professora 1 (P¹) com a idade de 52 anos, possui formação em Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Inglesa, com tempo de atuação na área da educação de 25 anos e 14 anos de formação, trabalhando atualmente com a disciplina de Língua Inglesa em quatro turmas do 6º ano, quatro turmas do 7º Ano, uma turma do 8º ano e duas turmas do 9º ano na respectiva escola. A professora 2 (P²) com a idade de 26 anos, possui formação em Licenciatura Plena em Letras e Pós-Graduação em Metodologia de Língua Estrangeira, com tempo de atuação na área da educação de 05 anos e 06 anos de formação, trabalhando as disciplinas de Língua Portuguesa em outra instituição e Língua Inglesa em uma turma do 8º ano (objeto da pesquisa) e 4 turmas de EJA, no qual não foram consideradas objetos da pesquisa, na escola aqui citada.

Os sessenta e três alunos que consentiram em responder a pesquisa, são alunos com a faixa etária entre 10 a 15 anos distribuídos entre turmas 6º ao 9º ano, anos finais do ensino fundamental, identificados neste estudo como A1, A2, A3..A63, sendo que A = Aluno, no qual se pôde se notar que a maioria (33%) dos alunos que responderam a pesquisa são do 8º ano por ter 2 turmas e cada uma com professoras diferentes e a minoria (17%) foram do 9º ano, conforme gráfico 1.

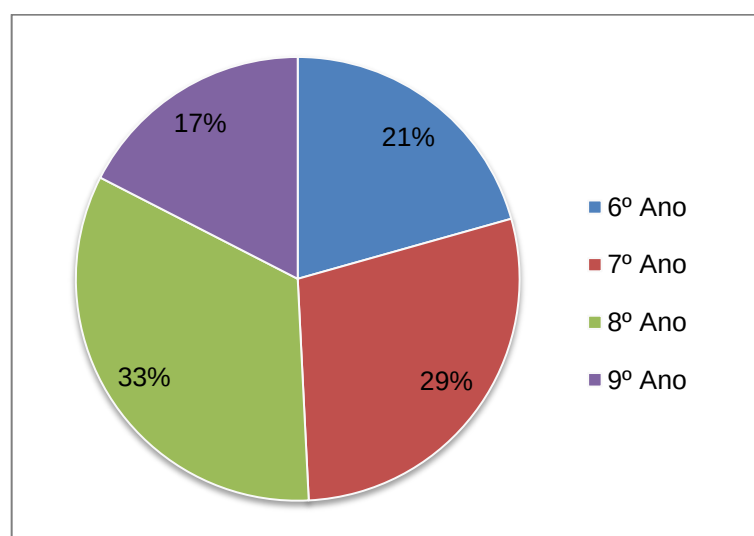


Gráfico 1: Alunos Entrevistados Por Turma. Fonte: Dados Da Pesquisa.

Dos entrevistados quarenta e nove correspondente a 78% é do sexo feminino

e quatorze correspondente a 22% do sexo masculino compreendendo pré-adolescência e adolescência conforme apresentado no gráfico 2 em relação a faixa etária dos alunos, uma fase com mudanças significativas e com comportamentos inconstantes, a maioria moradores do bairro ao qual se encontra a escola e outros moradores de bairros vizinhos.

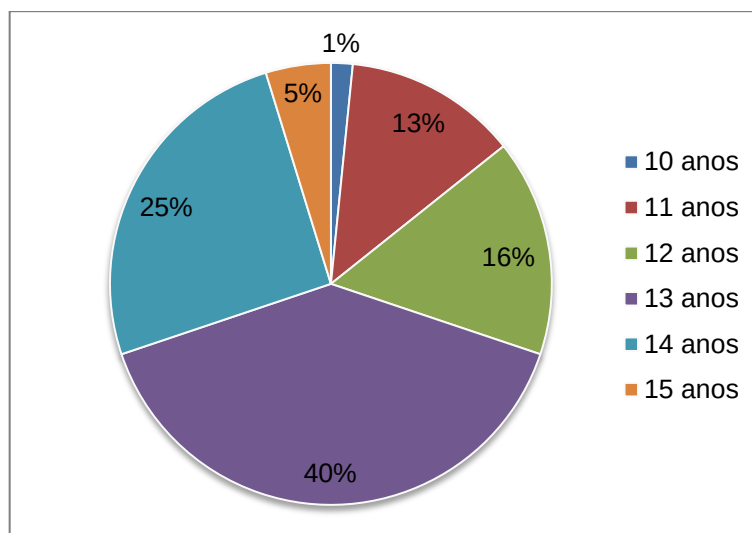


Gráfico 2: Faixa Etária dos Alunos Entrevistados. Fonte: Dados da Pesquisa.

Muitos dos alunos ao qual foi apresentada a pesquisa acharam de grande valia o questionário apresentado tendo em vista a livre expressão sobre o processo de ensino aprendizagem da língua inglesa, e logo demonstraram interesse em responder, outros após uma conversa mais detalhada o fizeram para que houvesse dados mais consistentes a realidade dos mesmos dentro e fora da sala de aula,

3.4 ANÁLISE DA PESQUISA COM OS ENVOLVIDOS

Para a realização do respectivo trabalho, foi necessária uma investigação com os professores e alunos da referida escola, na qual serão apresentados os resultados a seguir, mediante análise dos dados obtidos durante a pesquisa de campo conforme abordado nos processos metodológicos utilizados para esta pesquisa. Desta forma serão abordadas as percepções dos professores e posteriormente as percepções dos alunos, nos quais ao final deste tópico serão comparados diante do envolvimento direto no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem da Língua Inglesa.

3.4.1 Percepções dos Professores sobre o Processo de Ensino Aprendizagem da Língua Inglesa

Na aplicação dos questionários às professoras, foram abordadas perguntas relacionadas à como se desenvolvem as práticas de ensino em sala de aula e em relação aos seus conhecimentos sobre as novas mudanças e exigências sobre o Ensino de Língua Inglesa na Educação Brasileira no qual para manter a integridade da pesquisa, utilizou-se na íntegra as respostas das mesmas. Desta maneira, foi perguntado na questão de número 1: Diante das mudanças na LDB nº 9.394 de 20 de novembro de 1996 que estabelecia o ensino de uma língua estrangeira nas escolas brasileiras apenas, que impacto teve a obrigatoriedade do ensino da Língua Inglesa a partir do 6º Ano com a LDB de nº 13.415 de 16 de Fevereiro de 2017?

Quadro 1: Que impacto teve a obrigatoriedade do ensino da Língua Inglesa a partir do 6º Ano com a LDB de nº 13.415 de 16 de Fevereiro de 2017?

Professoras	Respostas
P ¹	<i>“Significante. Com a grande ênfase da Língua Inglesa se faz necessário o ensino desde as séries iniciais.”</i>
P ²	<i>“Significante. Pois nos dias atuais, é imprescindível o conhecer outras línguas e culturas, e a língua inglesa é a mais utilizada nos países a fora”.</i>

Fonte: Professores da EMEF Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba – Pará/2020.

Mediante exposto no quadro acima, ambas as professoras P¹ e P² consideram tal impacto significativo, com pontos de vistas complementares sendo que P¹ complementa que tal obrigatoriedade deveria se estender aos primeiros anos do ensino fundamental e P² denota os traços significativos e culturais que o ensino de língua traz e a maneira como tem se mostrado relevante no desenvolvimento dos países a fora, influenciando a cultura e a formação do cidadão brasileiro. Conforme adiciona Xavier (2016, p. 27) “[...] a obrigatoriedade da inclusão da Língua Inglesa no currículo escolar não significa que ela seja ensinada com sucesso ou que o professor responsável por essa disciplina seja bem formado”.

Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses

pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias. (BRASIL, 2017, p. 241).

Conforme consta na BNCC (BRASIL, 2017), em afirmação a análise, compreende-se que as escolas brasileiras precisam adequar a seu currículo as atualidades vigentes sobre o que acontece no Brasil e no mundo, principalmente concernentes a aprendizagem da Língua Inglesa, no qual foi um dos principais objetivos quanto à inserção do ensino da mesma na grade curricular, sendo imprescindível o acompanhamento das metodologias, práticas de ensino e recursos didáticos. Evidenciando a disponibilização de recursos didáticos ao professor de língua inglesa foi ainda questionado as professoras na pergunta de número 2: Alguns recursos didáticos são disponibilizados ao professor de Língua Inglesa, você acredita que somente o livro didático ou apostila selecionada é necessário para se abordar os pontos observados pela BNCC?

Quadro 2: Você acredita que somente o livro didático ou apostila selecionada é necessário para se abordar os pontos observados pela BNCC?

Professoras	Respostas
P ¹	<i>“Não, é necessário muito mais. Como a escola pública não disponibiliza de materiais adequados é necessário que o professor produza mais materiais.”</i>
P ²	<i>“Não! Pois de acordo com a BNCC, a língua inglesa, ou melhor, os recursos didáticos têm que levar em todo o contexto da vida do aluno, não só a sala de aula.”</i>

Fonte: Professores da EMEF Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba – Pará/2020.

Muitos professores do ensino de LI no decorrer do processo de ensino aprendizagem acabam se apegando somente ao livro didático ou apostilas, recurso mais comumente utilizado pela disponibilidade gratuita em sua maioria, e conforme ressalta as professoras, tanto P¹ quando P² consideram insatisfatória essa disponibilização, pois muitos desses livros não se adequam a realidade e ao cotidiano do aluno.

Em complemento a análise as autoras Lorenzi e Fiamoncini (2018) compreendem que devido aos avanços da tecnologia, muitos dos métodos precisam ser modificados e novos recursos didáticos disponibilizados, de maneira que o

professor não venha tirar de seus recursos financeiros pessoais para a realização de uma aula mais dinâmica, a disponibilização de laboratórios de informática com conexão a internet também é de grande valia, assim como projetores multimídias ou televisores, e apoio quanto aos projetos que possam ser desenvolvidos para melhoria do processo de ensino aprendizagem para atender as metas traçadas pela BNCC. Para que os recursos didáticos possam ser bem trabalhados o professor precisa escolher as metodologias mais adequadas, por este motivo indagou-se na questão número 3: Quais as metodologias utilizadas por você em sala de aula, durante as aulas de Língua Inglesa?

Quadro 3: Quais as metodologias utilizadas por você em sala de aula, durante as aulas de Língua Inglesa?

Professoras	Respostas
P¹	<i>“Através da tradução, memorização, regras gramaticais, compreensão de textos, integração social do aluno por meio do contato do aluno com a língua.”</i>
P²	<i>“Dinâmicas de problemas, pesquisas em livros, sites, jornais entre outros meios.”</i>

Fonte: Professores da EMEF Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba – Pará/2020.

Como formas de metodologia a P¹ demonstra ser mais apegada às questões literárias da língua focando na estrutura gramatical da LI, através da escrita e da leitura, porém não deixa de lado atividades que permitem ao aluno socializar-se e compartilhar aquilo que tem aprendido através da oralidade. Enquanto que P² utiliza-se de meios tecnológicos, assim como dinâmicas que permitam a reflexão do ensino aprendizagem no aluno e que promovam uma maior interação do aluno com a língua inglesa com materiais do cotidiano do aluno.

Sob o mesmo ponto de vista Mourão (2012) define essas metodologias variadas existentes aplicadas no ensino de línguas a partir das teorias de aprendizagem e linguagem acima mencionadas, como o Método da Gramática e Tradução (The Grammar-Translation Method), que mais se assemelha a tradução de textos e memorização, o mesmo autor compreende ainda o Método Audiolingual (The Audiolingual Method) – que dá ênfase à oralidade, mas foca na estrutura das frases construídas para prática no cotidiano, “os alunos devem primeiro ouvir, depois

falar e, então ler para finalmente escrever na língua alvo” (MOURÃO, 2012, p. 62), assim confirmando as metodologias utilizadas pelas professoras P¹ e P². Diante das metodologias e recursos didáticos há sempre aquelas nas quais os alunos mais se interessam em participar, mediante as atividades desenvolvidas em sala de aula, perguntou-se na questão de número 4: Em quais atividades os alunos demonstram mais interesse pelo aprendizado da Língua Inglesa?

Quadro 4: Em quais atividades os alunos demonstram mais interesse pelo aprendizado da Língua Inglesa?

Professoras.	Respostas
P ¹	<i>“Seminários/Apresentações, Leitura Coletiva/Individual, jogos diversos.”</i>
P ²	<i>“Outras. Atividades interativas, dinâmicas com jogos, caça-palavras, cruzadinhas.”</i>

Fonte: Professores da EMEF Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba – Pará/2020.

Desenvolver atividades diferentes a cada período é importante para motivar os alunos a continuarem aprendendo e por se ter pouca prática no cotidiano, os professores são responsáveis por mediar algumas atividades diferentes daquelas que já se tem programado, conforme a resposta de P¹ os alunos para os quais ministra aula, se interessam por atividades envolvendo oralidade através da explicação de assuntos inerentes e importantes específicos de LI, enquanto que P² complementa que seus alunos se interessam também por atividades de interação e divertidas, onde podem aprender brincando, por esta razão, despertar no aluno esse interesse próprio de aprender uma LE é uma tarefa árdua.

Na mesma perspectiva de envolver o aluno no ensino de LI, Antunes (1999, p. 36) declara que “a ideia de um ensino despertado pelo interesse do aluno acabou transformando o sentido do que se entende por material pedagógico e cada estudante, independentemente de sua idade, passou a ser um desafio” e para que este desafio venha ser superado o professor precisa munir-se de atividades que envolvam ativamente o aluno a partir de um pensamento reflexivo sobre o que tem aprendido. Abordando as atividades desenvolvidas pelo professor, foi necessário questionar com que frequência o mesmo as desenvolvia na pergunta de número 5:

Com que frequência, você utiliza recursos didáticos além do livro didático ou apostila? Qual (is)?

Quadro 5: Com que frequência, você utiliza recursos didáticos além do livro didático ou apostila? Qual (is)?

Professoras.	Respostas
P¹	<i>“Semanalmente. Cartaz, fichas, jogos, bingos.”</i>
P²	<i>“Semanalmente. Músicas e Dinâmicas.”</i>

Fonte: Professores da EMEF Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba – Pará/2020.

Como mencionado sobre as atividades que dinamizam uma aula, P¹ e P² percebem a necessidade de inserir jogos pedagógicos nos planos semanais para que os alunos se sintam mais livres em expressar-se na aprendizagem de uma LE e levam para sala de aula a ludicidade com aspectos pedagógicos visando a interação e socialização, envolvendo teoria e prática, promovendo então um contato direto com a língua através de brincadeiras e músicas.

As atividades languageiras são parte integrante do aprendiz e torna-se desafiador, contextualizar o ensino de gêneros atrelados às capacidades de linguagem, no contexto da sala de aula. E, para isso, a prática pedagógica do professor precisa estar articulada com as capacidades, os conteúdos, os recursos e os meios que nortearão o processo de ensino e de aprendizagem. (COLET, 2019, p.28).

Em contribuição a esta análise a autora citada ressalta como se envolvem as atividades de cunho linguístico para a fixação dos conteúdos programados envolvendo os jogos pedagógicos e atividades além daquelas sugeridas no livro didático, possibilitando ao aluno perceber a utilidade da aprendizagem de LI nos dias atuais e ainda a relação intrínseca que precisa coexistir para que o processo de ensino aprendizagem aconteça de maneira bem sucedida, ao ser direcionado e guiado quanto as suas práticas de ensino.

Para se entender a avaliação neste processo foi indagado na pergunta número 6: Como se dá a avaliação dos alunos no decorrer do bimestre, para analisar se o mesmo tem aprendido as metas e objetivos esperados pela BNCC ou PCN?

Quadro 6: Como se dá a avaliação dos alunos no decorrer do bimestre?

Professoras.	Respostas
P¹	<i>“A avaliação é qualitativa e quantitativa.”</i>
P²	<i>“Além da prova, levo em consideração o desenvolvimento e participação do aluno nas aulas.”</i>

Fonte: Professores da EMEF Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba – Pará/2020.

A avaliação é um processo contínuo que se inicia desde o primeiro dia de aula no ano letivo até os dias finais envolvendo a análise dos resultados obtidos quanto ao ensino aplicado no reflexo de como o aluno tem aprendido, consequentemente “a avaliação é parte integrante e intrínseca ao processo educacional, indo muito além da visão tradicional, que focaliza o controle externo do aluno por meio de notas e conceitos” (BRASIL, 1998, p. 79).

E diante das respostas as professoras P¹ e P² observam aspectos qualitativos e quantitativos, mesmo que definidos de maneira diferente, a perspectiva é a mesma e adicionando ao conceito de avaliação apresentado pelo PCN de LE, sendo caracterizadas como avaliações de caráter formativo e somativo, no qual a avaliação formativa é essencial tendo em vista que os alunos sofrem influências de fatores internos e externos do ambiente escolar, podendo afetar o seu desenvolvimento, não somente estabelecendo uma avaliação somativa através de testes e provas escritas que concedem notas ao aprendizado do aluno. A considerar a relevância da formação continuada do professor que contribui de forma positiva a sua atuação no ensino de LI, foi questionado também na pergunta de número 7: Você já realizou alguma formação além da graduação em relação a sua atuação na Língua Inglesa? Se sim, qual (is)?

Quadro 7: Você já realizou alguma formação além da graduação em relação a sua atuação na Língua Inglesa? Se sim, qual (is)?

Professoras	Respostas
P¹	<i>“Sim. Vários cursinhos”.</i>
P²	<i>“Sim. Tecnologia em Saneamento Ambiental e Pós em Metodologia em Língua Estrangeira”</i>

Fonte: Professores da EMEF Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba – Pará/2020.

Paralelamente a análise sobre formação continuada e atualizações do

professor quanto as suas práticas de ensino, Pires (2002, p. 25) pressupõe que “[...] a língua inglesa passou a ser o elo nas informações relacionadas com as constantes descobertas e evolução da tecnologia; tanto no campo científico como nos círculos sociais do mundo civilizado”, e, por conseguinte o professor precisa acompanhar esses passos que aos poucos se mostram relevantes, essa constante mudança “obriga” o profissional da educação a dar continuidade em sua formação e focar em cursos que abordam o tema e especializações assim como destacado por P¹ e P², pois só assim o mesmo consegue desenvolver uma aula próxima à realidade do aluno. Algumas indagações são feitas quanto ao professor de Língua Inglesa precisar ser fluente ou não para ministrar aulas de inglês, no qual foi questionado da seguinte forma na pergunta de número 8: Em sua opinião, para ministrar aulas da disciplina de Língua Inglesa, é necessário ser fluente ou falante da língua?

Quadro 8: Em sua opinião, para ministrar aulas da disciplina de Língua Inglesa, é necessário ser fluente ou falante da língua?

Professoras	Respostas
P¹	<i>“Em parte. Há muitas pessoas falantes da Língua, mas não tem domínio das regras gramaticais.”</i>
P²	<i>“Sim. Mas há a necessidade de está sempre se especializando, estudando, se atualizando.”</i>

Fonte: Professores da EMEF Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba – Pará/2020.

Para P¹ essa questão é relativa, pois não é necessário apenas fluência para se ministrar uma aula de inglês com eficiência, mas ainda conhecimentos das estruturas gramaticais e lexicais da língua, e a fluência, por sua vez, acaba trazendo vícios linguísticos e conversas informais ao dia a dia do professor afetando negativamente sua maneira de ensinar se não houver especializações quanto as práticas de ensino.

O professor de Língua Inglesa deve ter direito a uma formação continuada que abrange a sua área para que o mesmo tenha atendimento e orientação para se trabalhar tal disciplina em sala de aula sabendo de sua importância para a continuidade dos estudos dos professores buscando assim melhorias para o ensino público e desta forma evitando o fracasso da língua inglesa. (CASTILHO; CASTILHO E SANTOS, 2014, p. 8).

Em resposta complementar aos autores citados P² compreende que é sim necessário e isso faz parte da formação continuada, para se aprofundar no estudo

da língua, precisam procurar meios que o habilitem quanto ao ensino de LI, pois não é porque tal ensino do idioma foi imposto como obrigatório que necessariamente os resultados serão positivos, há muito que fazer e o professor precisa cada vez mais se capacitar sendo fluente e conhecendo a estrutura linguística de LI em sua totalidade para compartilhar ao aluno, pois mediante a fluência do professor, o aluno se sente mais seguro quanto a aprendizagem da língua e confiante de que realmente pode aprender a falar uma segunda língua. Para que se concretize tal reflexão o professor precisa enfrentar certos desafios dentro e fora do ambiente escolar, desta forma perguntou-se na questão de número 9: Em sua trajetória quanto ao Ensino de Língua Inglesa, quais os desafios enfrentados e o que deveria ser feito para melhorar a qualidade do ensino da mesma na sua escola?

Quadro 9: Quais os desafios enfrentados e o que deveria ser feito para melhorar a qualidade do ensino da mesma na sua escola?

Professoras	Respostas
P¹	<i>“A falta de material didático adequado para facilitar a aprendizagem.”</i>
P²	<i>“A falta de materiais didáticos adequados a realidade dos alunos. Pois o correto se o aluno tivesse a base da língua inglesa no fundamental 1.”</i>

Fonte: Professores da EMEF Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba – Pará/2020.

É claro o argumento das professoras P¹ e P² enfatizando que a falta de recursos didáticos é um dos desafios principais a serem enfrentados, é entendido como um clamor para melhorias do processo de ensino aprendizagem. Principalmente em escolas públicas, no qual atende um público em sua maioria de média e baixa renda, então a partir desta perspectiva em relação ao ensino e que perfil de “alunos matriculados nas escolas públicas são aqueles que têm menores condições financeiras e que assim dependem do ensino público para obterem uma formação adequada e de qualidade” (TEIXEIRA; SILVA, 2017, p. 166), e oferta de recursos didáticos que possam prover um ensino de qualidade é essencial para que o aluno seja envolvido no ensino da língua inglesa de forma a vivenciar em seu cotidiano aquilo que aprende em sala de aula.

Messias e Norte (2013, p. 30) sugerem que “o professor deve promover um desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem que eleve o estudante à condição de sujeito do seu próprio discurso”, no qual de forma efetiva se percebe

que o papel do professor no ensino aprendizagem é integrar o aluno aos conteúdos que são ministrados a partir do relacionamento professor-aluno, pois o aprender a Língua Inglesa, não se trata somente de aprender a falar ou se tornar fluente, mas construir uma visão crítica dos acontecimentos que movimentam o mundo a partir da ampliação de seus conhecimentos linguísticos.

3.4.2 Percepções dos Alunos sobre o Processo de Ensino Aprendizagem da Língua Inglesa

Compreendendo a relevância de que os alunos estão envolvidos diretamente neste processo, foi de suma importância à participação dos mesmos neste estudo, distribuídos entre turmas de 6º ao 9º ano que compreendem os anos na qual a língua inglesa é ministrada, uma vez que possibilitou entender a visão destes em relação ao processo de ensino aprendizagem da Língua Inglesa e como ocorre sua interação com a língua fora do ambiente escolar, mantendo na íntegra as respostas aqui citadas. Sendo assim, precisou-se indagar na pergunta de número 1: Como você classificaria seu interesse na aprendizagem de uma Língua Estrangeira (Língua Inglesa), além da sua língua materna (Língua Portuguesa)?

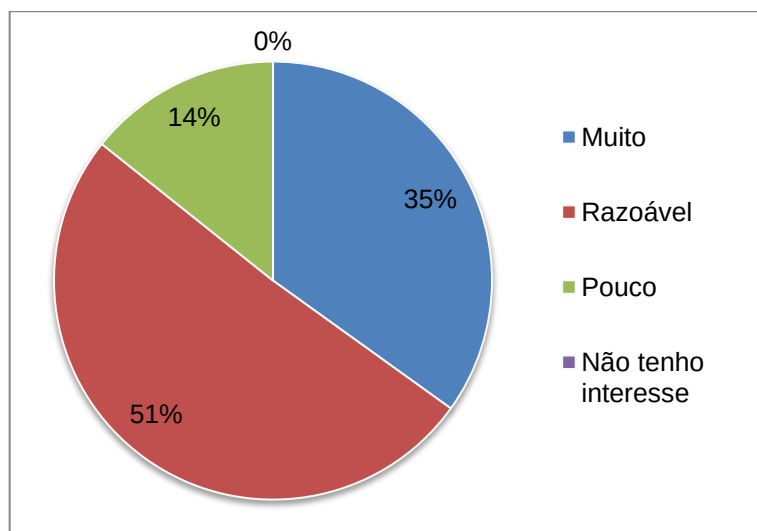


Gráfico 3: Como você classificaria seu interesse na aprendizagem de uma Língua Estrangeira (Língua Inglesa), além da sua língua materna (Língua Portuguesa)? Fonte: Dados da Pesquisa.

Classificar o interesse em si permite ao aluno realizar uma autoanálise sobre o quanto gostaria de aprender uma língua diferente da sua língua materna, e a resposta da maioria dos alunos entrevistados (51%) identificam seu interesse como

razoável enquanto que a minoria (14%) classificaram seu interesse como “pouco”, e mesmo com esses índices, nenhum (0%) dos alunos respondeu não ter nenhum interesse apontados no gráfico 3, pois compreendem a necessidade da língua inglesa em sua vida pessoal e profissional. Já que desde os seus primeiros momentos de implantação do ensino de LI “surge o ensino utilitário que foi decorrente da aproximação das nações europeias, em um contexto em que as pessoas sentiam interesses e necessidades práticas para aprenderem línguas.” (MESSIAS; NORTE, 2013, p. 22). Dentre as perguntas os alunos tiveram ainda o espaço para justificarem o porquê da classificação de tal interesse, sendo assim apresentado na tabela 1 distribuídas por categorias.

Tabela 1: Como você classificaria seu interesse na aprendizagem de uma Língua Estrangeira (Língua Inglesa), além da sua língua materna (Língua Portuguesa)? Justificativas. Fonte: Dados da Pesquisa

Justificativas pergunta nº 1	Alunos Entrev.	%
Aspectos Positivos		
Gostam de aprender novas línguas.	11	17%
Explicação da Professora.	2	3%
Crescimento profissional/futuro.	9	14%
Globalização do Inglês.	1	2%
Preferem a Língua Portuguesa.	1	2%
Viajar para o exterior.	5	8%
Interação com novas tecnologias e redes sociais.	2	3%
Aspectos Negativos		
Sem vontade de aprender.	4	6%
Não têm práticas no cotidiano sobre a língua.	4	6%
Não conseguem acompanhar a leitura, escrita ou oralidade.	11	17%
Sem Justificativa.	13	21%
TOTAL	63	100%

Diante das justificativas dos alunos, percebe-se uma análise prévia sobre o ponto de vista dos mesmos em relação à língua inglesa, assim A15 declara que tem muito interesse em aprender “pelo fato que é muito importante profissionalmente para o futuro para minha possível profissão”, então já se observa o inglês como uma ferramenta para crescer profissionalmente e se destacar no mercado de trabalho, sendo que aqueles que gostam de aprender novas línguas correspondem a 17% e crescimentos profissional ou futuro 14%, outros ainda que justificaram como A13 “para ter mais conhecimento sobre a língua” e assim poder participar das transformações sociais que envolvem a LI como abordado no PCN de LE que “[...] a

aprendizagem de Língua Estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas. [...]”. (BRASIL, 1998, p.37).

Dentre os que responderam razoavelmente muitos foram sem justificativa (21%), concernente aos que se justificaram estão A27 que afirma “porque uso muito pouco longe da escola, encontro mais em filmes e algumas mensagens” e A47 relata “porque eu tenho interesse, porém, nós não temos o momento de oralidade nas aulas, e por isso não aprendemos”, os mesmos já apontam as falhas do ensino de LI nas escolas públicas e algumas justificativas dos que pouco se interessam, estão A19 ressaltando que “pra mim é muito difícil e eu tenho muita dificuldade” e A23 “porque eu não tenho muito desenvolvimento”, demonstrando que quanto mais dificuldades possuem, menos gostam da disciplina. Relacionando o interesse em aprender LI com o ensino ofertado na escola, foi questionado na pergunta de número 2: Sobre o ensino da Língua Inglesa na sua escola, você considera?

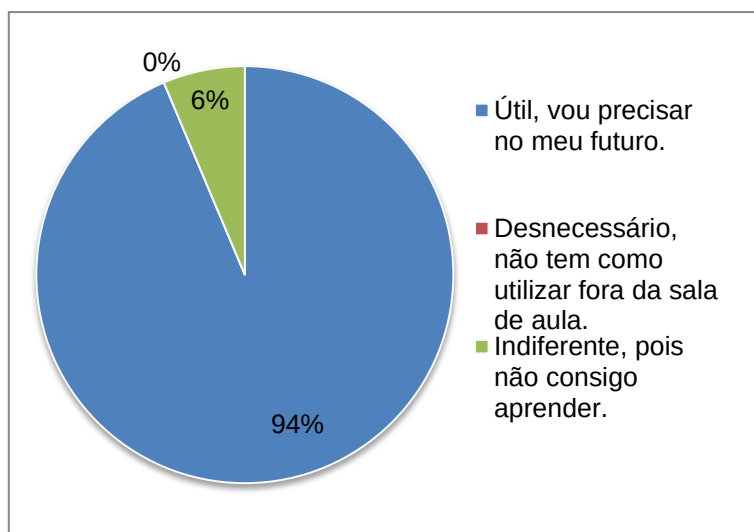


Gráfico 4: Sobre o ensino da Língua Inglesa na sua escola, você considera? Fonte: Dados da Pesquisa.

Em análise a este questionamento, considera-se que a maioria (94%) dos entrevistados considera útil e necessário, pois precisarão em algum momento no futuro de suas vidas, enquanto que a minoria (6%) a tratam como indiferente devido suas dificuldades em aprender, mas nenhum dos alunos (0%) afirmou ser desnecessário o ensino da língua nas escolas, pelo contrário mesmo com as dificuldades, percebem que é necessário para que se envolvam no aprendizado de uma Língua Estrangeira.

É fundamental, que os alunos reconheçam a função da língua inglesa nas escolas, porém é necessário que seja desenvolvido um programa dentro das escolas públicas que tenha como objetivo ajudar o aluno a reconhecer a importância de se estudar a língua inglesa e que diferenças esse conhecimento trará em sua vida profissional futura [...]. (TEIXEIRA; SILVA, 2017, p. 170).

Os autores complementam que é papel da escola desenvolver estratégias que despertem no aluno o interesse de aprender e ainda reconhecer a importância do ensino de LI nas escolas públicas brasileiras. Eventualmente muitos alunos inconformados com o ensino proporcionado pelas escolas, vão em busca de maior aprendizagem em instituições específicas no ensino de idiomas, por este motivo questionou-se na pergunta de número 3: Você faz ou fez algum curso de inglês em instituição específica de ensino de idiomas?

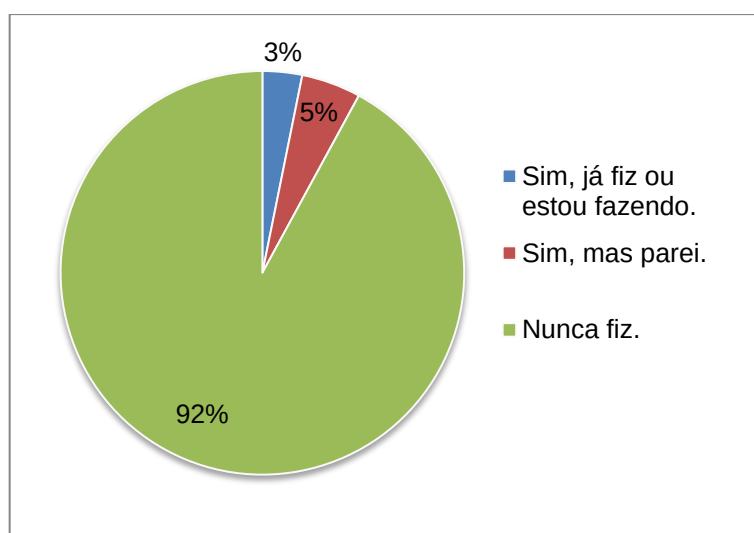


Gráfico 5: Você faz ou fez algum curso de inglês em instituição específica de ensino de idiomas?
Fonte: Dados da Pesquisa.

Conforme apontado no gráfico 5 dos alunos entrevistados a maioria (92%) nunca fez ou teve oportunidade de fazer um curso de idiomas mesmo que a maioria apontado anteriormente no gráfico 4, consideram útil para sua formação pessoal e profissional, devido muitas vezes pelas condições financeiras que não se podem arcar com aulas extraclasse segundo ressalta Teixeira e Silva (2017, p. 165) que “as escolas públicas passaram a oferecer aos alunos o ensino da Língua Inglesa, porém a qualidade do ensino ainda não é suficiente para que os estudantes saiam bilíngues após quatro anos de ensino fundamental e três anos de ensino médio”, e este é um dos motivos pelo qual os alunos preferem aulas das instituições que

oferecem ensino específico de idiomas, para que possam se envolver de maneira mais profunda quanto aos conteúdos abordados.

A minoria que já teve oportunidade fazer ou ainda está fazendo (3%), ao qual puderam observar e comparar o ensino nas escolas públicas e o ensino em instituições de ensino de idioma, em conformidade com os resultados apresentados no quadro 10, dando sequencia a pergunta de numero 3: Se sim, você acredita que aprendeu mais lá do que na escola ao qual você estuda?

Quadro 10: Se sim, você acredita que aprendeu mais lá do que na escola ao qual você estuda?

Alunos	Respostas
A29	<i>“Eu parei porque eu achei muito difícil.”</i>
A32	<i>“Eu aprendi mais no curso, porque na escola eles só ensinam o básico.”</i>
A38	<i>“Sim, na escola eu aprendo o básico e lá eu aprendo mais do que eu aprenderia na escola.”</i>
A52	<i>“Eu parei no meio do curso.”</i>
A59	<i>“Porque lá os professores pegam mais no pé do aluno.”</i>

Fonte: Alunos da EMEF Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba – Pará/2020.

Mediante resposta de A32, se confirma o que foi dito anteriormente sobre a maneira como se abordam de forma mais detalhada o conteúdo de LI, já que em experiências vivenciadas pelos alunos puderam perceber a diferença entre o ensino da escola pública e das escolas de idiomas no qual estudaram ou estudam. E ainda A59 declara sobre a maior preocupação e atenção dos professores quanto a aprendizagem do aluno, pegando no seu “pé” com mais frequência, e claro na escola de idiomas não se conta com a superlotação nas turmas ou com o fato dos alunos apresentarem diferentes níveis de conhecimentos linguísticos, facilitando o processo, que infelizmente não ocorre em escolas públicas, logo Castilho, Castilho e Santos (2014, p.2) definem que “a escola pública atende um público de classe baixa e média que não tem condições financeiras para custear um curso de inglês extraclasse, por esse motivo os alunos das escolas públicas deveriam aprender a língua inglesa em sala de aula”. E quanto mais se desenvolve, mais o aluno tem a oportunidade de utilizar fora da sala de aula, a partir do qual se questionou na pergunta de número 4: Com que frequência você utiliza a Língua Inglesa fora da sala de aula?

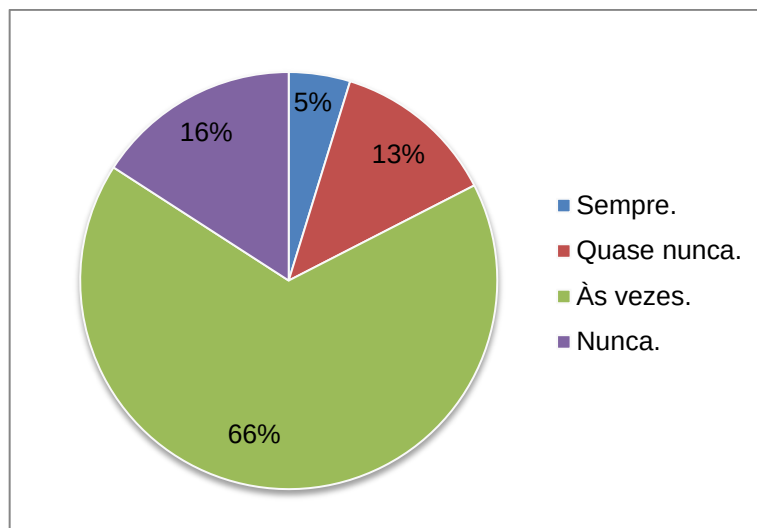


Gráfico 6: Com que frequência você utiliza a Língua Inglesa fora da sala de aula?
Fonte: Dados da Pesquisa.

Entre as variações de às vezes (66%) e sempre (5%) quanto às repostas dos alunos entrevistados se pode refletir que mesmo considerando que há algumas falhas no ensino, é notório que o inglês está presente na vida do aluno mesmo que momentaneamente e de forma periódica, o aluno, portanto, é sim capaz de se “encontrar” com a língua inglesa em seu cotidiano. Dentre os que quase nunca (13%) e nunca (16%) a utilizam confirmam a necessidade que o professor precisa desenvolver envolvendo suas práticas de ensino.

Tem sido preocupação frequente de estudiosos da linguagem, notadamente no que se refere à situação de dominação do inglês como segunda língua e mesmo como Língua Estrangeira. A posição do inglês nos campos dos negócios, da cultura popular e das relações acadêmicas internacionais coloca-o como a língua do poder econômico e dos interesses de classes, constituindo-se em possível ameaça para outras línguas e em guardião de posições de prestígio na sociedade. (BRASIL, 1998, p.38).

E nesta perspectiva abordada pelo PCN de LE, compreende-se que a língua inglesa tem se mostrado frequentemente nos âmbitos sociais e o aluno entra em contato direta ou indiretamente, basta o mesmo se atentar aos detalhes e palavras americanizadas do vocabulário de Língua Portuguesa. Em complemento as repostas da pergunta acima, os alunos tiveram ainda a oportunidade de responder de que formas a utilizavam, quais os meios mais comuns para que esse contato com a língua ocorra, conforme representadas na tabela 2 e posteriormente analisadas.

Tabela 2: De que formas se utilizam a Língua Inglesa fora da sala de aula? Fonte: Dados da Pesquisa.

Formas de uso da Língua Inglesa	Alunos Entrev.	%
Músicas, Filmes/Vídeos, Séries, Desenhos, Jogos, Redes Sociais.	22	35%
Conversação/Interação social.	17	27%
Escrita/Leitura.	8	13%
Sem resposta/Nenhuma.	16	25%
TOTAL	63	100%

. Diante dos dados analisados a maioria (35%) utiliza através de atividades que promovem o lazer pessoal, permitindo aprender de maneira divertida, no qual contribuem A12 “quando tô jogando tem umas palavras em inglês e as vezes eu traduzo” e A25 “eu utilizo com livros, músicas e jogos”, enquanto que a minoria (8%) utiliza através da prática da escrita e da leitura a partir dos conhecimentos adquiridos em sala de aula como afirmam A29 “eu utilizo o inglês fazendo frases, textos, eu conheço várias pessoas que faz curso e eu assisto filmes em inglês” e A38 “lendo, escrevendo, falando, etc”.

Em contrapartida alguns dos alunos utilizam meios de conversação e interação social (27%), que expressam como gostariam de aprender mais para conversar em outro idioma, e desta forma A11 “falando com as outras pessoas e ensinando” e A31 “pra falar: Bom dia, Boa tarde, Boa noite, Desculpa, Com licença”. Em contribuição Matos (2016, p. 44) afirma que o ensino de uma LE deve compreender também “coisas que perpassem a vida cotidiana do aprendiz, isto é, temas como ética, a pluralidade cultural, o meio ambiente, o consumo e a educação sexual, assuntos que pertençam ao discurso dos meios midiáticos” no qual são maneiras simples de utilizar, mas que voltam os olhares dos alunos para aprenderem realmente assuntos importantes, não somente por mera formalidade presente no currículo escolar que resultará em uma nota quantitativa ao final de cada bimestre, mas por necessidade e para a vida toda.

Consequentemente a esta interação com a língua, indagou-se aos alunos de maneira distribuída entre alunos do 6º ao 9º ano como alunos de P¹ e alunos do 8º ano “B” como onze alunos de P² na pergunta de número 5: Com que frequência acontece momentos de interação na sala de aula, com conteúdos específicos da Língua Inglesa (Músicas, Filmes, Conversação)?

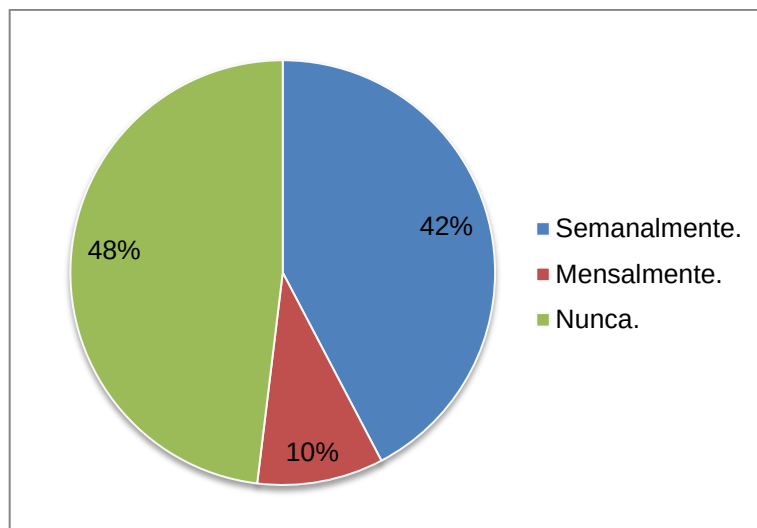


Gráfico 7: Com que frequência acontece momentos de interação na sala de aula, com conteúdos específicos da Língua Inglesa (Músicas, Filmes, Conversação)? Alunos P¹. Fonte: Dados da Pesquisa.

Podendo perceber certa contradição quanto aos resultados, sendo que a maioria (48%) afirma não ter esses momentos de interação, e há aqueles que afirmam que acontecem semanalmente (42%) e mensalmente (10%), os alunos dividem suas opiniões muitas vezes pelas dificuldades que apresentam em aprender a língua, e já ter em mente aquela aula mais tradicionalista sem o uso de meios que os permitam interagirem com a língua dentro da sala de aula. E na turma dos alunos entrevistados de P² que apresentam os seguintes resultados, quase que similares aos alunos de P¹ sobre o período em diferentes atividades acontecem, mesmo com um menor número de alunos, conforme demonstrado no gráfico 8.

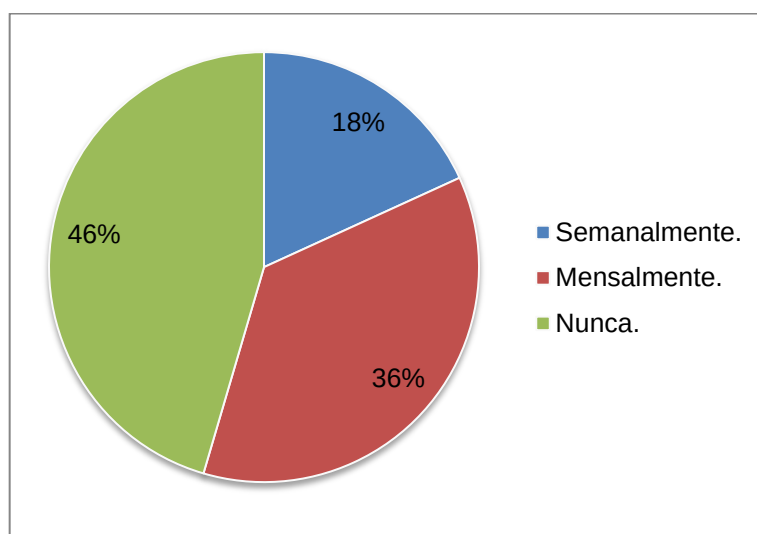


Gráfico 8: Com que frequência acontece momentos de interação na sala de aula, com conteúdos específicos da Língua Inglesa (Músicas, Filmes, Conversação)? Alunos P². Fonte: Dados da Pesquisa.

Em sequência aos resultados obtidos e analisados, Portela (2013, p. 197) diz que “os modos de utilização lúdica e social dos meios digitais [...], não se transpõem automaticamente para o uso modular e formalizado necessário a uma aprendizagem gradual de processos e conceitos complexos em sala de aula”, compreendendo desta forma que o ensino está aberto à aplicação de meios conforme organização do professor no período que considerar mais acessível. Partindo do pressuposto que os professores organizam atividades diferentes da rotina escolar, é importante envolver diretamente nas mesmas, por este motivo questionou-se para as turmas de ambas professoras P¹ e P², na pergunta de número 6: Sobre sua participação em relação a seminários, eventos da escola, realização de atividades em livros didáticos ou apostilas ou provas referente a Língua Inglesa, você consegue realizar todas com facilidade?

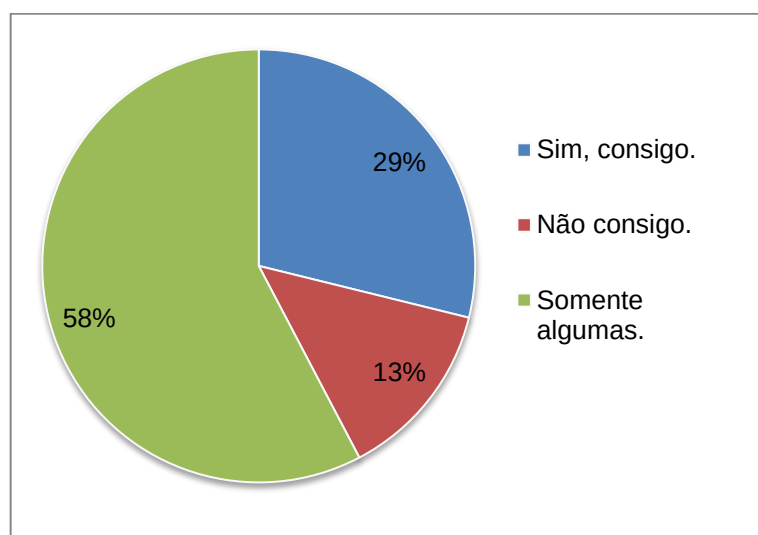


Gráfico 9: Sobre sua participação em relação a seminários, eventos da escola, realização de atividades em livros didáticos ou apostilas ou provas referente à Língua Inglesa, você consegue realizar todas com facilidade? Alunos de P¹. Fonte: Dados da Pesquisa.

Com destaque para a presença dessas atividades pedagógicas, os alunos puderam estabelecer o seu nível de aprendizado e quais as atividades em que mais se destacavam, mesmo não sendo todas como aos que responderam “somente algumas” (58%) como A4 “tem algumas palavras visíveis que deixa isso mais fácil”, considerando a facilidade em entender a língua através de cognatos, A11 afirma que consegue com facilidade “alguns cumprimentos” mais uma vez ressaltando a interação social através da oralidade e A27 “seminários e trabalhos complementares” no qual já denota a necessidade de que sejam elaboradas formas de avaliação

envolvendo aspectos no qual aluno já começa a se sentir capaz no processo de ensino aprendizagem da língua inglesa. No gráfico 10, diante da mesma questão são demonstrados os resultados dos alunos de P².

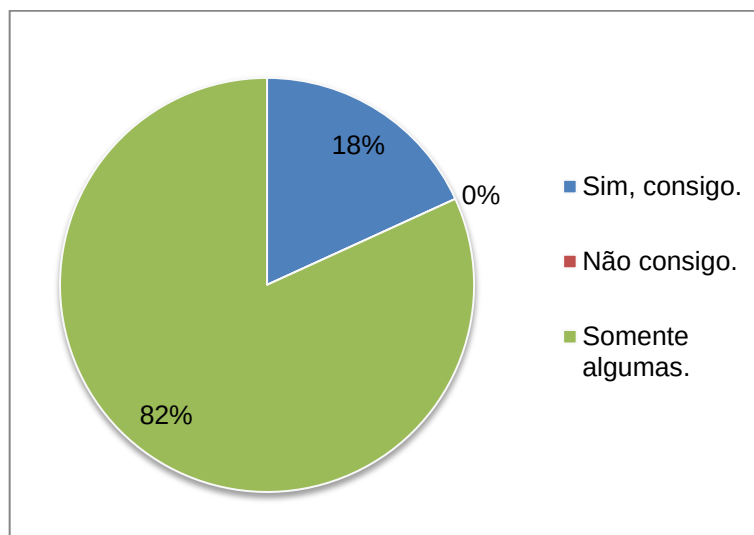


Gráfico 10: Sobre sua participação em relação a seminários, eventos da escola, realização de atividades em livros didáticos ou apostilas ou provas referente à Língua Inglesa, você consegue realizar todas com facilidade? Alunos de P². Fonte: Dados da Pesquisa.

Os alunos entrevistados levaram em consideração apenas que conseguem (18%) e que conseguem somente algumas (82%), demonstrando assiduidade na realização de atividades desenvolvidas no âmbito escolar e comenta, portanto, A₅₃ “porque é só presta atenção que entende e reponde”, A₆₀ “em saudações, pronomes, perguntas e textos” e A₆₁ “consigo só quando faço seminário, porque eu tenho ajuda dos meus colegas”, que compreendem fatores distintos envolvendo interesse direto do aluno, porém necessários e utilizados como recursos metodológicos pelo professor.

Como abordado no PCN de LE (BRASIL, 1998) são necessários estes recursos metodológicos específicos para cada disciplina e conteúdos a serem ministrados, estes estão dispostos de diversos tipos e formas por serem instrumentos que mediam e proporcionam a realização das práticas de ensino, estabelecendo como pilares a investigação, as atividades variadas, a contextualização e a perspectiva interdisciplinar. E nesta perspectiva, são ressaltados os eixos organizadores do ensino de LI, conforme destacado na BNCC, no qual se perguntou aos alunos na questão de número 7: Existem 3 (três) eixos que direcionam o ensino da Língua Inglesa, Oralidade (Conversação), Leitura e Escrita, quais deles chamam mais a sua atenção para aprender a Língua Inglesa?

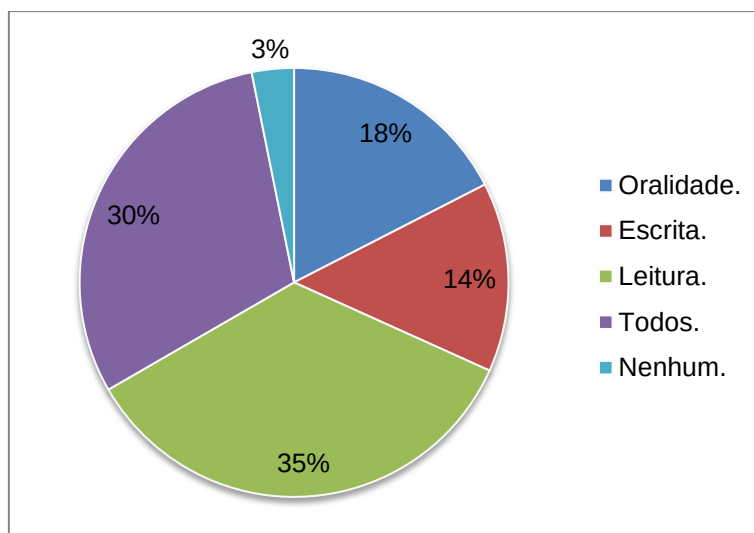


Gráfico 11: Existem 3 (três) eixos que direcionam o ensino da Língua Inglesa, Oralidade (Conversação), Leitura e Escrita, quais deles chamam mais a sua atenção para aprender a Língua Inglesa? Fonte: Dados da Pesquisa.

Concernente aos dados obtidos, os alunos são atraídos em sua maioria (35%) pela língua inglesa, seguido pelas respostas de 30% dos alunos que se atraem simultaneamente pelos três eixos organizadores principais, principalmente pelo fato de uma complementar a outra, e como destaca Colet (2019, p. 37) “indivíduos que se posicionam como questionadores munem-se de ferramentas para produzirem suas próprias leituras” e já se percebe como observam aquilo que conseguem aprender ou não, ou que despertam o interesse interno no aluno de se aprofundar ainda mais nos conhecimentos linguísticos da língua, justificando-se quanto a sua escolha conforme resultados na tabela 3 distribuídos em categorias.

Tabela 3: Existem 3 (três) eixos que direcionam o ensino da Língua Inglesa, Oralidade (Conversação), Leitura e Escrita, quais deles chamam mais a sua atenção para aprender a Língua Inglesa? Justificativas. Fonte: Dados da Pesquisa.

Justificativas pergunta nº 7	Alunos Entrev.	%
Fácil aprendizagem	23	37%
Gostam da língua inglesa	5	8%
Necessidade no cotidiano/sala de aula	19	30%
Interação Social	10	16%
Sem justificativa.	6	10%
TOTAL	63	100%

É notório que a maioria dos alunos (37%) respondeu que tal eixo chama atenção pela fácil aprendizagem que possibilita, conforme declaram A7 “porque é mais fácil para mim aprender o inglês na leitura”, A13 “escrita fica mais fácil de

aprender” e A40 “eu acho ela bem interessante, o falar pra mim na língua inglesa e muito importante”, além da facilidade os alunos se interessam por aquilo que mais apreciam na estrutura e nos traços da língua inglesa.

Dentre os que entenderam como necessidade (30%) justificaram da seguinte forma, A34 “pois é uma língua que eu vou precisar muito”, A12 “precisamos praticar esses três, nos ajuda na pronúncia, na leitura e na escrita” e A16 “porque eles necessitam um dos outros para o melhor aprendizado”, estabelecendo então a necessidade em sala de aula e no cotidiano, tendo em vista que ambos se interligam e sempre complementam um ao outro, no qual já passam a envolver o eixo complementar de conhecimentos linguísticos, sendo que “consolida-se pelas práticas de uso, análise e reflexão sobre a língua, sempre de modo contextualizado, articulado e a serviço das práticas de oralidade, leitura e escrita” (BRASIL, 2017, p. 245). Quanto à leitura e a escrita, observa-se que se utiliza muito de tradução, nesta linha de pensamento, foi questionado na pergunta de número 8: Quais os recursos você utiliza para tradução de palavras, textos, frases sugeridos em atividades pelo professor (a) na sala de aula?

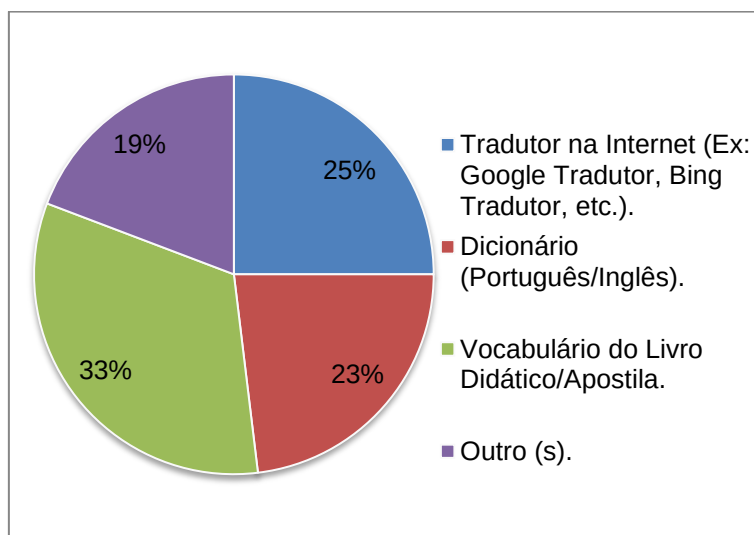


Gráfico 12: Quais os recursos você utiliza para tradução de palavras, textos, frases sugeridos em atividades pelo professor (a) na sala de aula? Alunos P¹. Fonte: Dados da Pesquisa.

Como muitos dos livros didáticos ou apostilas selecionadas pelos professores já vem com o vocabulário próprio do conteúdo, frases e palavras por ele abordados, a maioria (33%) utiliza deste método para traduzir os textos sugeridos, e mesmo que o uso do celular seja limitado, muitos dos alunos (25%) utilizam de tradutores online dentro da sala de aula em virtude de palavras não encontradas dentro dos recursos

materiais disponíveis. Em média (23%) possuindo dicionários de Tradução Português – Inglês ou vice-versa os utilizam para a realização de tradução de textos, mesmo que por vezes ser mais complexo que os outros tipos de tradutores, por sua tradução de palavra por palavra, desta forma aqueles que responderam “Outros” ressaltaram que esses meios eram mais de um dos citados na questão, e ainda mediante exposição do aluno A15 “dicionário e conhecimento”, analisando que o mesmo procura estudar mais da língua inglesa, além daquilo que é ministrado em sala de aula. Em seguida, para melhor interpretação dos dados, foram separadas as turmas de P¹ e P², ao qual será analisada a mesma pergunta quantos aos alunos de P².

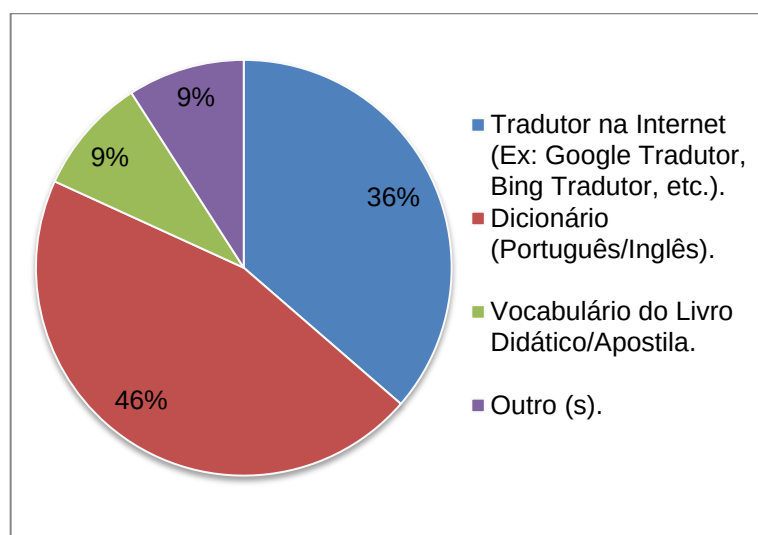


Gráfico 13: Quais os recursos você utiliza para tradução de palavras, textos, frases sugeridos em atividades pelo professor (a) na sala de aula? Alunos P². Fonte: Dados da Pesquisa.

As diferenças encontradas entre as turmas de P¹ e P² quanto à tradução de material explorado em sala de aula, é que a maioria (46%) utiliza dicionários ao invés de vocabulários da apostila como observado nos dados anteriores, porém a média do índice em relação ao uso dos tradutores online (36%) estão em níveis parecidos, e o aluno acaba sentindo essa necessidade devido à curiosidade pelo conhecimento e pelo uso de novas palavras em seu vocabulário linguístico, pois, “ao ser exposto à língua estrangeira, o aluno, com base no que sabe sobre as regras de sua língua materna, elabora hipóteses sobre a nova língua e as testa no ato comunicativo em sala de aula ou fora dela” (BRASIL, 1998, p. 56). Ao observar a utilidade do livro didático ou apostila quanto à tradução de textos e palavras isoladas, foi necessário verificar o ponto de vista dos alunos sobre o mesmo, na

pergunta de número 9: Você considera o livro didático/apostila suficiente para aprender a Língua Inglesa? Justifique.

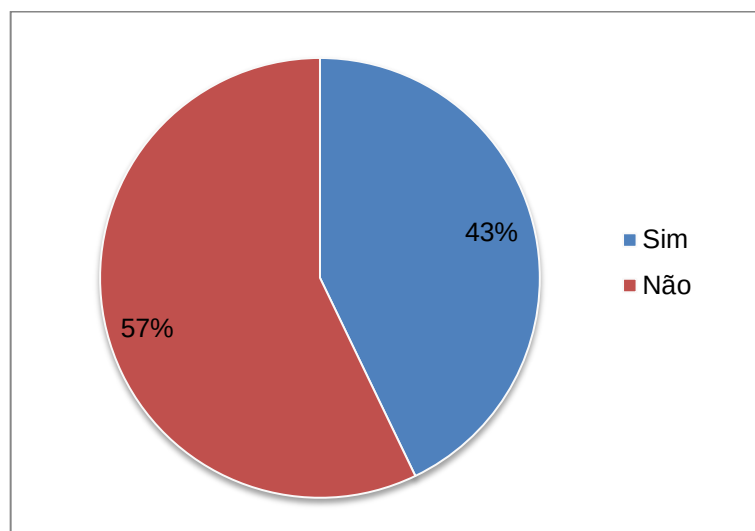


Gráfico 14: Você considera o livro didático/apostila suficiente para aprender a Língua Inglesa? Justifique. Fonte: Dados da Pesquisa.

Em relação aos dados obtidos, os alunos ainda revelam sua visão sobre o material didático em questão, percebendo que mesmo sendo importante o uso em sala de aula, 57% responderam que não tem como o livro ou apostila fazer com que o aluno aprenda na íntegra, enquanto que 43% entendem que os mesmos são capazes em atender esta expectativa de possibilitar ao aluno um estudo mais profundo sobre a língua. Desta maneira observaram-se em categorias as justificativas, no qual são apontadas na tabela 4.

Tabela 4: Você considera o livro didático/apostila suficiente para aprender a Língua Inglesa? Justificativas. Fonte: Dados da Pesquisa.

Justificativas pergunta nº 9	Alunos Entrev.	%
Aspectos Negativos		
Conteúdo Extenso/Escrito em Inglês	5	8%
Conteúdo Pobre/Básico	25	40%
É necessário mais que o livro didático	7	11%
Sem justificativa	5	8%
Aspectos Positivos		
Conteúdo Suficiente/Fácil	18	29%
Organizados/Acessíveis	3	5%
TOTAL	63	100%

Em contribuição a esta análise Vilaça (2001 apud LORENZI; FIAMONCINI, 2018, p. 15) entende que “material didático é tudo o que auxilia no ensino de

aprendizes de uma língua [...] este deve ser pensado de modo que o professor seja capaz de utilizá-lo da maneira mais adequada possível para facilitar o aprendizado” envolvendo todo o material disponível com conteúdo próprio da Língua Inglesa, incluso o livro ou apostila, em contrapartida grande parte dos alunos (40%) entendem que o conteúdo não é o suficiente e contêm apenas o básico do que se espera aprender, além de serem escritos totalmente em inglês, no que alguns observam mediante suas dificuldades na aquisição de uma segunda língua, explicitados por A1 “porque não tem tudo o que a pessoa precisa” e A15 “a oralidade é necessária para o aprendizado de línguas estrangeiras”. Logo a categoria que apresenta maior índice (29%) quanto a aspectos positivos, possuem uma linha de pensamento contrária ao afirmarem que o livro e a apostila são fáceis e suficientes, pois podem estudar tanto em sala de aula, quanto em casa em junção com a orientação da professora, identificados por A6 “porque é informativo e tem mais aprendizado mais fácil ao aluno” e A21 “pois como nossa professora nos explica bem é bem fácil de aprender” sendo este segundo um ponto de vista em relação a P¹. Em uma análise mais qualitativa dos dados e como já abordada em algumas questões indagou-se aos alunos sobre as suas dificuldades, na pergunta de número 10: Quais são as dificuldades que você tem em aprender a Língua Inglesa?

Tabela 5: Quais são as dificuldades que você tem em aprender a Língua Inglesa? Fonte: Dados da Pesquisa.

Dificuldades em aprender LI	Alunos Entrev.	%
Leitura/Escrita/Oralidade/Pronúncia	40	63%
Desenvolver as atividades propostas	5	8%
Pouco tempo das aulas/Falta de atenção	3	5%
Sem prática no cotidiano/Tradução	4	6%
Verbo "To be"/Verbos Irregulares/ Numerais	6	10%
Nenhuma/Sem Resposta	5	8%
TOTAL	63	100%

Em relação aos resultados apontados, se observam as áreas que apresentam maior dificuldade do aluno, como no caso da leitura, escrita, oralidade ou conversação e pronúncias (63%), pois acabam envolvendo todos os conteúdos abordados para o ensino de LI, mesmo que seja para demonstrar assuntos mais complexos e de diferentes temáticas e 10% correspondentes a questões mais específicas envolvendo a gramática e os numerais, os menores índices apontados já ressaltam mais falta de atenção (5%) e no desenvolvimento das atividades (8%).

Cabe então levar em consideração alguns comentários sobre esses pontos indicativos que envolvem dificuldades do aluno como A2 “a maior dificuldade é o tempo, pois as aulas é só uma vez na semana e não dá para se desenvolver mais assunto”, A39 “por enquanto nenhuma ainda a professora é muito boa ela explica super bem” e A24 “pronunciar e escrever porquê eu escrevo errado e não consigo falar as palavras em inglês” e muitas dessas dificuldades são resultados de fatores internos e externos, conforme apontado em pesquisa realizada pelo Conselho Britânico (British Council) nas escolas brasileiras:

As principais dificuldades encontradas são indicativas de ambientes de alta vulnerabilidade social, onde se encontra violência dentro e fora da escola, excesso de alunos nas salas de aula, turmas desniveladas, falta de recursos didáticos, alunos com problemas básicos de leitura e escrita e a existência de funcionários com contratos de trabalho precários e insatisfação com seus salários. (BRASIL, 2015, p. 9).

Desta forma, analisa-se que não são dificuldades comuns, mas influenciadas pela ausência de recursos, incentivo e apoio quanto ao ensino de LI e fatores como turmas desniveladas, torna-se um impasse para que o professor dê mais atenção àquele que apresenta certa dificuldade, mas por ser o único não recebe as devidas orientações. Nesta perspectiva, percebeu-se a necessidade de perguntar quais seriam as mudanças necessárias na visão dos alunos na pergunta de número 11: O que deveria ser feito para melhorar o ensino de Língua Inglesa na sua escola?

Tabela 6: O que deveria ser feito para melhorar o ensino de Língua Inglesa na sua escola? Fonte: Dados da Pesquisa.

Sugestão de Melhoria	Alunos Entrev.	%
Aumentar o número de aulas /Conversações	12	19%
Ter mais Seminários/Filmes/Músicas/ Palestras/ Dinâmicas/Jogos/Eventos	14	22%
Melhor abordagem dos conteúdos pela professora	7	11%
Disponibilidade de mais recursos didáticos gratuitos	4	6%
Mais atenção e interesse dos alunos	5	8%
Mais formas de avaliação	2	3%
Não precisa mudar nada	14	22%
Sem resposta	5	8%
TOTAL	63	100%

As opiniões se encontram em sua maioria, entre aqueles que anseiam por

mudanças (22%) e sugerem atividades que possam ser desenvolvidas para melhor aprendizagem assim como comentam A2 “gostaria de mais vídeo aulas e mais dias de aula de inglês, mais filmes em inglês e conversação” e A42 “ter mais programações como músicas, filmes, teatros, etc.”. Entretanto há aqueles que já compreendem o ensino como suficiente e muito bom (22%), não precisando modificar em nada, mas permanecer como está relatando assim A39 “pra mim está muito bom do jeito que está não precisa de nada esta tudo em ordem por enquanto” e A8 “na minha opinião eu acho que nada, porque eles já faz o que pode pra nós aprender”. Todavia percebe-se que os alunos gostam da disciplina e anseiam aprender mais quando ressaltam que precisa haver mais aulas e mais tempo para o bom desenvolvimento dessas atividades e das estratégias que as professoras desenvolvem, analisando de maneira crítica o ensino de LI, como declara A63 “ter aulas mais vezes na semana de inglês, assim acho que iremos aprender mais” e A4 “ter mais aula diariamente ou até semanalmente, pois eu acho que nós temos pouca aula de inglês 1 dia na semana, isso é muito pouco”.

A pedagogia crítica ressalta a importância de se abordar criticamente, em sala de aula, a relação entre língua, texto e a sociedade, uma vez que as estruturas de poder que estão relacionadas com o uso da linguagem, do diálogo, da comunicação, da cultura e da pedagogia não podem ser separadas. (MATOS, 2016, p. 35).

Possibilitar ao aluno o espaço para sugestões se torna de extrema importância para que possam analisar onde realmente precisa ser observado de forma mais detalhada, e ainda oportunizando aos mesmos a crítica construtiva e reflexão sobre o processo de ensino aprendizagem, finalizando então com um comentário de um dos alunos sobre as sugestões de melhoria que foi totalmente contrário aos expostos anteriormente, sugere então A55 “tirar a matéria de inglês, pois pobre não sai do Brasil, como que vou falar inglês aqui?”, exaltando sua condição financeira e sua classe social, indagando qual a necessidade de se trabalhar o inglês nas escolas públicas se os alunos não tem prática fora dela, e pode-se então a partir deste ponto de vista buscar propostas que levem o ensino de língua inglesa a outro nível e permita ao aluno entender a importância através da oferta de um ensino de qualidade a colocar em prática o que já foi colocado no papel, quanto às teorias de aprendizagem e linguísticas, abordagens, métodos e técnicas.

Entender a maneira como cada um dos agentes participantes processo foi essencial para a análise dos dados a partir dos resultados e das percepções que cada um deles possui, tendo em vista serem indivíduos com pensamentos diferentes, as análises quanto às perguntas envolvendo práticas de ensino diretas a determinados professores P¹ e P² nas respectivas turmas no qual ministram aula, que mesmo apresentando diferentes atividades, os alunos sentem falta de mais interação, de mais conversas em inglês, de mais momentos que os permitam construir visão própria a cerca do conteúdo e dos temas abordados nas aulas de língua inglesa.

3.5 SUGESTÕES DE MELHORIAS

Mediante os resultados da investigação realizada por esse estudo, percebeu-se que se faz necessário que haja uma iniciativa quanto à aplicação de novas atividades para as devidas melhorias no processo de ensino aprendizagem da língua inglesa na E.M.E.F Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso em Itaituba – Pará. Nesta perspectiva o seguinte trabalho, a fim de contribuir para o bom desenvolvimento das práticas de ensino no ensino de Li, propõe-se as seguintes sugestões de melhorias:

- ✓ Programar sessões de filmes com história sobre a língua inglesa, ou filmes de entretenimento, porém legendados;
- ✓ Trazer para sala de aula mais músicas, dinâmicas, brincadeiras e jogos educativos;
- ✓ Confeccionar placas informativas de saudações e cumprimentos;
- ✓ Organizar Workshops com seminários desenvolvidos pelos alunos, dentro e fora da sala de aula e gincanas da Língua Inglesa entre as turmas de 6º ao 9º ano através da interdisciplinaridade;
- ✓ Elaborar Projetos de cursos com palestras periodicamente sobre temas específicos de LI, a critério da instituição;
- ✓ Promover rodas de conversas em inglês entre os alunos;
- ✓ Contribuir para práticas de ensino inovadoras que possibilitem ao professor capacitar-se ainda mais e ao aluno maior contato com a língua fora da sala de aula;

Desta forma, utilizando-se como referência os resultados acima e as sugestões de melhoria, poderão aprimorar o desenvolvimento dos alunos e ainda o interesse para a realização das atividades sugeridas e desta forma trabalhar de acordo com as dificuldades que muitos alunos apresentam e diminuindo o índice de fracasso escolar quanto ao ensino de LI. É notório que há certas mudanças mais essenciais, porém que vão além do alcance do âmbito escolar, partindo para as esferas governamentais, principalmente quanto à questão financeira, mas com a participação dos alunos e da família, em relação ao custo de certas atividades de maior amplitude.

Para que as sugestões acima possam ser desenvolvidas é necessária a disponibilização de recursos didáticos para cada atividade em específico, assim como o apoio de toda a comunidade escolar, não somente do professor. Por conseguinte desenvolver então a interdisciplinaridade entrando em parceria com os demais professores de outras disciplinas, e ampliando o alcance da prática do ensino de língua inglesa envolvendo os próprios alunos, com visuais de saudações, cumprimentos entre outras frases mais comuns utilizadas. Pois, como alguns dos alunos ressaltaram nos resultados analisados eles esperam envolver-se mais na organização e realização de tais atividades, pois a língua inglesa é como uma ferramenta útil para o crescimento pessoal e profissional de cada um.

Portanto, mesmo sendo uma tarefa árdua, o ensino de Li na instituição precisa ter mais atenção, para que se possam alcançar as metas estabelecidas quanto ao que se espera no desenvolvimento e aprendizagem de cada aluno, a partir de novas formas de se ensinar, através da inovação das práticas de ensino e ainda a atualização dos conhecimentos por parte do professor, através de cursos desenvolvidos pela própria esfera governamental, conforme mudanças e eventos que acontecem nos âmbitos local, regional, nacional e internacional, possibilitando ao aluno um ensino relacionado a seu cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou a abordagem quanto ao processo de ensino aprendizagem da língua inglesa nas escolas públicas com autores como Crystal (2019), Colet (2019), Lorenzi e Fiamoncini (2018), Messias e Norte (2013) e Mourão (2012), que destacaram desde a origem do inglês como língua assim como seu desenvolvimento no contexto histórico a se tornar uma língua franca e os primeiros registros do ensino no âmbito escolar até a situação do ensino de línguas nos dias atuais.

Mediante respostas das indagações levantadas a priori para atender os resultados esperados dos objetivos propostos, constatou-se que os principais desafios enfrentados no processo de ensino aprendizagem da Língua Inglesa nos anos finais do ensino fundamental estão relacionados a questões sociais. Tais como, aceitação do ensino de LI ou rejeição tendo em vista as poucas práticas no cotidiano, desmotivando-os quanto a adquirir uma segunda língua como parte do seu vocabulário linguístico, questões econômicas, já que muitos dos alunos por serem de baixa renda não são aptos a comprar apostilas e dicionários a serem utilizados no cotidiano escolar.

Há ainda a falta de mais recursos didáticos gratuitos ou até mesmo insuficientes para se desenvolver práticas que se alinhem ao cotidiano e a realidade do aluno, observou-se também que muitos pelas dificuldades que demonstram em aprender ou assimilar o assunto, não prestam atenção nas aulas. Pois situações como a superlotação das turmas e o desnivelamento dos alunos quanto ao que já conhecem ou que ainda podem conhecer da estrutura da língua, são fatores que enfraquecem o ensino e, portanto não é possível chegar aos resultados desejados.

Em contrapartida percebeu-se que os fatores que favorecem o processo de ensino aprendizagem da Língua Inglesa na escola, em parte se dão pelo reconhecimento do ensino da língua apontando sua relevância, tanto do aluno, quanto dos professores, analisando então que é necessário envolvimento direto de ambos, assim como o uso de atividades complementares para dinamizar a aula, como seminários, dinâmicas, jogos educativos. Nas quais tais atividades já são utilizados pelas professoras na referida instituição, possibilitando maior interação por parte dos alunos, o aumento do número de aulas é o mais desejado, mesmo que não seja a realidade é o almejado, considerando que são ministradas as aulas da

disciplina de língua inglesa apenas uma vez por semana, distribuído em dois horários. Em relação às práticas de ensino em sala de aula, é essencial formação contínua do professor, já que o mesmo necessita se atualizar quanto às mudanças que acompanham a trajetória do ensino de LI, para aprimoramento do mesmo e assim modificar as suas práticas de ensino conforme as peculiaridades de cada aluno.

Este estudo mostra a relevância para novas pesquisas no âmbito do processo de ensino aprendizagem da língua inglesa em escolas públicas, e teve os objetivos alcançados, a partir da verificação e análise de falhas encontradas neste processo e a identificação dos desafios externos e internos, assim como os fatores que contribuem para melhoria, que guiam o professor e a instituição. Para que possam agir em favor da melhoria na qualidade do ensino de LI e proporcionem aos alunos práticas de língua inglesa no âmbito escolar através da leitura, escrita, oralidade, conversas formais e informais que podem direcioná-los a novos rumos quanto à continuação de seus estudos e oportunidades mais amplas quanto a empregos que solicitam a língua inglesa como requisito de habilidades e competências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMSTRONG, Thomas. **7 Tipos de Inteligência**. Tradução de Oliveira Júnior. Rio de Janeiro – RJ: Record, 2003.

ANTUNES, Celso. **Jogos para estimulação das múltiplas inteligências**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1ª Ed., São Paulo – SP: Edições 70 Persona, 1977.

BOTTO, Maria Isabel Donas. Ensinar com (a história da) arte. In: LUÍS, Ana R. (Org.). **O Cruzamento De Saberes Na Aula De Inglês: Contributos Para Uma Prática Multidisciplinar**. Recurso Eletrônico, Universidade de Coimbra: Lisboa – Portugal, 2013. p. 91 a 101.

BRASIL. Instituto de Pesquisas Plano CDE. **Teaching English: O Ensino de Inglês na Escola Pública Brasileira**, British Council Brasil. São Paulo - SP, 2015. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf> Acessado em: 02/02/2020.

BRASIL. **Lei Nº 13. 415, de 16 de Fevereiro de 2017**. Brasília – DF, 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm#art2>. Acessado em 20/01/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – Educação Básica**, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_versaofinal.pdf>. Acessado em 02/02/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Caderno de Reflexões – Jovens de 15 a 17 Anos no Ensino Fundamental**. Via Comunicação, Brasília – DF, 2011. Disponível em:<http://educacaointegral.mec.gov.br/images/pdf/biblioteca/coef2011_caderno_reflexoes.pdf>. Acessado em 04/03/2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira.** Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf>. Acessado em: 15/01/2020.

BROWN, H. Douglas. **Principles of Language Learning And Teaching.** 5th Ed. San Francisco State University, United States of America, 2006.

BÜHRER, Édina Aparecida Cabral. **A sala de aula de língua inglesa na perspectiva das inteligências múltiplas: aplicações e implicações.** Dissertação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba – PR, 2005. Disponível em: <[https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24555/D - BUHRER%2C EDINA APARECIDA CABRAL.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24555/D_-_BUHRER%2C_EDINA_APARECIDA_CABRAL.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acessado em 10/02/2020.

CAMARA, Rosana Hoffman. **Análise de Conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações.** Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, jul – dez. Brasília – DF, 2013. p. 179-191. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>>. Acessado em 03/03/2020.

CASTILHO, Aline de Albuquerque; CASTILHO, Aldinéia de Albuquerque; SANTOS, Juliano Ciebre dos. **O Inglês no Ensino Público.** Guarantã do Norte – MT, 2014. Disponível em: <<https://www.revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/download/142/pdf%0A%0A>>. Acessado em 03/02/2020.

COLET, Andreia Roberta Rossi. **Língua Inglesa: A Prática Pedagógica em Sala de Aula.** 1^a Ed, Recurso Eletrônico. Curitiba – PR: Appris, 2019.

CRYSTAL, David. **The Cambridge Encyclopedia of the English Language.** 3rd Ed, Ebook, Cambridge University Press. Cambridge – England, 2019.

CRYSTAL, David. **English as Global Language.** 2nd Ed, Ebook. Cambridge University Press. Cambridge – England, 2011.

EMONDS, Joseph Embley; FARLUND, Jan Terje. **English: The Language of Vikings.** Vol. 3, Ebook, Palacký University. Olomouc – Czech Republic, 2014.

GARCIA, Daniela Nogueira de Moraes; MESSIAS, Rozana Aparecida Lopes; NORTE, Mariangela Braga. Tecnologias da informação e comunicação aplicadas à língua estrangeira. In: NORTE, Mariangela Braga; JUNIOR, Klaus Schlünzen; SCHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya (Orgs.). **Língua Inglesa Recurso Eletrônico**. Coleção Temas de Formação. Cultura Acadêmica, Universidade Estadual Paulista, Núcleo de Educação à Distância. São Paulo, 2013. p. 261 a 307. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/179739/3/unesp-nead-redefor_ebook_coltemasform_linguainglesa_v4_audiodesc_20141113.pdf>. Acessado em: 15/01/2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª Ed., São Paulo – SP: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Ed., São Paulo – SP: Atlas, 2008.

HARMER, Jeremy. **The Practice of English Language Teaching**. Edition Longman, 2003.

KALVA, Julia Margarida; FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Ensino De Inglês Como Língua Franca e a Identidade Nacional: Refletindo Sobre a Formação de Professores**. Revista Travessias, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Vol 5, Nº 1, 2011. Disponível em <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/search/search?simpleQuery=LINGUA+FRA+NCA&searchField=query>>. Acessado em 07/01/2020.

LORENZI, Estela Maris Bogo; FIAMNOCINI, Luciana. **Didática da Língua Inglesa I**. Núcleo de Educação a Distância UNIASSELVI. Indaial – SC, 2018.

MACHADO, Gabriela Felipe. **A Teoria das Inteligências Múltiplas em Ação: O ensino de língua inglesa na educação infantil**. Monografia (Graduação em Letras). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa - PB, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/3207/1/GFM09122010.pdf>>. Acessado em 18/02/2020.

MATOS, Aldemário Vital. **Desenho Animado Nas Aulas De Língua Inglesa: Mediação De Práticas Sociais, Éticas E Saberes Intelectuais**. 1ª Ed. Recurso

eletrônico. Rio de Janeiro – RJ: Gramma, 2016.

MESSIAS, Rozana Aparecida Lopes; NORTE, Mariângela Braga. Abordagens, Métodos e perspectivas sociointeracionistas no ensino de língua estrangeira. In: NORTE, Mariangela Braga; JUNIOR, Klaus Schlünzen; SCHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya (Orgs.). **Língua Inglesa Recurso Eletrônico**. Coleção Temas de Formação. Cultura Acadêmica, Universidade Estadual Paulista, Núcleo de Educação à Distância. São Paulo, 2013. p. 16 a 67. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/179739/3/unesp-nead-redefor_ebook_coltemasform_linguainglesa_v4_audiodesc_20141113.pdf>. Acessado em: 10/01/2020.

MILLWARD, C. M.; HAYES, Mary. **A Biography of The English Language**. 3rd Ed, Ebook. Cengage Learning, 2011.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, v. 22, n. 37, p. 7-32. Porto Alegre – RS, 1999. Disponível: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf>. Acessado em 03/03/2020.

MOURÃO, Jessé. **O Ensino De Língua Inglesa E Suas Metodologias** . Recurso Eletrônico. Tianguá – CE: Clube de Autores, 2012.

NORTE, Mariangela Braga; Lingua Inglesa: Estudo e Ensino. In: NORTE, Mariangela Braga; JUNIOR, Klaus Schlünzen; SCHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya (Orgs.). **Língua Inglesa Recurso Eletrônico**. Coleção Temas de Formação. Cultura Acadêmica, Universidade Estadual Paulista, Núcleo de Educação à Distância. São Paulo, 2013. p. 11 a 15. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/179739/3/unesp-nead-redefor_ebook_coltemasform_linguainglesa_v4_audiodesc_20141113.pdf>. Acessado em: 15/01/2020.

PACKETT, Andrew. Reconceptualising Grammar. In: LUÍS, Ana R. (Org.). **O Cruzamento De Saberes Na Aula De Inglês: Contributos Para Uma Prática Multidisciplinar**. Recurso Eletrônico. Universidade de Coimbra, Lisboa – Portugal, 2013. p. 243 a 266.

PIRES, Eliane Cristine Raab. **A Língua Inglesa: uma referência na sociedade da globalização**. Instituto Politécnico de Bragança. Bragança – Portugal, 2002. Acessado em 30/05/2019. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/215/1/67%20%20A%20I%C3%ADngu%20inglesa.pdf>>.

PORTELA, Manuel. Árvore, rede e labirinto: o hipertexto eletrônico na aprendizagem e no ensino. In: LUÍS, Ana R. (Org.). **O Cruzamento De Saberes Na Aula De Inglês: Contributos Para Uma Prática Multidisciplinar**. . Recurso Eletrônico, Universidade de Coimbra, Lisboa – Portugal, 2013. p. 191 a 216.

SANTANNA, Magali Rosa de; SPAZIANI, Lúcia; GÓES, Maria Cláudia de. **As Principais Metodologias de Ensino de Língua Inglesa no Brasil**. 1ª Ed. Recurso Eletrônico. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2014.

TEIXEIRA, Joyce Rodrigues Lage; SILVA, Vítor Ramos da. **Inglês e a Escola Pública: Um Estudo do Real**. Revista Acadêmica Universidade Unigranrio. Vol. 1, N. 15, 2017. Disponível em: <<https://www.publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/download/2983/2394>>. Acessado em: 16/01/2020.

XAVIER, João Paulo Bernardo. **O professor de Língua Inglesa: novos rumos para o curso de licenciatura**. 1ª ed. Recurso Eletrônico. Curitiba – PR: Appris, 2016.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO PROFESSORES

PESQUISA: O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: Análise Na E.M.E.F Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba – Pará

O QUE É A PESQUISA: O estudo busca descrever as percepções de professores e alunos do Ensino Fundamental na E.M.E.F Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso em Itaituba – PA, acerca do processo de ensino aprendizagem nas aulas de Língua Inglesa dos anos finais, compreendendo alunos e professores do 6º ao 9º ano. Para isso, será aplicado um questionário estruturado contendo questões pertinentes ao assunto da pesquisa, por conta disso serão utilizados nomes fictício e não serão divulgados de nenhuma forma dados que possam identificar aos adolescentes e os professores.

O QUE SERÁ FEITO COM O MATERIAL RECOLHIDO (OU INFORMAÇÕES) DO SUJEITO PESQUISADO: As informações obtidas serão tratadas em conjunto com a de outros informantes. Nenhum material biológico será coletado.

RISCOS, PREVENÇÃO E BENEFÍCIOS PARA O SUJEITO DA PESQUISA: Não se percebe nenhum tipo de **risco**, pois não tem como objetivo interferir ou influenciar no cotidiano escolar do professor, mas apenas ouvi-los. Em todo caso, compete a mim enquanto pesquisadora **prevenir** e zelar pela garantia de que todas as informações serão tratadas obedecendo princípios éticos de pesquisa com seres humanos. Quanto aos **benefícios** da participação neste trabalho, ressalta-se a possibilidade de construir novos conhecimentos a partir do assunto, o que poderá auxiliar na compreensão do tema pesquisado – processo de ensino aprendizagem da Língua Inglesa. Desta forma pretende-se construir subsídios que poderão contribuir com a pesquisa científica, elaboração de relatórios e artigos científicos na área de abrangência do estudo.

GARANTIAS E INDENIZAÇÕES: As informações obtidas serão utilizadas apenas para os objetivos deste estudo. Você tem o direito de negar-se a participar sem qualquer prejuízo para o exercício de sua função. Da mesma forma, o participante poderá a qualquer momento, sem necessidade de justificar o motivo da desistência, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou perda de qualquer benefício que

possa ter adquirido. Em caso de prejuízo ao informante ele terá direito a indenizações legalmente estabelecidas.

ESCLARECIMENTOS E DÚVIDAS: A principal investigadora é a Acadêmica Iara Maíkele Pereira da Silva, caso queira entrar em contato com a pesquisadora, a Acadêmica Iara Máíkele Pereira da Silva, encontrá-la no endereço: Rua Décima Segunda, nº 504, Floresta, pelos telefones (93) 99141-2905 ou (97) 98404-3961, em qualquer horário (manhã, tarde e noite) ou ainda através da professora Caren Alessandra Klusca, Msc. (Orientadora) pelo telefone (93) 99105-8726.

FINANCIAMENTOS: Como o referido projeto não conta com financiamento externo, a pesquisadora não terá condições de fazer nenhum pagamento aos participantes.

DECLARAÇÃO

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa e me sinto perfeitamente esclarecido (a) sobre o conteúdo da mesma, assim como seus riscos e benefícios. Declaro ainda que, por minha vontade, aceito responder aos instrumentos que se fizerem necessários.

Itaituba, ____ de _____ de 2020.

Participante da Pesquisa

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO ALUNOS

PESQUISA: O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: Análise Na E.M.E.F Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba – Pará

O QUE É A PESQUISA: O estudo busca descrever as percepções de professores e alunos do Ensino Fundamental na E.M.E.F Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso em Itaituba – PA, acerca do processo de ensino aprendizagem nas aulas de Língua Inglesa dos anos finais, compreendendo alunos e professores do 6º ao 9º ano. Para isso, será aplicado um questionário estruturado contendo questões pertinentes ao assunto da pesquisa, por conta disso serão utilizados nomes fictício e não serão divulgados de nenhuma forma dados que possam identificar aos adolescentes e os professores.

O QUE SERÁ FEITO COM O MATERIAL RECOLHIDO (OU INFORMAÇÕES) DO SUJEITO PESQUISADO: As informações obtidas serão tratadas em conjunto com a de outros informantes. Nenhum material biológico será coletado.

RISCOS, PREVENÇÃO E BENEFÍCIOS PARA O SUJEITO DA PESQUISA: Não se percebe nenhum tipo de **risco**, pois não tem como objetivo interferir ou influenciar no cotidiano escolar do professor, mas apenas ouvi-los. Em todo caso, compete a mim enquanto pesquisadora **prevenir** e zelar pela garantia de que todas as informações serão tratadas obedecendo princípios éticos de pesquisa com seres humanos. Quanto aos **benefícios** da participação neste trabalho, ressalta-se a possibilidade de construir novos conhecimentos a partir do assunto, o que poderá auxiliar na compreensão do tema pesquisado – processo de ensino aprendizagem da Língua Inglesa. Desta forma pretende-se construir subsídios que poderão contribuir com a pesquisa científica, elaboração de relatórios e artigos científicos na área de abrangência do estudo.

GARANTIAS E INDENIZAÇÕES: As informações obtidas serão utilizadas apenas para os objetivos deste estudo. Você tem o direito de negar-se a participar sem qualquer prejuízo para o exercício de sua função. Da mesma forma, o participante poderá a qualquer momento, sem necessidade de justificar o motivo da desistência, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido. Em caso de prejuízo ao informante ele terá direito a indenizações legalmente estabelecidas.

ESCLARECIMENTOS E DÚVIDAS: A principal investigadora é a Acadêmica Iara Maíkele Pereira da Silva, caso queira entrar em contato com a pesquisadora, a Acadêmica Iara Máíkele Pereira da Silva, encontrá-la no endereço: Rua Décima Segunda, nº 504, Floresta, pelos telefones (93) 99141-2905 ou (97) 98404-3961, em qualquer horário (manhã, tarde e noite) ou ainda através da professora Caren Alessandra Klusca, Msc. (Orientadora) pelo telefone (93) 99105-8726.

FINANCIAMENTOS: Como o referido projeto não conta com financiamento externo, a pesquisadora não terá condições de fazer nenhum pagamento aos participantes.

DECLARAÇÃO

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa e me sinto perfeitamente esclarecido (a) sobre o conteúdo da mesma, assim como seus riscos e benefícios. Declaro ainda que, por minha vontade, aceito responder aos instrumentos que se fizerem necessários.

Itaituba, ____ de _____ de 2020.

Participante da Pesquisa

Pais/Responsável

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PROFESSORES

Este questionamento tem por finalidade contribuir para o trabalho de conclusão de Curso - TCC, intitulado: **O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: Análise Na E.M.E.F Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba – Pará.**

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo: _____ Idade: _____

Formação: _____

Tempo de formação: _____ Tempo de atuação na escola _____

Disciplina que trabalha: _____

1ª Diante das mudanças na LDB nº 9.394 de 20 de novembro de 1996 que estabelecia o ensino de uma língua estrangeira nas escolas brasileiras apenas, que impacto teve a obrigatoriedade do ensino da Língua Inglesa a partir do 6º Ano com a LDB de nº 13.415 de 16 de Fevereiro de 2017?

() Significante () Continua da mesma forma () Indiferente

Justifique: _____

2ª Alguns recursos didáticos são disponibilizados ao professor de Língua Inglesa, você acredita que somente o livro didático ou apostila selecionada é necessário para se abordar os pontos observados pela BNCC?

3ª Quais as metodologias utilizadas por você em sala de aula, durante as aulas de Língua Inglesa?

4ª Em quais atividades os alunos demonstram mais interesse pelo aprendizado da Língua Inglesa?

() Seminários/Apresentações

() Produção/Tradução de Textos

() Conversações em Inglês

() Leitura Coletiva/Individual

() Outra(s). Qual (is)? _____

5ª Com que frequência, você utiliza recursos didáticos além do livro didático ou apostila?

() Semanalmente () Mensalmente () Em todas as aulas () Nunca

Qual (is):_____.

6ª Como se dá a avaliação dos alunos no decorrer do bimestre, para analisar se o mesmo tem aprendido as metas e objetivos esperados pela BNCC ou PCN?

7ª Você já realizou alguma formação além da graduação em relação a sua atuação na Língua Inglesa?

() Sim () Não

Se sim, qual (is):_____.

8ª Em sua opinião, para ministrar aulas da disciplina de Língua Inglesa, é necessário ser fluente ou falante da língua?

() Sim () Não () Em parte

Justifique:_____

9ª Em sua trajetória quanto ao Ensino de Língua Inglesa, quais os desafios enfrentados e o que deveria ser feito para melhorar a qualidade do ensino da mesma na sua escola?

Obrigada pela participação!

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO ALUNOS

Este questionamento tem por finalidade contribuir para o trabalho de conclusão de Curso - TCC, intitulado: **O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: Análise Na E.M.E.F Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso, em Itaituba – Pará**

Prezado (a) aluno (a), você recebeu esse questionário com algumas perguntas sobre o processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa na sua escola. Por favor, responda com sinceridade e calma. Verifique se respondeu todas as questões antes de entregar.

IDENTIFICAÇÃO:

Turma: _____ Turno: _____

Gênero: () M () F Idade: _____

Marque com “X” a opção que considerar correta.

1ª Como você classificaria seu interesse na aprendizagem de uma Língua Estrangeira (Língua Inglesa), além da sua língua materna (Língua Portuguesa)?

() Muito () Razoável () Pouco () Não tenho interesse

Justifique: _____

2ª Sobre o ensino da Língua Inglesa na sua escola, você considera?

() Útil, vou precisar no meu futuro.

() Desnecessário, não tem como utilizar fora da sala de aula.

() Indiferente, pois não consigo aprender.

3ª Você faz ou fez algum curso de inglês em instituição específica de ensino de idiomas?

() Sim, já fiz ou estou fazendo () Sim, mas parei () Nunca fiz

Se sim, você acredita que aprendeu mais lá do que na escola ao qual você estuda?

Justifique: _____

4ª Com que frequência você utiliza a Língua Inglesa fora da sala de aula?

() Sempre () Quase nunca () Às vezes () Nunca

De que forma (s)? _____

5ª Com que frequência acontece momentos de interação na sala de aula, com conteúdos específicos da Língua Inglesa (Músicas, Filmes, Conversação)?

() Semanalmente () Mensalmente () Nunca

6ª Sobre sua participação em relação a seminários, eventos da escola, realização de atividades em livros didáticos ou apostilas ou provas referente a Língua Inglesa, você consegue realizar todas com facilidade?

() Sim, consigo. () Não consigo.

() Somente algumas.

Qual (is)? Justifique: _____

7ª Existem 3 (três) eixos que direcionam o ensino da Língua Inglesa, Oralidade (Conversação), Leitura e Escrita, quais deles chamam mais a sua atenção para aprender a Língua Inglesa?

() Oralidade () Escrita () Leitura () Todos () Nenhum

Justifique: _____

8ª Quais os recursos você utiliza para tradução de palavras, textos, frases sugeridos em atividades pelo professor (a) na sala de aula?

() Tradutor na Internet (Ex: Google Tradutor, Bing Tradutor, etc)

() Dicionário (Português/Inglês)

() Vocabulário do Livro Didático/Apostila

() Outro (s). Qual (is)? _____

9ª Você considera o livro didático/apostila suficiente para aprender a Língua Inglesa?

() Sim () Não

Justifique: _____

10ª Quais são as dificuldades que você tem em aprender a Língua Inglesa?

11ª O que deveria ser feito para melhorar o ensino de Língua Inglesa na sua escola?

Obrigada pela participação!